



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

JORGE LUIZ ABDON

O MUSEU SOLAR MONJARDIM COMO MEDIADOR DOS  
PROCESSOS EDUCATIVOS

VITÓRIA 2024



mestrado profissional  
ppgmpe/ufes

**JORGE LUIZ ABDON**

**O MUSEU SOLAR MONJARDIM COMO MEDIADOR DOS  
PROCESSOS EDUCATIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa Docência e Gestão de Processos Educativos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>: Regina Celi Frechiani Bitte.

**VITÓRIA  
2024**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

A135 m Abdon, Jorge Luiz, 1975-  
O Museu Solar Monjardim como mediador dos processos educativos / Jorge Luiz Abdon. - 2024.  
123 p. : il.

Orientadora: Regina Celi Frechiani Bitte.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Museus. 2. Práticas educativas em museus. 3. Processos educativos. I. Bitte, Regina Celi Frechiani. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

Ata da sessão da centésima sexagésima sétima defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, do discente **JORGE LUIZ ABDON**, candidato ao título de Mestre em Educação, realizada às **09h00min** do dia **vinte e oito de agosto de dois mil e vinte e quatro**. A presidente da Banca, **Regina Celi Frechiani Bitte**, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituída pelas Doutoradas Miriã Lucia Luiz e Sônia Maria dos Santos. Em seguida, cedeu a palavra ao candidato que em trinta minutos apresentou sua dissertação intitulada **“O MUSEU SOLAR MONJARDIM COMO MEDIADOR DOS PROCESSOS EDUCATIVOS”**. Terminada a apresentação do aluno, a presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. A presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e a presidente informou aos presentes que a dissertação havia sido APROVADA. A presidente, então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 28 de agosto de 2024.

---

**Profa. Dra. Regina Celi Frechiani Bitte**

Orientadora

---

**Profa. Dra. Miriã Lucia Luiz**

Membro Interno (UFES)

---

**Profa. Dra. Sônia Maria dos Santos**

Membro Externo (UFU)

Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Educação – Programa de Pós-graduação Profissional em Educação. Avenida Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória/ES. CEP: 29075-910. Telefone: (27) 4009-7779. E-mail: pos.ppgmpe@ufes.br





## 01. Ata de sessão de defesa - Jorge Luiz Abdon (2)

Data e Hora de Criação: 29/08/2024 às 13:52:53

Documentos que originaram esse envelope:

- 01. Ata de sessão de defesa - Jorge Luiz Abdon (2).pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



### Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: 3692bfe0df2845298e793e0914bc66dfb864d44fb79077b8ad7439725c13e048

[SHA512]: 7340a5cf4b8284b14b431db532bab149bfb95591dc7be98265cb882b0798d59211d0915e4c69096fa1bb765c0ff9f54402a96987cd07c095320d93c68f78a059

### Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



#### ASSINADO - Regina Celi Frechiani Bitte (regina.frechiani@ufes.br)

Data/Hora: 29/08/2024 - 14:16:11, IP: 187.36.175.250

[SHA256]: 3f314d7667324bdd94d6ad25c25fd3ca63cb0de543bd2a669b8976e10f013087



#### ASSINADO - Miriã Lúcia Luiz (miria.l Luiz@gmail.com)

Data/Hora: 29/08/2024 - 14:23:08, IP: 187.36.175.115, Geolocalização: [-20.309606, -40.298086]

[SHA256]: 79fd512c15153eb9a033449633d0e640114ce51c04c106aa516e4de3a6a58824



#### ASSINADO - Sonia Maria dos Santos (soniaufu@gmail.com)

Data/Hora: 29/08/2024 - 15:13:40, IP: 189.37.65.138, Geolocalização: [-18.901556, -48.247359]

[SHA256]: 0451919396d9806c0141c6f8026cb0776d58c204c1feb6e047d9c325f6896ddf

### Histórico de eventos registrados neste envelope

29/08/2024 15:13:40 - Envelope finalizado por soniaufu@gmail.com, IP 189.37.65.138

29/08/2024 15:13:40 - Assinatura realizada por soniaufu@gmail.com, IP 189.37.65.138

29/08/2024 14:23:08 - Assinatura realizada por miria.l Luiz@gmail.com, IP 187.36.175.115

29/08/2024 14:22:56 - Envelope visualizado por miria.l Luiz@gmail.com, IP 187.36.175.115

29/08/2024 14:16:12 - Assinatura realizada por regina.frechiani@ufes.br, IP 187.36.175.250

29/08/2024 13:55:46 - Envelope registrado na Blockchain por regina.frechiani@ufes.br, IP 187.36.175.250

29/08/2024 13:55:45 - Envelope encaminhado para assinaturas por regina.frechiani@ufes.br, IP 187.36.175.250

29/08/2024 13:52:53 - Envelope criado por regina.frechiani@ufes.br, IP 187.36.175.250

JORGE LUIZ ABDON

O MUSEU SOLAR MONJARDIM COMO MEDIADOR  
DOS PROCESSOS EDUCATIVOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa Docência e Gestão de Processos Educativos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: 28 de agosto de 2024

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª Regina Celi Frechiani Bitte.  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

Profª Drª Miriã Lúcia Luiz  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Interno

---

Profª Drª Sônia Maria dos Santos  
Universidade Federal de Uberlândia  
Membro Externo

VITÓRIA - ES

2024

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar; a Ele devo tudo que sou e o que um dia serei. Ele é meu sustentador e Senhor!

A meus pais, Samuel Silvério Abdon (*in memóriam*) e Maria Luiza da Cunha Abdon, que sem entender as dimensões de uma vida dedicada aos estudos, apoiavam minhas iniciativas com os livros.

A minha querida esposa Miriam Valéria, que dividiu as minhas responsabilidades nos dias de estudos dedicados a essa pesquisa.

A meus filhos Arthur Pereira Abdon e Lidia Pereira Abdon, que se orgulham de ter um pai que está sempre estudando.

A irmãos e irmãs, tios e tias, que sempre me aconselharam a estudar e a investir tempo nas leituras.

A minha orientadora, professora Regina Bitte, que acreditou no meu potencial e me acolheu, demonstrando em todo o tempo sua grande paciência para comigo.

As professora Miriã Lúcia Luiz e Sonia Maria dos Santos que contribuíram com a minha pesquisa desde a banca de qualificação, apontando caminhos para aperfeiçoamento da pesquisa.

Ao coordenador do Museu Solar Monjardim, Evaldo Pereira Portela, junto com sua equipe de servidores e monitores. Ao André Santos Sesquim, assessor de comunicação; a Angela Vieira Abreu, responsável pelo setor de documentação e arquivos; ao monitor Antônio Schwab Correa, pela entrevista concedida.

Aos professores que gentilmente cederam as suas narrativas para a construção desta pesquisa, participando das nossas entrevistas: Professora e Mestre Gabriela Contão Carvalho, Professor Mestrando Bruno Almeida Zamite, Professor Mestre Oziel Nazaré Abreu e Professor Martinho Guilherme Soares.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que usaram suas palavras de incentivo e encorajamento, sempre acreditando e querendo o bem para minha vida.

## RESUMO

Pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, e vinculada à linha de pesquisa Docência e Gestão de Processos Educativos. Tem como objetivo principal analisar narrativas de monitores e professores quanto às concepções de museu que permeiam as propostas educativas do Museu Solar Monjardim (MSM), localizado em Vitória-ES, bem como a produção de sentidos e conhecimentos na relação de parceria com a educação institucionalizada. Para tanto, realizou pesquisa de campo no MSM para conhecer as atividades educativas desenvolvidas e entrevistar monitores que atendem ao público em geral. Além disso, promoveu momentos de escuta a educadores da Educação Básica que frequentaram o museu ano de 2023, buscando entender como desenvolveram seus trabalhos junto aos alunos após conhecerem o museu. A justificativa pela escolha do tema está no aprendizado que pode começar por meio histórias individuais localizadas numa história coletiva. Ao realizar o Estado do Conhecimento, percebeu o quanto um museu contribui para a formação de estudantes e como produz neles sentimentos de pertencimento. Utiliza como referencial teórico autores como Pereira (2011), Chagas (2016) e Ramos (2004), que discutem a temática da educação em museus. A pesquisa de campo envolveu: a) entrevistas com funcionários do setor educativo do MSM e professores que visitaram o MSM no primeiro semestre de 2023; b) observações das atividades desenvolvidas no interior do MSM. Com base nos pressupostos da História Oral, as entrevistas revelaram que o MSM se apresenta de forma contemporânea, apesar de carregar o nome de uma família abastada dos séculos XVIII e XIX. Os professores entrevistados clamaram por uma renovação do museu, por considerarem-no elitista, e também apontaram para a necessidade de um chamamento democrático por meio de mais divulgação da instituição e do acervo. O MSM se apresenta disposto a ouvir e a interagir com estudantes que ali desenvolvem estudo de campo.

**Palavras-chave:** Prática Pedagógica. História Oral. Espírito Santo. Museu Solar Monjardim.



## ABSTRACT

This research was developed together with the Postgraduate Professional Master's Program in Education, at the Federal University of Espírito Santo and is linked to the Teaching and Management of Educational Processes research line. Its main objective was to analyze in the narratives of monitors and teachers of museum that permeate the educational proposals of the Museu Solar Monjardim (MSM), as well as the production of meanings and knowledge in the partnership relationship with institutionalized education. To this end, field research was carried at the MSM located in Vitória-ES, to learn about the educational activities developed. The field research experiences at the museum also served to simultaneously carry out interviews about the monitors' actions with the general public. In addition, a search and listening was carried out by Basic Education educators who were at the museum in 2023, seeking to understand how their work developed with the students after visiting the museum. The justification for choosing the theme lies in the learning that can begin with individual stories located in a collective history. These characteristics of the museum were also identified when we carried out the State of Knowledge. It was noticed how much a museum contributes to the training of students and how it produces feelings of belonging. The theoretical framework in this research includes Pereira (2011), Chagas (2016) and Ramos (2004) who discuss the issue of Education in museums. Field research consists of the following procedures: a) interviews with employees from the MSM educational sector and teachers who visited the MSM in the first half of 2023; b) observations of activities carried out within the MSM. Based on the assumptions of Oral History, the thematic interviews revealed that the MSM presents itself in a contemporary way, despite bearing the name of a wealthy family in the 18th and 19th centuries. The teachers interviewed called for renewal, felt elitism and demanded a democratic call through more publicity of the institution and collections. But even so, the MSM is willing to listen and interact with students who carry out field studies there.

**Keywords:** Museum. Dialogues. Sense. Scientific research. Oral History.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Trabalhos usando o termo: “ <i>ações educativas em museus</i> ” .....	36
<b>Quadro 2</b> - Trabalhos usando o termo: “ <i>práticas educativas em museus</i> ” .....	37
<b>Quadro 3</b> – Trabalhos selecionados para nossa pesquisa.....	38

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BDTD : Biblioteca Digital de Teses e

DissertaçõesES: Espírito Santo

HO: História Oral

MSM: Museu Solar Monjardim

UFES: Universidade Federal do Espírito Santo

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>HISTÓRIA DOS MUSEUS: DO TEMPLO DAS MUSAS AOS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS .....</b>	<b>18</b>
1.1	HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DOS MUSEUS .....	18
1.2	A CRIAÇÃO DOS MUSEUS NO BRASIL .....	25
1.3	OS MUSEUS NO ESPÍRITO SANTO .....	29
1.4	O MUSEU SOLAR MONJARDIM .....	31
<b>2</b>	<b>PANORAMA DE TESES E DISSERTAÇÕES QUE ABORDAM A EDUCAÇÃO EM MUSEUS .....</b>	<b>35</b>
<b>3</b>	<b>MUSEU: GUARDIÃO DE OBJETOS MEDIADORES DE MEMÓRIAS E SEU PAPEL EDUCATIVO .....</b>	<b>50</b>
<b>4</b>	<b>MUSEU SOLAR MONJARDIM: ENCONTRO DE MEMÓRIAS, APRENDIZAGENS, FORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO .....</b>	<b>65</b>
4.1	FORMAÇÃO E BEM-ESTAR DOS COLABORADORES .....	66
4.2	DIVULGAÇÃO E RELEVÂNCIA DAS EXPOSIÇÕES DO MUSEU SOLAR MONJARDIM .....	69
4.3	POTENCIAL DO MUSEU SOLAR MONJARDIM .....	75
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>93</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

As primeiras menções à palavra “museu” ocorreram na Grécia, onde *mouseion* era o nome dado a um templo de Atenas dedicado às musas. Os antigos museus tinham a finalidade prioritária de atender um grupo reservado de pessoas das elites que, segundo Santos (2019), eram geralmente pessoas do clero, da nobreza e da burguesia.

Esses museus acolhiam a admiração dos visitantes aos expositores, geralmente dominadores governantes. Somente a partir do século XVIII é que esses espaços passaram a delinear objetivos educativos. Os acervos, então, antes privativos das realezas, passaram a integrar as exposições públicas e a fazer parte da identidade nacional. Conforme Bitte, “os museus tinham a pretensão de se tornarem instituições de saber e poder, saber que ficou muito tempo restrito a determinados segmentos da sociedade” (2016, p. 74).

No século XIX, o museu do Louvre instituiu um serviço permanente voltado para questões pedagógicas. Outrossim, a direção do *Victoria and Albert Museum de Londres*, entre 1914 e 1918, organizou uma série de exercícios relacionados às peças do museu, dirigidos e pensados para estudantes, inaugurando, assim, uma etapa que pode ser definida como pedagógica (VARINE-BOHAN, 1979).

No Brasil, os museus estiveram vinculados a interesses políticos durante muito tempo. A saber, quando o país se tornou Reino Unido de Portugal e Algarves, em 1815, várias iniciativas foram tomadas por D. João VI, entre elas, a criação do MuseuReal, que mais tarde se tornou o Museu Nacional. Este, por sua vez, foi constituído a partir de acervos trazidos pela Coroa e de material oriundo da “Casa dos Pássaros”, instituição colonial que colecionava objetos que seriam enviados pelos vice-reis à Corte Portuguesa, no intuito de apresentar à metrópole a riqueza natural da Colônia e de outras instituições.

Com o decreto de 6 de junho de 1818, D. João VI instituiu a criação do museu e definiu como sua finalidade propagar conhecimentos e estudos das ciências naturais do Reino do Brasil, com a função de identificar os produtos naturais únicos dessa parte do mundo para o proveito das ciências e das artes e, deles, proverem outros museus (BITTE, 2016).

O grande ideal dos museus no Brasil, então, voltou-se para a preservação da História

Nacional, cujo objeto de culto e de veneração eram grandes heróis e seus feitos. Convém ressaltar que a dimensão educativa dos museus brasileiros ganhou destaque após a primeira metade do século XX, com as propostas de Mário de Andrade e de Gustavo Barroso. Conforme Chagas, “[...] a partir da década de 1970, os museus passaram a ser utilizados como instrumentos de veiculação de discursos oficiais, com tendências à efetivação do ideal do regime militar” (CHAGAS, apud BITTE, 2016, p. 76).

Atualmente, os museus traçam seus objetivos para além dos discursos oficiais. Eles são espaços de memórias, de educação e de entretenimento para estudantes de variados níveis escolares e para o público em geral. Por meio dos objetos expostos, os estudantes podem dialogar com os conteúdos sistematizados na escola; a partir dessa experiência, desenvolvem olhares e interpretações que, muitas vezes, passam despercebidas inclusive para os expositores.

Feitas essas premissas, justificativo a escolha do tema do presente estudo, primeiramente, porque entendo que o aprendizado pode começar por narrativas individuais contextualizadas numa história coletiva. Além disso, compreendo o museu como mediador no processo educativo.

Reportando-me ao meu tempo de estudante da Educação Básica filho de pais semi-analfabetos, que residia em um bairro periférico no município de Serra-ES, iniciei minha trajetória escolar em uma escola unidocente, no ano de 1982, aos sete anos de idade, ainda no período de ditadura militar no Brasil (1964 a 1985), quando os valores eram voltados para o Estado Militar e para os símbolos nacionais.

Apesar da admiração pelas atividades militares nas escolas, desde a execução do hino nacional ao hasteamento da bandeira e às marchas estudantis, confrontei-me com a realidade de que o regime militar sequestrava a liberdade de expressão e cultural. Sendo assim, eu já não via com a mesma beleza a preservação da memória de uma história de heróis perversos e desumanos. Devido a isso, passei a desenvolver uma consciência crítica e a perceber que grande parte das escolas, museus e até igrejas, na época, eram cúmplices ou concordatários desse regime perverso e dominador.

Rememorando meus tempos de estudante na Educação Básica, poucas eram as atividades desenvolvidas forados muros da escola. Instigado por essas mesmas memórias, comecei a acessar leituras que tinham como objeto de análise o museu.

Nos diversos diálogos com os autores, identifiquei a potencialidade desse espaço e de outros extra-classes para o processo educativo, independente da área de conhecimento.

Assim, vi no ingresso no mestrado profissional a possibilidade de elaborar uma proposta pedagógica que dialogasse com professores e com o setor educativo de um museu, acrescentando discussões e ações educativas. É fato que nos museus podemos nos aprofundar nos sentidos da história construída a partir do diálogo feito com os objetos em exposição, entender as intenções das obras expostas, compreender os objetivos dos grupos que expõem e apresentam as obras e perceber que podemos construir várias histórias nas quais somos sujeitos. Enfim, por que não dizer que o museu, também, é um lugar de entretenimento, de encontros e de alegrias?

Foi partir das inquietações das minhas vivências enquanto estudante e dos diálogos com autores que pesquisam sobre práticas educativas em museus que delineei o objetivo geral deste estudo: investigar nas narrativas dos servidores do Setor Educativo, e dos professores, qual ou quais acepções de história permeiam as propostas educativas do Museu Solar Monjardim, bem como a mediação de conhecimentos na relação de parceria com a educação institucionalizada.

Desse objetivo, emergiram os seguintes objetivos específicos: a) mapear e socializar trabalhos acadêmicos que visam ao diálogo dos museus com as escolas e com o público em geral; b) identificar recursos financeiros que o MSM recebe para investir em formação e em projetos pedagógicos; c) desvelar as potencialidades educativas do MSM, explícitas nas vozes de sujeitos que atuam no setor educativo do museu, bem como de professores atuantes na educação básica da Região Metropolitana de Vitória, que levaram suas turmas para realizarem estudos de campo nesse espaço; d) construir, a partir das narrativas da coordenação pedagógica dos monitores de museus e professores do Ensino Fundamental, material didático-pedagógico para a mediação dos processos educativos.

Em função da temática, recorri aos pressupostos da História Oral (HO), cujo fundamento está em documentar experiências e visões não documentadas, visões e experiências que podem ser compartilhadas por pessoas que atuaram de forma ativa ou parcial na história, gente que ficou à margem da sociedade, sem serem ouvidas. Conforme Delgado:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes de documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões factuais, temporais, especiais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim o registro de depoimentos sobre essa história vivida [...] (DELGADO, 2006, p. 15).

Em um estudo com HO, o pesquisador deve estar atento a qualquer detalhe apresentado pelo colaborador, que é quem narra ao responder as perguntas de uma entrevista com perguntas pré-estruturadas (Anexos A e B), mas que podem desdobrar outras perguntas ao longo da conversa. O colaborador deve ser ouvido com paciência e cada uma de suas palavras e sentimentos devem ser valorizados e reproduzidos de forma mais precisa possível. O pesquisador, por sua vez, busca detalhes de um todo, abstraindo informações importantes no campo pesquisado.

Sob esse entendimento, com respeito e de compromisso, desenvolvi as entrevistas com os monitores do setor pedagógico do MSM e com os professores que realizaram estudo de campo com alunos no ano de 2023 naquele espaço.

De acordo com Meihy (1996), a HO é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, mas é praticada há muito tempo, pois quando não havia a escrita, já havia a tradição oral, por meio da qual os saberes eram passados de uma geração para outra via, por histórias contadas pelos mais velhos aos mais novos.

Embora a HO remonte à antiguidade, sua utilização como metodologia de pesquisa somente tornou-se sistemática a partir de meados do século XX, mais especificamente entre os anos 1960 e 1980 (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006). Uma explicação para a sua tardia chegada à academia talvez seja a forte influência da concepção positivista de ciência do século XIX, ao atribuir extrema importância aos documentos, à comprovação dos fatos e à neutralidade do pesquisador. Assim, em se tratando de uma metodologia de pesquisa, Bom Meihy (1996) coaduna com Delgado (2006) no sentido de que:

A História Oral é um recurso para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva. [...] a história oral se apresenta como forma de capacitação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social (BOM MEIHY, 1996, p. 13).

Para Thompson (1998), a HO é uma oportunidade de deixar falar todos aqueles que não são ouvidos, sujeitos sociais esquecidos por não serem reconhecidos pelos



expoentes da historicidade tradicional que produzem livros e opiniões políticas e sociais. Nesse sentido, a coleta de fontes orais, realizada por meio de entrevistas, permite ao pesquisador a escuta sensível e atenta aos atores sociais, que em muitos momentos da história são silenciados por pesquisas pautadas em tendências historiográficas que mantêm sujeitos à margem dos processos históricos. Essa escuta faz emergir experiências de vida, saberes e fazeres dos sujeitos entrevistados.

Sendo assim, a HO é uma forma democrática de fazer história, pois toda pessoa ou sujeito social tem oportunidade de narrar suas experiências, de apresentar seus pontos de vista, sua versão dos fatos e suas contribuições nos documentos a serem produzidos. Também é necessário informar que a HO abarca possibilidades de atuação e áreas do saber podem se valer da HO. Conforme Delgado:

Move-se em terreno interdisciplinar, já que utiliza muitas das vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras, para estimular a memória. Também dialoga e/ou interage com a sociologia, a antropologia e a psicanálise, com suportes para a construção de roteiros de entrevistas e para a condução do próprio depoimento. Finalmente, recorre à memória como fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida (DELGADO, 2006, p. 16).

A HO, então, pode abarcar todos os sujeitos sociais, aqueles que sabem falar, mas não sabem escrever; aqueles que não são ouvidos pelas mídias e pela sociedade, e que também não têm recursos para publicar; oprimidos, vencidos, marginalizados, excluídos, iletrados, destituídos de poder e de recursos financeiros, esquecidos, entre tantos outros. Quando a sociedade ouve tais sujeitos? Onde ficam registradas as experiências dessas pessoas? Convém que elas continuem no silêncio? Elas têm saberes a transmitir? Como elas podem contribuir nas pesquisas e na produção de documentos?

O pesquisador que trabalha com a metodologia da HO tem o privilégio e a oportunidade de ir ao encontro desses sujeitos em busca de detalhes das experiências vividas e transmitidas. Cabe refletir, também, que ouvir as pessoas excluídas, vencidas e marginalizadas constitui ameaça aos que detêm o poder. Quando a opinião se torna democrática, a história muda, a compreensão de mundo se expande e os sujeitos ganham notabilidade, o que por vezes ameaça o sistema político estabelecido. É nesse sentido de que a HO é democrática, pois projeta os sujeitos excluídos na vida social. Sobre isso, Thompson afirma que “[...] a história oral é uma história construída

em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (1998, p. 44).

Estimular professores e estudantes a se tornarem companheiros de trabalho, portanto, aproxima a história para dentro da comunidade, ao mesmo tempo em que levanta a história dentro da comunidade. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. Para cada um dos historiadores e outros que partilham das mesmas intenções, ela pode gerar pertencimento a determinado lugar e época. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição, e oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.

A base da HO é a memória como fonte da história, e isso deve ser preservado, respeitado, contemplado, lembrado, vivificado e reproduzido. Ao usar a metodologia da HO, as memórias são ativadas, fomentando a produção de um pensar histórico com outras visões, entendimentos e explicações.

Sobre as memórias como fontes históricas a serem valorizadas e preservadas, Borges e Borges afirmam:

Assim, se as memórias são experiências, fontes, matérias-primas da história que tem como tarefa reconstruir o passado, também são experiências que se vive no interno, que permitem relacionar o presente com o passado e ao mesmo tempo pode interferir no processo atual das representações (2021, p. 94).

Não percamos de vista a importância da memória, tanto ao produzir a história, quanto ao sistematizar as nossas vidas em sociedade. Memórias não podem ser esquecidas, devem ser estimuladas, reproduzidas, desenvolvidas e documentadas.

A memória é a principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis - temporais, tipográficas, individuais, coletivas - dialogam entre si, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram a vida (DELGADO, 2006, p. 16).

Ao buscar informações na memória individual ou coletiva, o pesquisador pode acessar mais informações por meio de objetos materiais guardados nos ambientes de convivência dos sujeitos envolvidos (Delgado, 2006). Ao serem entrevistados, esses colaboradores podem ser estimulados a apresentar fotos, jornais, discos, cartas,

poemas, além de nutrir lembranças familiares, musicais e fílmicas de tradições.

Para a presente pesquisa, elegi como lócus o Museu Solar Monjardim, com suas potencialidades educativas, a fim de desvelar suas histórias, sua forma de expor os objetos e suas propostas pensadas para contribuir com a educação.

Os sujeitos deste estudo são quatro professores do Ensino Fundamental que utilizaram dos espaços do MSM em suas práticas pedagógicas no ano de 2023. O livro de registro de agendamento de visitas do MSM serviu como suporte para seleção desses docentes, seguindo a ordem pela lista; nos casos de professores que não aceitaram o convite, passei para o próximo da lista, e assim, sucessivamente. Convém citar que este estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética da UFES (CEP), com o parecer de nº 6.547.561.

Junto a esses sujeitos, realizei entrevistas temáticas, na pretensão de conhecer as experiências vividas pelos entrevistados junto ao assunto ou lugar de interesse da pesquisa (DELGADO, 2006). Também participaram servidores efetivos lotados no setor educativo do MSM e monitores contratados para os serviços de acompanhamento a visitantes e outras funções ligadas à Educação.

Assim, este estudo tem como metodologia principal a modalidade de história oral temática pela proximidade das soluções comuns e tradicionais dos trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico. Segundo Meihy (1996), quase sempre essa modalidade equivale ao uso de documentação oral da mesma maneira que das fontes escritas.

Feitas as leituras, a produção e análise dos dados, organizei este texto dissertativo em quatro capítulos que sucedem esta introdução: o primeiro, intitulado “História dos Museus: do templo das musas aos museus contemporâneos”, aborda o início dos museus desde a Grécia, passando pelo museu do general Ptolomeu, as coleções dos gabinetes de curiosidades na Idade Média, os museus oitocentistas e o surgimento dos museus do Brasil e no Espírito Santo. O segundo, intitulado “Um panorama de teses e dissertações que abordam a educação em museus”, apresenta achados alinhados à temática da pesquisa na plataforma Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Para essa busca, utilizei os descritores: “ações educativas em museus” e “práticas educativas em museus”, sendo que o termo “ações” se refere às diretrizes para a educação em museus, enquanto “práticas” faz alusão às atividades que já

estão sendo desenvolvidas nesses espaços. O recorte temporário pesquisado de 2017 a 2022.

O terceiro capítulo, intitulado “Museu: guardião de objetos mediadores de memórias e seu papel educativo”, desenvolve reflexões sobre os museus, alicerçadas ao referencial teórico de Almeida e Vasconcelos (2013); Carvalho e Lopes (2013); Franco (1994); Oliveira e Anjos (2017); Meneses (2000), Pereira (2011); Chagas (2016) e Ramos (2004).

O quarto capítulo, “Museu Solar Monjardim: encontro de memórias, de aprendizagens, de formação e entretenimento”, apresenta o resultado da triangulação de dados das entrevistas realizadas com os servidores do setor educativo do MSM e dos professores que estiveram no museu em visitas guiadas com suas turmas. As narrativas dos sujeitos ilustram o quanto o museu é mediador no processo de ensino e aprendizagem, por promover o diálogo e a inserção dos estudantes no espaço museal; porém, os professores sentiram a ausência de algumas temáticas relacionadas às exposições apresentadas e um material didático que pudesse auxiliar os estudos de campo.

Como produto educacional desta pesquisa, o leitor terá acesso a um material didático pedagógico alternativo, com orientações e sugestões de propostas para explorar as potencialidades do MSM. Há, também, orientações para a realização de estudo de campo, sugerindo-se, por exemplo, uma preparação para estudo no MSM, com informações sobre como agendar a visita, como solicitar a assessoria dos monitores, bem como sobre a autorização da escola, dos pais e orientações aos estudantes.

No mesmo material didático pedagógico, prevemos outras orientações para estudo de campo, que podem ser coordenados pelo setor educativo do museu ou não. O texto trata do momento pós-campo, das reflexões em sala de aula sobre o que os estudantes viram, ou não viram, entenderam, ou não entenderam e, também, o que sentiram durante o processo de visita ao museu.

# 1 HISTÓRIA DOS MUSEUS: DO TEMPLO DAS MUSAS AOS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS

## 1.1 HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DOS MUSEUS

O museu se originou na Grécia Antiga, sem uma data definida. O termo *museion* surgiu em alusão ao Templo das Musas, ou Casa das Musas, uma casa-templo e instituição de pesquisas voltadas para a formação filosófica. Na mitologia grega, as musas eram as nove filhas do supremo deus criador Zeus, com Mnemosine, considerada a deusa guardiã da memória. Nesse lugar, os imperadores gregos acumulavam objetos preciosos, artísticos, culturais e objetos pilhados nas guerras vencidas. O local também era utilizado como espaço de contemplação, estudos e literatura (SANTOS, 2019).

Os antigos museus tinham a finalidade prioritária de atender um grupo reservado de pessoas das elites que, segundo Santos (2019), eram geralmente pessoas do clero, da nobreza e da burguesia, com intuítos vaidosos de acolher admiração aos expositores, que geralmente eram os dominadores governantes. Suano (1987) explica que os antigos museus eram locais privilegiados, onde repousava a mente e o pensamento, longe dos problemas do dia a dia, e que eram dedicados às artes e ao conhecimento.

Pode-se notar que o ser humano, historicamente, teve prazer em colecionar; o que era uma diversão, era também uma forma de fazer história. Preservar a memória envolve juntar recordações, unir os diferentes de uma determinada classe de objetos e acumular coisas que fazem compõem narrativa de uma época: figurinhas, canetas, camisetas, discos de vinil, CDs, cartas, pedras, livros, fotos antigas, itens históricos familiares; quando menos se espera, está formado um conjunto de objetos que transmitem ensinamentos, criam identidades e traduzem sentimentos e consciência.

Alguns objetos são de grande valor financeiro, outros têm valor sentimental, e há aqueles que, por comporem uma coleção, ultrapassam qualquer valor material e tornam-se tradutores de um tempo histórico.

Os imperadores gregos, talvez, não tivessem noção de que, no futuro, as suas coleções, guardadas no Templo das Musas contribuiriam com informações históricas, em arquivos pedagógicos e para a formação de uma identidade nacional dos gregos

e da humanidade; a intenção deles se tornou importante pois, através dos tempos, o ato de colecionar é mais que uma vaidade ou diversão, é um ato de preservar a história.

Após breve explanação das informações dos tempos das casas das musas, ou dos tempos da Grécia Antiga, destacamos o tempo do Imperador Alexandre, com seu famoso general Ptolomeu I e sua relação com o Templo das Musas, que passou a ser denominado de museu, transformando-se em templo da ciência. Com Ptolomeu I, esse espaço deixa de ser um mero lugar de guardar coleções para se tornar uma casa de debates, o “templo das ciências”.

A história dos museus também tem seu capítulo na famosa biblioteca organizada pelo matemático Eratóstenes, no tempo dos Ptolomeus. Em uma das alas da biblioteca onde se reuniam os sábios, filósofos e naturalistas para debater, num encontro que poderíamos apelidar “universitário”, os temas de estudos. Essa ala recebeu sob Ptolomeu I a denominação de “museu” (CAMPOS, 1972, p. 11).

Conforme Reis (2013), o general Ptolomeu era um homem culto, que gostava de estar junto com os artistas e poetas, razão pela qual fundou em Alexandria uma biblioteca e um centro de estudos chamado *Mouseion*. Nessa biblioteca, ele recuperou e restaurou a literatura grega, criou espaços para estudos e para apresentação de peças teatrais, além de um espaço místico para evocação das deusas musas, que eram as rainhas da eloquência, da poesia épica, da lírica, da erótica, do lamento, do pranto, da melancolia, da história, da música, da comédia, da tragédia e da astronomia.

No museu de Ptolomeu estudava-se a tradução de várias línguas, com destaque para o hebraico e a língua persa. Reis (2013) relata que a biblioteca instituída por Ptolomeu I durou cerca de 300 anos e sofreu uma destruição parcial no ano de 30 d.C por conta de um incêndio, e sua destruição total ocorreu mais tarde por conta de um terremoto. Já Campos (1972) diz que a destruição total aconteceu por volta dos 600 d.C.

Em seus estudos, Campos (1972) aponta que foram os árabes, de religião muçulmana, que destruíram o acervo do museu ao invadirem a cidade de Alexandria com orientações dos líderes do Islã, segundo os quais os livros da biblioteca de Ptolomeu contrariavam a doutrina de Maomé e, por isso, deveriam ser destruídos, o que ocorreu ao atearem fogo. Com isso, a magnífica organização de Eratóstenes foi destruída junto ao acervo do museu de Ptolomeu.

Por conseguinte, o museu deixou de ser, na era de Alexandre e seu general Ptolomeu, um espaço de coleções, ou um espaço de juntar objetos artísticos e culturais, para ser espaço de estudos, pesquisas, conferências, debates; enfim, um grande centro de ciências. Mesmo que limitado a determinados seguimentos sociais, conforme afirma Bitte (2016, p. 74), “[...] os museus tinham a pretensão de se tornarem instituições de saber e poder, saber que ficou muito tempo restrito a determinados segmentos da sociedade”.

Já, na Idade Média, surgiram duas instituições com razões museológicas (CAMPOS, 1972, p. 14):

[...] duas instituições que podem ser identificadas como verdadeiras raízes dos soberanos europeus da era presente, surgem os Gabinetes de Raridades (ou gabinetes de curiosidades) e os Tesouros pertencentes aos reis, à igreja ou às ordens religiosas. Os tesouros das casas reinantes da Europa, constituídos no período medieval, não foram assemelhados com a finalidade de servirem aos museus, que não existiam. Representavam, na verdade, reservas financeiras que os príncipes prudentes iam pondo de parte para as eventualidades do futuro. Neles eram reunidos de preferência os objetos suscetíveis de pronta conversão em dinheiro, as jóias, as peças de ouro, prata, marfim, pedras preciosas, moedas antigas, relíquias e incunábulo valiosos, obtidos como despojos em guerras vitoriosas ou trazidos nos enxovais das ricas princesas que se consorciavam na casa real.

Quanto aos tesouros pertencentes às ordens religiosas, esses já se constituem em monumentos históricos, com uma trajetória de construção social e de identificação. Tanto as igrejas quanto as ordens religiosas somam documentos, registros, atas, pinturas, fotos e outros objetos usados nos cultos, ou usados por seus líderes. Os tesouros das igrejas e das ordens religiosas eram acumulados com vistas a serem transformados em valores financeiros caso um dia a instituição passasse por alguma crise ou tivesse a oportunidade de fazer dinheiro, situação em que os objetos poderiam ser vendidos. Campos (1972) aponta que a Igreja Católica Romana é detentora de imenso legado que é o museu do Vaticano, onde estão catalogadas relíquias de valores inestimáveis, além de documentos que contam a história da Grécia, de Roma da antiguidade clássica e do Renascimento.

Ainda na Idade Média, surgiram os museus, os gabinetes de preciosidades também denominados de gabinetes de curiosidades; esses, num grau menor, tendo em vista as grandes coleções dos reis e dos abades, concomitantemente com os tesouros reais e religiosos. Todavia, a princípio, em faixa mais modesta da sociedade, patrocinados por antiquários, apreciadores de peças antigas e raras, burgueses ricos empenhados

em expandir suas próprias coleções, surgiram na Idade Média os “gabinetes de raridades”, espécies de vanguarda que viriam estimular e orientar o trabalho dos colecionadores do Renascimento e dos Tempos Modernos, alicerces que possibilitaram o movimento museológico que se seguiu à Revolução Francesa de 1789 (CAMPOS, 1972).

Os gabinetes de curiosidades surgiram na Europa no século XVI e seguiram com seu auge até o século XVIII. Neles, eram colecionados objetos raros e estranhos, como achados arqueológicos, amostras, instrumentos tecnicamente avançados, partes de insetos e animais. Foram, também, juntados objetos sem nenhuma utilidade prática, mas todo esse trabalho dos colecionadores de curiosidades foi de importante relevância para o exercício do espírito científico (REIS, 2013).

Conforme Possas (2005), os gabinetes de curiosidades foram frutos de uma preocupação com a memória, tendo em vista a limitação do ser humano em guardar todas as informações contidas na natureza e na própria ação da humanidade; logo, era preciso algo concreto para representar essas informações. Ela diz que os gabinetes representavam uma tentativa de conservar por perto o que estava em lugares distantes, para ser lembrado. Poderiam ser recordações do reino animal, vegetal e mineral, além de outros criados pelos homens de vários lugares do mundo, em todos os tempos. A autora nos informa que, com o tempo, as coleções tornaram-se sinônimo de poder e destaque social; os donos de peças raras as transformavam em dinheiro ou apresentavam suas peças de forma ostensiva.

Assim, os gabinetes surgem como lugares de memória por excelência, não uma simples memória enciclopedista, mas a que amplia a sensação de poder, de conhecimento e de pertencimento. De acordo com Possas (2005), pertencer ao mundo criado por Deus significa ter a fresca lembrança de sua obra, conhecer e compreender tudo o que Ele criou para fazer companhia a sua mais perfeita engenharia: o homem, a vida, não permitindo que a sombra do esquecimento encubra de vez a luz da criação, habilidade divina poderia ser copiada pelo homem. Aliás, é na criação que o homem se aproxima do sagrado e se dá conta de que pode vivê-lo: conhecer e criar. Nos gabinetes, a tradição divina e sagrada abriga o novo, evidenciando uma articulação entre o que se conhece o que se está por conhecer, a ciência que se conhecia e a que se está por construir (POSSAS, 2005).

Neste contexto de criação dos gabinetes de curiosidades, Campos (1972) informa que não



havia uma preocupação de classificar os acervos, mas, muitas coisas juntadas foram, mais tarde, agrupadas e tombadas como objetos dos museus contemporâneos. O autor ainda ressalta que nesse período – séculos XVI a XVIII –, surgiram colecionadores e muitos desses se tornaram comerciantes de antiguidades; nesse tempo, cresceu o comércio de obras artísticas e objetos de antiguidades. Pequenos gabinetes ou pequenas coleções particulares se tornaram, mais tarde, instituições de objetos a ponto de serem denominadas como um verdadeiro museu particular. Muitos desses colecionadores fizeram doações aos primeiros museus instituídos pelos estados.

Nos gabinetes de curiosidades existentes entre os séculos XVI e XVIII, o que se realizava era um colecionismo indistinto, assemelhado do ponto de vista psicológico àquele praticado na infância. Nessa fase, as crianças começam a coletar objetos variados, retirados da natureza – conchas, pedras, ou adquiridos por ganho, troca e, mais raramente, compra; existe também a necessidade de manipular objetos recolhidos, e de arranjá-los, numa tentativa de controlar o mundo interno. De certo modo, era esse o aspecto daquelas primeiras coleções de curiosidades que acabaram por gerar os museus (REIS, 1972).

Ainda, conforme Possas (2005), os gabinetes de curiosidades eram de posse privada, mas a maioria deles podia ser visitada mediante cartas de apresentação. Havia gabinetes de caráter secreto que, geralmente, pertenciam aos nobres ou famílias de grande importância na sociedade. Normalmente, os acervos de caráter secreto eram constituídos por mapas, documentos de segredo de estado, documentos de possessões de propriedade. Muito do que estava guardado nos acervos desses gabinetes, sendo aberto ao público ou de caráter secreto, foi doado a entidades maiores e mais organizadas.

O aumento das coleções de estudo e investigação gerou a necessidade de locais mais apropriados para a guarda de novos conhecimentos. Antigos colecionadores se tornaram especialistas e estudiosos em zoologia, botânica e outras áreas pertencentes à chamada história natural. Para o desenvolvimento dos estudos, era necessária a ordenação, a classificação e um local com condições menos precárias de conservação (POSSAS, 2005).

Surgem, então, os primeiros museus contemporâneos, no século XVIII, tempo áureo dos museus; eram espaços para a legitimação de novos cientistas que escreviam e divulgavam seus trabalhos de classificação, descobertas e contribuições com o saber.

Na França, *La Font de Saint Yenne*, em 1746, recomendou que se reunissem em um mesmo espaço as obras de artes espalhadas pelos palácios para que os artistas e os amadores tivessem acesso. No mesmo país foi inaugurado, no dia 10 de agosto de 1793, o grande Museu de *Louvre*, a princípio com o nome Museu de *Arts*; a partir de então, as obras ficaram expostas para o grande público.

Os museus com preocupações pedagógicas surgiram no século XIX e justamente o do *Louvre* foi o primeiro que apresentou a concepção de museus conforme conhecemos hoje: como importante estratégia de dominação cultural; exemplo disso são as campanhas de Napoleão inaugurando museus nos países por ele dominados.

Convém explicar que há diferentes definições para o museu: para o *The International Council of Museum* (ICOM), da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), o museu é uma instituição sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, aberto ao público, para conservação, pesquisas, divulgação e exposições, para fins de estudos, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e de seu meio ambiente (ICOM, 2012). Já para o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), o museu, como uma instituição de personalidade jurídica, que pode, também, estar vinculada a outra personalidade jurídica aberta ao público, estando a serviço do público para desenvolvimento social (IBRAM, 2009).

Campos (1972) afirma que, só em Paris, surgiram mais de cinquenta museus de várias modalidades, e que em toda a França são mais de quinhentos, dentre eles, os museus de Enciclopédias, de Arte Romana, da Idade Média, do Renascimento, de Arte Moderna, de Pinturas Contemporâneas, do Impressionismo, da Arte Asiática, de História da França, de Polícia, do Tribunal, do Homem, dos Conhecimentos Atuais, da História Natural, de Militares, das Armas, dos Pedagógicos, da Palavra, da Ópera, dos Artistas, do Folclore, de Belas Artes, dos Gabinetes de Coleções de Objetos, so Postal, das Moedas, de Medalhas, de Tapeçarias, entre muitos outros. A França se tornou o berço dos museus modernos e contemporâneos, uma referência para a organização e a estruturação de museus, tanto na Europa como em outros continentes. Campos (1972) também destaca a criação dos museus em países como a Alemanha, onde não interessava que esses espaços fossem meros depósitos, mas como lugar vivo em diálogo com a comunidade.

Para além de se constituírem em estratégia de dominação cultural, os alemães identificaram o valor dos museus como instrumento de consolidação do aprendizado

e procuraram fazer com que a sua influência se exercitasse ao máximo, no estímulo e no desenvolvimento das aptidões culturais da juventude. Para eles, o museu não interessa como mero depósito, coleção morta de objetos antigos, fechada no silêncio e no abandono, ausente da vida social como elemento estranho à sua vivência e organização, mas, deve ser, sobretudo, uma peça viva, integrada à comunidade como agente de progresso cultural e intelectual, fator positivo de esclarecimento, informação e progresso (CAMPOS, 1972).

Seguiu-se, na Europa, a manifestação de museus em outros países, como Bélgica, Dinamarca, Espanha, Itália, Mônaco, Vaticano, Portugal, Suécia, Suíça, Turquia, Rússia, Bulgária, Hungria e Iugoslávia. A Grécia, paralelo a isso, retorna com seus museus a céu aberto. Segundo Campos (1972), nesses países, os espaços de museus não são somente para contemplação, mas sim centros científicos, de estudos de campo para as escolas e abertos ao público; muitos construídos e mantidos pelos governos.

No processo histórico, os museus foram assumindo o papel de institutos de pesquisas, atuando de forma individual ou em vínculos com as universidades e escolas superiores. Alguns são de propriedade particular, outros subsidiados pelos governos. São hoje potentes divulgadores científicos, espaços de contemplação e, ao mesmo tempo, de educação e de pesquisas.

Mas a existência dos museus também ocorreu em outros continentes. Campos (1972) informa que, em 1748, vários cidadãos do Estado da Filadélfia encomendaram da Europa livros e folhetos que serviram de ilustração e recreação para aquela sociedade; dessa forma, estavam sendo criados os primeiros museus e bibliotecas em solo americano. No ano de 1876, os Estados Unidos já contavam com mais de duzentos museus em seu território. Lá, empresários americanos coletavam peças do mundo inteiro para fazer parte dos acervos dos museus americanos e os cidadãos faziam doações a esses novos espaços culturais. Campos (1972) estimou a existência de mais de dez mil museus em todas as federações do Estado Norte Americano, sendo mais de quatrocentos só no Estado de Nova York.

## 1.2 A CRIAÇÃO DOS MUSEUS NO BRASIL

No Brasil, os museus instituídos entre os séculos XIX e XX permaneceram vinculados aos interesses políticos portugueses durante muito tempo. Quando o Brasil se tornou Reino Unido de Portugal e Algarves, em 1815, várias iniciativas foram tomadas por D. João VI, entre elas a criação do Museu Real, que mais tarde se tornaria o Museu Nacional. Ele foi concebido a partir de acervos trazidos pela Coroa e de material oriundo da “Casa dos Pássaros”, instituição colonial que colecionava objetos que seriam mandados pelos Vice-Reis à Corte Portuguesa, no intuito de apresentar à metrópole a riqueza natural da Colônia e de instituições já existentes.

O surgimento de museus históricos, atrelados às conveniências políticas foi uma constante na formação cultural do Brasil. Sabemos que a relação entre o Estado e os museus nacionais, ao longo dos anos, suscita uma série de indagações que perpassam desde o ideal de se criar uma identidade para a nação brasileira, até a visão pessoal de cada colaborador do governo para criação de museus que buscam celebrar a nação (MACHADO, 2005).

No dia 6 de junho de 1818, o imperador D. Pedro I criou o Museu Nacional e definiu como sua finalidade propagar os conhecimentos e os estudos das ciências naturais do Reino do Brasil, além de identificar os produtos naturais únicos dessa parte do mundo para o proveito das Ciências e das Artes e deles proverem outros museus (BITTE, 2016). O grande ideal dos museus no Brasil, então, voltava-se para a preservação da História Nacional, e tinha a valorização de grandes heróis e seus grandes feitos como objeto de culto e veneração.

Conforme Machado (2005), o então Museu Real, em outubro de 1821, abriu suas portas para as visitas públicas, contendo salas de exposições com acervos históricos que foram doados pelo rei português, embora sem uma ordem de critérios de exposição. No acervo, havia coleções zoológicas, minerais e botânicas; entre os objetos históricos, havia armas, vestes, materiais de ornamentação e objetos dos índios brasileiros.

O século XIX foi um período de ouro para os museus brasileiros, quando foi estabelecido o museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e o famoso Museu Paulista (1894). No Rio de Janeiro, então capital do país, foram criados: o Museu Imperial, o Museu do Primeiro Reinado, o Museu de Escola Nacional de Belas Artes do Rio de

Janeiro, a Casa de Benjamin Constant, a Casa de Rui Barbosa e o Museu da República. Para Machado (2005), esses museus se tornaram aliados no ensino de História e na preservação da história nacional, valorizando os heróis da história brasileira e portuguesa com seus feitos como objetos dignos de culto e veneração.

Quanto às dimensões educativas dos museus brasileiros, essas passaram a ganhar destaque após a primeira metade do século XX, com as propostas de Mário de Andrade e do historiador e escritor Gustavo Barroso. Este último buscava integrar passado e presente em busca do progresso da nação brasileira. Foi criado, então, o Museu Histórico Nacional, em agosto de 1922, com intuito de exaltar as glórias da nação e os cultos das tradições (MACHADO, 2005). Nos projetos de Barroso, também seriam instituídos, na medida do possível, museus em todas as cidades do país, e estes seriam chamados de museus municipais, que formariam acervos locais, com expressão da identidade e da história local.

A partir da década de 1970, os museus passaram a ser utilizados como instrumento de veiculação de discursos oficiais, com tendências à efetivação do ideal do regime militar, diferentes do ideal de museu em países norte-americanos e europeus, que a partir da década de 1970, se aliavam ao respeito à diversidade cultural, à defesa do patrimônio cultural das minorias étnicas e de povos carentes e à integração dos museus às diversas realidades locais.

Há, com isso, uma modificação significativa na relação cotidiana entre os profissionais de museus, as exposições e o público. A educação através dos museus passou a ser compreendida a partir do diálogo com o público e das práticas museais interagindo com esse. Mas, já na década 1980, com a nova democracia, os museus brasileiros deixaram de ser apenas locais de informação para se tornarem órgãos de estudos.

Por um lado, no Brasil, após o período militar, o discurso desenvolvimentista foi incorporado por dirigentes de museus históricos, que passaram a substituir antigos discursos enaltecendo heróis e feitos históricos por aqueles mais próximos da nova historiografia. Por outro, seguindo as iniciativas internacionais, percebemos a introdução, no âmbito nacional, de museus de ciência e tecnologia, os quais constituíram uma passagem gradativa do paradigma histórico, mais ligado aos acervos, ao paradigma educativo, que encoraja a participação do visitante, considerando que os museus interativos de ciências guardam preocupação com o processo de alfabetização científica dos estudantes e da população em geral

(MACHADO, 2005).

Sendo assim, nessa época, em todo o Brasil, foram criados vários museus de ciências com diferentes propostas para os públicos estudantis. Com a intenção de proteger e organizar os museus brasileiros e outros órgãos de memória do país, foi criado, em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Esse órgão permanece até os dias atuais, com a denominação de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), dando suporte e gerando financiamentos para os museus. Foram definidas as seguintes competências para esse Instituto:

Art. 1º. A catalogação sistemática e a proteção dos arquivos estaduais, municipais, eclesiásticos e particulares, cujos acervos interessem à história nacional e à história da arte no Brasil. A coordenação e a orientação das atividades dos museus federais que lhe forem subordinados [...] e o estímulo e a orientação no País da organização de museus de arte, história, etnografia e arqueologia. A realização de exposições temporárias de obras de valor histórico e artístico, assim como de publicações e quaisquer outros empreendimentos que visem difundir, desenvolver e apurar o conhecimento do patrimônio histórico, artístico, arqueológico e paisagístico do País (BRASIL, 1976).

Assim, podemos perceber que os museus ganharam novas organizações através de diversas normativas federais, entre elas foi criado o Estatuto dos Museus por meio da Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, segundo a qual:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Em seu Artigo 2º, essa lei estipula seis princípios fundamentais dos museus, destacando-se que esses devem ser promotores da cidadania e da dignidade humana. No Artigo 4º, fica o poder público imbuído de estabelecer mecanismos de fomento e incentivo, visando à sustentabilidade dos museus no Brasil. O Capítulo II dessa lei diz que a criação, fusão ou extinção de museus ficam condicionadas à autorização do Estado através de documentos públicos.

Já o Artigo 17º determina que os museus devem manter seus quadros de funcionários devidamente qualificados, de acordo com a legislação e em número suficiente para o cumprimento de suas finalidades. E, ainda, em consonância com o 14º, no sentido de que o poder público firmará um plano anual prévio, para garantir o funcionamento dos museus públicos e permitir que esses cumpram a sua finalidade.

Quanto à finalidade educativa dos museus, a Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, diz, em seus Artigos 28, 29 e 30:

Art. 28. O estudo e a pesquisa fundamentam as ações desenvolvidas em todas as áreas dos museus, no cumprimento das suas múltiplas competências.

§ 1º O estudo e a pesquisa nortearão a política de aquisições e descartes, a identificação e caracterização dos bens culturais incorporados ou incorporáveis e as atividades com fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação.

§ 2º Os museus deverão promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes.

Art. 29. Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação.

Art. 30. Os museus deverão disponibilizar oportunidades de prática profissional aos estabelecimentos de ensino que ministram cursos de museologia e afins, nos campos disciplinares relacionados às funções museológicas e à sua vocação (BRASIL, 2009).

Ainda o Artigo 59 da mesma Lei, parágrafo V, diz que:

O museu deve estimular o desenvolvimento de programas, projetos e atividades educativas e culturais em seus programas. Vale informar ainda que, segundo essa Lei nos seus Artigos 34º, 35º, 36º e 37º, os museus devem desenvolver políticas de acessibilidade universal a todas as pessoas, devem elaborar controle de visitas, enviarem relatórios de visitas aos órgãos competentes e disponibilizar um livro de sugestões na área de acolhimento dos visitantes (BRASIL, 2009).

Cabe citar Cabe citar que essa lei foi assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelos ministros Tarso Genro e Roberto Gomes do Nascimento, em Brasília, no dia 14 de janeiro de 2009.

Diante do exposto, a situação no Brasil é a seguinte: a maioria dos museus está localizada em grandes centros e em regiões economicamente privilegiadas. Dos mais de 5.570 municípios do Brasil 4.000, aproximadamente, não têm museus, o que corresponde a 76% das cidades. E dos 3.967 museus existentes, 2.000, aproximadamente, estão localizados nas regiões sul e sudeste, correspondendo a 67% do total de museus.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/15750-10-12-2022-brasil-tem-visitacao-vigorosa-a-museus-diz-presidente-do-ibram.html>>. Acesso em: 21 mai. 2024.

### 1.3 OS MUSEUS NO ESPÍRITO SANTO

A ocupação do território espiritosantense remonta à Capitania Hereditária do ES, destinada a Vasco Fernandes Coutinho, em 1535. Este explorou a região enfrentando os nativos da terra, escravizando-os, perseguindo-os e mantendo os povos que aqui já viviam, em busca de riquezas a serem levadas para Europa e também de lucro fácil.

[...] Um certo Sebastião Fernandes Coutinho conseguiu despertar a tal ponto a curiosidade oficial que, em 1574, o governador Luís de Brito e Almeida organizou uma bandeira composta de 150 portugueses, 400 índios e dois padres jesuítas. Apesar da presença dos dois religiosos, essa bandeira escravizou 7 mil índios, conduzindo-os ao litoral em uma viagem de 1.320 quilômetros. As pedras foram levadas para serem examinadas na Metrópole, sem despertar nenhum interesse (VASCONCELLOS, 2018, p. 127).

A ganância dos portugueses colonizadores não fez mal somente aos nativos da terra; esse sentimento nefasto também fez mal à terra, aos rios, aos animais e à natureza capixaba. “Era a busca da riqueza produzida pela audácia. Os mesmos tipos de riquezas que os portugueses já eram habituados a procurar na Índia e na África [...]” (VASCONCELLOS, 2018, p. 127). Daqui eles levavam tudo que houvesse disponível: de pedras preciosas, passáros e outras coisas que a natureza produzisse.

De 1535 até o século XIX, o ES era uma região de proteção ao Estado de Minas Gerais; era um Estado com objetivos portugueses de proteger as minas de ouro existentes no interior mineiro, contra os invasores, ataques estrangeiros e contrabandos de ouro extraído das minas de pedras preciosas daquele Estado (VASCONCELLOS, 2018). Sendo um escudo protetor das minas de ouro, não foi dada à Capitania do Estado a devida atenção, por parte dos colonizadores, ao desenvolvimento de outras atividades, sejam elas culturais ou econômicas. Naquele momento, interessava a exploração de ouro, demais produções não despertavam interesse do colonizador. Porém, outros olhares se voltam para o ES com a chegada da cultura do café por volta de 1810, com fazendeiros vindos do Estado do Rio de Janeiro. “Com o café, o Espírito Santo saiu da sua paralisia econômica para entrar em fase mais dinâmica. [...]” (VASCONCELLOS, 2018, p. 132). No entanto, infelizmente, a expansão dessa cultura no Estado, a princípio, se deu à custa da escravidão e das práticas de devastações de latifundiários.

Mesmo com a nova cultura do café, em 1810, o Estado continuou em condição isolada



das principais regiões do país, ganhando mais destaque no cenário nacional por volta de 1870, quando o café teve alta no comércio internacional. Nesse tempo, o Estado também cresceu e se desenvolveu com as criações das estradas de ferro que ligaram as regiões mais distantes à capital Vitória.

Depois da abolição da escravidão no Brasil, no ano de 1888, o Estado recebeu os imigrantes europeus que prosseguiram com o povoamento de regiões de matas virgens, fundando suas cidades e plantações, como também, trabalhando nas grandes fazendas cafeiras.

Geralmente os colonos cultivavam apenas um sexto de sua propriedade, pois o restante ficava na mata. O café, como produção única de exportação era a sua mais importante atividade econômica. Diz-se que os colonos tinham enorme disposição para o trabalho. Nas derrubadas, na construção de casas e na abertura de caminhos, executavam a tarefa com grande rapidez. Eles poderiam ter cultivado uma grande gama de produtos, entretanto optaram pelo café, em função de sua maior rentabilidade. Além de produzir café que vendiam, havia também as lavouras de subsistência. Eles compravam somente aquilo que não podiam produzir em suas terras. Não tinham obrigações com ninguém, pertencia-lhes tudo o que plantavam. O excedente das colheitas de alimentos era vendido em praça mais próxima e o café, ao dono do armazém, de quem também faziam compras (VASCONCELLOS, 2018, p. 140).

Situação diferente aconteceu com os afrodescendentes; estes, depois de assinada a Lei Áurea pela princesa Izabel em 1888, saíram das fazendas sem rumo, sem bens, sem capital inicial e sem terras doadas pelo governo do Estado. Segundo Vasconcellos (2018), os europeus recebiam 25 hectares por famílias para plantarem e construirem suas moradias; enquanto aos ex-escravos, nada era concedido. Quanto aos índios injustiçados, também, não há nenhuma menção de doação de terras.

O café manteve o equilíbrio econômico do Estado até a metade do Século XX, quando as indústrias chegaram nessas terras. Para uma mudança radical em sua economia, foram criados os portos de Tubarão e o de Vitória que, hoje, exportam grande quantidade de minério de ferro. Também foram criadas indústrias que fabricam produtos alimentícios, móveis, celulose, entre outros. Esses portos permitiram que a região da Grande Vitória se transformasse em um grande complexo industrial. Hoje, o Estado abarca uma economia industrial e também agrícola.<sup>2</sup>

Quanto à história dos museus no ES, começa-se com a seguinte nota de ofício do

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito\\_Santo\\_\(estado\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito_Santo_(estado))>. Acesso em: 06 jun. 2024.

presidente José Bonifácio Nascentes de Azambuja, endereçado ao conselheiro Francisco Gonçalves Martins, ministro do Império, em 23 de agosto de 1852: “Nesta província não há nenhuma associação literária, nem periódico literário e científico, nem se publicam obras algumas”, acrescentadas, em 1856, de outra nota do barão de Itapemirim: “Não há jardins botânicos, nem teatros nem museus” (OLIVEIRA, 2008, p. 378).

Em suma, na metade do século XIX, o Espírito Santo não tinha museus. Conforme Oliveira (2008), ainda na metade do século XX, ou seja, cem anos depois das notas de Azambuja e do Barão de Itapemirim, o estado era essencialmente agrícola, a maioria dos capixabas viviam nas zonas rurais, havia escassez de transportes, as estradas eram irregulares e a população estava em torno de cinqüenta mil habitantes.

Não havia livrarias em Vitória, e sim papelarias e tipografias onde, em balcões discretos, podiam ser encontrados, meio que ao acaso, livros de literatura de autores nacionais e estrangeiros, ou obras de história e outros assuntos. Livros técnicos e especializados eram encomendados de fora do Estado. Livros sobre a história do estado eram espécimes raros, domiciliados em bibliotecas particulares e, ocasionalmente, na Biblioteca Pública Estadual que foi fundada em 1855 (OLIVEIRA, 2008).

#### 1.4 O MUSEU SOLAR MONJARDIM

Os primeiros enunciados de um museu no estado capixaba iniciaram-se em 1939, quando o interventor João Plunaro Bley criou o que hoje é o MSM, por meio do Decreto nº 1.0610, de 3 de junho de 1939. A princípio, esse espaço denominava-se Museu Capixaba e estava instalado em uma sala do quartel da polícia, localizado no Parque Moscoso, no centro de Vitória, onde funcionou até o ano de 1952, sendo multidisciplinar e eclético (IBRAM, 2015).

Também em 1939, o interventor assinou o decreto para criação do Museu de Arte Religiosa, que só começou a funcionar em 1945, na Capela de Santa Luzia, no centro de Vitória. Em 1952, por meio do Decreto nº 777, de 24 de março de 1952, o então Museu Capixaba foi transferido do quartel da polícia para a residência dos herdeiros do Barão de Monjardim. Em 1966, o Museu de Arte Religiosa foi fechado e todo o seu acervo, numa ordem de mais de trezentas e setenta peças, foi transferido para o

mesmo local em que funcionava o então Museu Capixaba. Os dois museus se tornaram um, que foi denominado Museu de Arte e História da Ufes, localizado na chácara da tradicional família Monjardim, em Vitória. Em 1980, passou a ser denominado com o nome que permanece até os presentes dias, Museu Solar Monjardim (IBRAM, 2015).

De arquitetura rural do final do século XVIII, a chácara era a sede da antiga Fazenda Jucutuquara que, a princípio, era propriedade dos jesuítas. Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, a fazenda passou a ser propriedade do comerciante Gonçalo Pereira Pinto. Depois, passou a ser propriedade do capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo e a filha deste, chamada Ana Francisca de Paula, ao casar-se com o coronel José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim, herdou o imóvel. Desse casamento nasceu Alfeu Adolfo Monjardim de Andrade e Almeida, que ganhou mais tarde o título de Barão de Monjardim.

O Barão de Monjardim foi então representante de uma família rica no Estado do ES e presidente dessa província por eleição. A fazenda foi propriedade da família Monjardim por mais de cento e cinquenta anos, mas, em 25 de outubro de 1940, foi tombado como patrimônio público nacional e hoje se situa na avenida Paulino Muller s/nº, bairro Jucutuquara – Vitória, ES.

De acordo com as informações históricas do Plano Museológico 2019 – 2023, durante todo o tempo de existência, o MSM passou, em sua criação, pela gestão do Instituto Histórico e Geográfico. Com o desinteresse desse instituto, o interventor Bley, em data desconhecida, passou a direção do museu para Secretaria de Estado da Educação. Em 1956, o museu passou novamente para a gestão do Instituto Histórico e Geográfico; em seguida, a gestão passou a ser da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo. Em 1954, a direção do museu foi entregue à recém-criada Universidade Federal do Espírito Santo, permanecendo com essa até o ano de 2001. Atualmente, o museu é administrado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Conforme informações do Plano Museológico, o MSM se define hoje como um museu histórico. Com acervo eclético de mais de três mil peças, mantém uma exposição permanente que busca reescrever a vida da tradicional família Monjardim no Século XIX. Também preserva acervos de artes sacras, um casarão do século XIX, um belo jardim ostentoso, uma área de mata com reserva de floresta tropical, várias árvores que produzem ricas sombras, estacionamento próprio e um anfiteatro ao ar livre com

capacidade para mais de cem pessoas. O casarão está numa área elevada, fresca, de onde se tem uma vista privilegiada de alguns pontos do município de Vitória.

Em nossas visitas à área interna do MSM, percebemos que o casarão é bem arejado, com paredes feitas à base de tijolos, areia e gordura de baleia; mantém o telhado nos modelos do século XIX; o piso é de madeira e bem encerado, de forma que os visitantes usam pantufas para que os calçados não o arranhem; além disso, o casarão possui várias portas e janelas. A manutenção com as características antigas explica várias curiosidades e como se comportava a sociedade nas épocas representadas.

O Plano Museológico 2019 – 2023, documento criado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a partir da Portaria Normativa nº 1 de 5 de julho de 2006, tem como objetivo tratar do desenvolvimento e da gestão política, técnica e administrativa dos museus. Esse documento cita como uma das missões do MSM: “Dar às pessoas a oportunidade de conhecer a história e a cultura do ES e do Brasil, enquanto salvaguarda seus testemunhos materiais e imateriais” (IBRAM, 2023, p. 9).

Atualmente, o MSM mantém em sua organização administrativa um diretor geral, uma assessoria de comunicação e quatro setores: o administrativo, o de museologia, o educativo e o de documentação. Em seu quadro de pessoal, o museu conta com sete servidores de nível superior e um de nível médio, doze terceirizados no serviço de limpeza e asseio e cinco vigilantes que atuam vinte e quatro horas todos os dias; o museu conta, também, com um estagiário.

O MSM busca “ser um museu de referência para o Estado do ES, exemplo para o Brasil e para o mundo, admirado pelos visitantes e orgulho da comunidade” (IBRAM, 2011, p. 5). Nesse sentido, conforme o documento analisado, a direção do museu busca trabalhar diuturnamente para preservar a história material e imaterial da sociedade local, observar a legislação em vigor, aplicar os recursos financeiros com responsabilidade, promover a cultura, buscar a sustentabilidade de seus projetos, atender com excelência os visitantes, trabalhar de forma ética e responsável junto ao público e valorizar os servidores, incentivando-os no comprometimento com o patrimônio cultural e com as questões sociais (IBRAM, 2019).

Lamentavelmente, o MSM enfrenta desafios em seus programas de segurança, financiamento, fomento, difusão e divulgação, educação, cultura e pesquisa. Está

situado em uma região violenta, dominada pela prostituição, assaltos e tráfico de drogas. Por conta disso, o museu busca aquisição de equipamentos de segurança e monitoramento e implantação de sistemas anti-incêndio (IBRAM, 2019).

Quanto ao campo de financiamento e fomento, o museu recebe recursos federais, mas não vem sendo suficiente para manutenção das melhorias físicas necessárias e promoção de projetos. Para isso, entre os muitos desafios, estão o de articular parcerias com empresas particulares e manter as existentes, além de criar uma associação de amigos do museu e contatos com parlamentares locais em busca de emendas e outras possibilidades de recursos (IBRAM, 2019).

Na área de difusão e divulgação, o museu busca popularizar seus projetos e atividades; para isso, a assessoria de comunicação utiliza folders, cartões postais, promove eventos culturais e turísticos no museu e dialoga com a mídia local.

Nos seus programas educativos, o museu oferece visitas agendadas aos alunos das escolas públicas e privadas, eventos educativos para comunidade e gincanas culturais com temas museais. Há o movimento de divulgar o museu para as escolas a fim de que os estudantes conheçam as dependências e o acervo do museu, e que professores produzam materiais didáticos, como cartilhas e jogos educativos. Por fim, o museu busca narrar sua história e a de seu acervo, disseminar informações sobre projetos voltados para o público, patrimônio cultural e museologia.

Nesse sentido, a presente pesquisa pode contribuir com o diálogo entre o setor educativo, demais setores e professores, a fim de aproximar as escolas desse espaço para potencializar o ensino e a aprendizagem. Assim, tornou-se indispensável entrevistar professores para conhecer seus apontamentos na relação da escola com o museu, com vistas às práticas educativas, bem como para identificar se os recursos financeiros garantidos por lei são minimamente suficientes para manter as funções básicas do museu: de divulgação, preservação e produção de conhecimentos.

Na compreensão dessa relação do museu como mediador do ensino e aprendizagem e dos desafios e possibilidades que podem surgir no processo, dialoguei com outros trabalhos que abordam esta temática, conforme exposto no capítulo a seguir.

## **2 PANORAMA DE TESES E DISSERTAÇÕES QUE ABORDAM A EDUCAÇÃO EM MUSEUS**

Considerando que o conhecimento é construído coletivamente, pesquisei por outros estudos que dialogam com o tema e com os objetivos desta pesquisa. Em dezembro de 2022, visitei a o Banco de Teses e de Dissertações (BDTD) da Capes, usando as palavras-chave: “ações educativas em museus”, para identificar diretrizes educativas pensadas para serem desenvolvidas nos museus, e “práticas educativas em museus”, que diz respeito a atividades educativas que já acontecem nos museus. A prioridade foi encontrar teses e dissertações defendidas entre 2017 e 2022, com o intuito de formular o “Estado de Conhecimento” que, conforme Morosini e Fernandes, trata-se de: [...] identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica (MOROSINI, FERNANDES, 2014). Esse recorte até o ano de 2022 se deve ao fato de ser o período em que encerrei as buscas para formar o estado do conhecimento.

O estado de conhecimento implica que o pesquisador não caminhe sozinho em sua temática, mas vá ao encontro de outros pesquisadores com objetivos parecidos. Para Romanowski e Ens (2006), o estado de conhecimento aponta para a atualização da temática, as delimitações das pesquisas e as possíveis inovações que ocorrem no campo acadêmico. A partir dessas premissas, elaborei três quadros que expõem: autor, instituição, programa de pós graduação, ano de publicação e título do trabalho.

Usando o termo “ações educativas em museus”, a busca na plataforma BDTD apontou 69 resultados (Quadro 1). Ao filtrar por trabalhos produzidos nos Programas de Pós-Graduação em Educação, o quantitativo ficou em 7.

Quadro 1: Ações educativas em museus

Quadro 1 - Ações educativas em museus					
AUTOR		IES	PROGRAMA	ANO	TÍTULO
01	LEITÃO, Ângela Bezerra de Souza	UFPE	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Relações discursivas em museus de ciências e o processo de alfabetização científica: analisando interações verbais / não verbais entre monitor e visitantes
02	LOURENÇO, Márcia Fernandes	USP	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Materiais educativos em museus e sua contribuição para a alfabetização científica
03	ROCHA, Leonardo Vinícius Kopke da	UFMG	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Ensinar História para além da sala de aula: ações educativas no Museu Mineiro
04	CAMPOS, Túlio	UFMG	Programa de Pós-Graduação em Educação	2019	A escola e a cidade: experiências de crianças e adultos em excursões na Educação Infantil
05	BIORA, Ellen Cristina Polli Biora	UFPR	Programa de Pós-Graduação em Educação	2019	O conceito de museu vivo na perspectiva da educação: o caso do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (1970 - 1984)
06	MATOS, Isla Andrade Pereirade	PUC-Campinas	Programa de Pós-Graduação em Educação	2020	Educação em Museus: Análise comparativa de didáticas museais em São Paulo e Londres
07	GONÇALVES, Renata Carlos de Oliveira	UFCG	Programa de Pós-Graduação em Educação	2020	O museu como ambiente educativo: um estudo em Campina Grande – PB

Fonte: BDTD - elaborado pelo autor (2022).

Usando o termo “práticas educativas em museus”, a plataforma exibiu 73 resultados; desses, 6 foram selecionados de acordo com o mesmo critério anterior - trabalhos produzidos nos Programas de Pós-Graduação em Educação, conforme o quadro 2:

Quadro 2 - Práticas educativas em museus

Quadro 2 - Práticas educativas em museus					
AUTOR		IES	PROGRAMA	ANO	TÍTULO
01	SANTANA, Douglas Proença de	UFMS	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Museus como ferramentas pedagógicas: o caso do museu arqueológico e histórico de Coxim/MS
02	ROCHA, Leonardo Vinicius Kopke da	UFMG	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Ensinar História para além da sala de aula: ações educativas no Museu Mineiro
03	RICARDO, Luciana de Maya	UnB	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	A educação em diálogo com a cultura: da experiência de educação do Museu Vivo da Memória Candanga a uma proposta educativa para o Museu da Educação do DF
04	DUARTE, Rosane Hobold	UNESC	Programa de Pós-Graduação em Educação	2018	Museu e educação: experiências pedagógicas no museu ao ar livre princesa Isabel - Malpi (Orleans, SC)
05	BIORA, Ellen Cristina Polli Biora	UFPR	Programa de Pós-Graduação em Educação	2019	O conceito de museu vivo na perspectiva da educação: o caso do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (1970 - 1984)
06	MATOS, Isla Andrade Pereira de	PUC- Campinas	Programa de Pós-Graduação em Educação	2020	Educação em Museus: Análise comparativa de didáticas museais em São Paulo e Londres

Fonte: BDTD - elaborado pelo autor (2022).



Dos 6 selecionados pela segunda palavra-chave, 2 eram repetidos da primeira busca, sendo, portanto, desconsiderados. Então, foram selecionados 10 trabalhos para leitura e análise (Quadro 3).

Quadro 3 - Trabalhos selecionados

Quadro 3 - Trabalhos selecionados					
AUTOR		IES	PROGRAMA	ANO	TÍTULO
01	LEITÃO, Angela Bezerra de Souza	UFPE	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Relações discursivas em museus de ciências e o processo de alfabetização científica: analisando interações verbais/não verbais entre monitor e visitantes
02	LOURENÇO, Márcia Fernandes	USP	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Materiais educativos em museus: sua contribuição para a alfabetização científica
03	ROCHA, Leonardo Vinícius Kopke da	UFMG	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Ensinar História para além da sala de aula: ações educativas no Museu Mineiro
04	SANTANA, Douglas Proença de	UFMS	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	Museus como ferramentas pedagógicas: o caso do museu arqueológico e histórico de Coxim/MS
05	DUARTE, Rosane Hobold	UNESC	Programa de Pós-Graduação em Educação	2018	Museu e educação: experiências pedagógicas no museu ao ar livre princesa Isabel - Malpi (Orleans, SC)
06	CAMPOS, Túlio	UFMG	Programa de Pós-Graduação em Educação	2019	A escola e a cidade: experiências de crianças e adultos em excursões na Educação Infantil

Continua

07	BIORA, Cristina Biora	Ellen Polli	UFPR	Programa de Pós-Graduação em Educação	2019	O conceito de museu vivo na perspectiva da educação: o caso do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (1970 - 1984)
08	MATOS, Isla Andrade de	Pereira	PUC-Campinas	Programa de Pós-Graduação em Educação	2020	Educação em Museus: Análise comparativa de didáticas museais em São Paulo e Londres
09	GONÇALVES, Renata Carlos de Oliveira		UFCG	Programa de Pós-Graduação em Educação	2020	O museu como ambiente educativo: um estudo em Campina Grande – PB
10	RICARDO, Luciana de Maya		UnB	Programa de Pós-Graduação em Educação	2017	A educação em diálogo com a cultura: da experiência de educação do Museu Vivo da Memória Candanga a uma proposta educativa para o Museu da Educação do DF

Fonte: plataforma BDTD - elaborado pelo autor (2022).

Na busca por trabalhos alinhados a esta pesquisa, identifiquei que a tese de Leitão (2017) analisa as interações entre monitor e visitantes. A autora analisa como as especificidades dos enunciados que emergem da interação entre monitores e visitantes no espaço-ciência promovem a alfabetização científica, compreendida como o processo em que os indivíduos adquirem habilidades próprias do fazer científico. A pesquisa da autora foi desenvolvida com um grupo de 27 estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública de Recife, Pernambuco, em um estudo de campo em um museu de ciências.

Ainda de acordo com Leitão (2017), a alfabetização científica está apoiada nos postulados freireanos, que pressupõem como sujeito de ocorrências “aquele que adquiriu a capacidade de criticizar sua curiosidade ingênua, e sem perder sua identidade é capaz de interrogar a realidade, de compará-la, de entender as interações que lhe circundam, para transformar o seu papel diante da mesma” (FREIRE 1996 apud LEITÃO, 2017, p. 15).

Ademais, Leitão (2017) entende o museu como um espaço promissor para práticas educativas reflexivas e críticas, não só para as escolas, mas para toda a sociedade. Para ela, os museus são espaços divertidos, descontraídos e servem como

ferramenta para o saber científico. No entanto, o aprendizado nos museus carece de noções de como se dão os adventos tecnológicos e os seus efeitos para sociedade e para o meio ambiente. A pesquisa dela está entrelaçada com o objetivo de uma alfabetização para além do código da leitura, avançando para o da interpretação científica, que compreende os códigos escritos de uma dada ciência e propicia uma melhor compreensão do mundo. Nessa intenção, o museu está além de uma mera ferramenta educadora, não só para estudantes, mas para toda a sociedade.

Entendendo a importância e o papel que os museus desempenham na sociedade, Lourenço (2017) adotou os zoológicos como tipos de museus a serem pesquisados em sua tese, pois esses têm em sua natureza a possibilidade de contribuir com os interesses dela na área de Biologia, facilitando a compreensão dos seus itens de estudos. Sendo mais específica em sua pesquisa, Lourenço (2017) estudou de forma particular o Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, na cidade de Sorocaba, São Paulo. Ela também se preocupou com as seguintes questões: O que os museus oferecem aos seus públicos? Que atividades educativas esses mesmos museus oferecem aos seus visitantes? A pesquisadora trabalhou com um universo de 38 zoológicos espalhados pelo Brasil, e desses, detectou que 13 desenvolvem propostas educativas com os visitantes. Entre essas atividades, estão:

[...] exposições, cursos para professores e mediadores, palestras para o público geral, atividades de férias, feiras de ciências, visitas aos bastidores, empréstimo de material educativo, aulas em laboratórios, “contação” de histórias, observação com telescópio, programas e rádios locais, realização de atividades em datas especiais, sessão em planetários, trilhas, visitas técnicas, atendimento a pessoas com deficiência, atividades especiais aos finais de semana entre outras. [...] (LOURENÇO, 2017, p. 18).

A pesquisa de Lourenço (2017) contribui com o presente estudo, pois também traz à tona a formação dos monitores do MSM, o diálogo deles com o público e a aprendizagem dos visitantes quando o museu tem caráter pedagógico para alunos do Ensino Fundamental.

Já para Rocha (2017), cujo foco é a educação não formal - fora das salas de aulas -, o museu é considerado uma possibilidade didática para ensino, por exemplo, para complementar a formação de alunos na disciplina de História: “[...] através das visitas aos museus, um processo de ensino e aprendizagem é proposto em sala de aula [...]” (2017, p. 21).

O Museu Mineiro de Belo Horizonte, onde Rocha (2017) desenvolveu a pesquisa,

pode fortalecer suas ideias acerca do ensino de História, sobretudo a História do estado de Minas Gerais. O espaço foi fundado em 1910, e oferece “[...] rico acervo de obras de arte que se associam diretamente aos conteúdos didáticos da História” [...]” (ROCHA, 2017, p. 49). Nesse acervo estão documentos da formação da cultura do Estado de Minas Gerais - mais de 2.600 objetos. Estão catalogadas coleções de pinturas históricas, materiais arqueológicos, móveis, moedas, armas e imagens sacras datadas entre os séculos XVIII e XIX. Das ações educativas apontadas por Rocha (2017), o museu trabalha, principalmente, o programa “ Museu Mineiro: Encontros Desdobráveis de Tales Bedeschi Faria”, cuja finalidade é estreitar os laços entre o museu e os educadores. Esse programa auxilia professores e alunos antes dos estudos de campo programados, trabalha a apresentação do museu ao público, sua contextualização voltada para formação de professores, descreve o arranjo histórico de seu espaço e explica como foram adquiridas as peças para a coleção.

Para a visita, é “[...] é solicitado aos alunos que eles levem objetos diversos com os quais eles tenham afinidades – cartas, bilhetes, fotos, receitas, registros de acontecimentos, etc. [...]” (ROCHA, 2017, p. 62), na tentativa de que cada estudante crie sua própria coleção pessoal. O programa trabalha a formação das culturas; ao desenvolver o tópico Cultura e conhecimento, “[...] propõe que os alunos relacionem sua própria cultura às imagens encontradas em revistas, criando personagens desses recortes” (ROCHA, 2017, p. 62). Também faz articulações com o pensamento contemporâneo da arte, quando os alunos escolhem uma obra de arte e dela resgatam um símbolo e o desenham.

Outra contribuição para esta pesquisa foi a dissertação de Santana (2017), com estudos desenvolvidos no Museu Arqueológico e Histórico de Coxim no Estado do Mato Grosso do Sul. Ele trabalhou o tema da pedagogia nas perspectivas de professores entrevistados, aborda a educação no contexto capitalista e explana a Psicologia Histórico Cultural. Entende-se, dessa pesquisa, que um professor pode utilizar inúmeros recursos para sensibilizar o aluno para o processo educativo apresentando o museu como um desses recursos. Na pesquisa, Santana (2017) apresenta o Museu Arqueológico e Histórico de Coxim, no Estado de Mato Grosso do Sul, no *campus* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O autor relaciona o acervo com artes, literatura, imagem e som, cultura, memória, arqueologia, história e outros campos do saber. Também descobre, junto aos depoentes de sua

pesquisa, um potencial para desenvolvimento da história local.

Santana (2017) aponta desafios para que uma escola desloque seus estudantes para os estudos de campo nessa instituição, o que envolve dificuldade com transportes, deslocamentos, obtenção de autorização dos pais e até mesmo a falta do programa de estudos de campo no programa curricular das escolas. O autor denomina essas dificuldades como “entraves burocráticos” que atrapalham e impedem o bom trabalho que o museu e escolas podem desenvolver, além de frustrar os projetos educativos no Brasil. Outro impedimento notado por Santana (2017) é que o museu não oferece muitas opções de programas aos alunos, o que é desestimulante. Por isso, ele ressalta a necessidade de mais investimentos por parte dos órgãos públicos nos museus no sentido de que professores e escolas tenham mais incentivos e facilidades para desenvolverem as suas atividades nos museus.

A pesquisa de Duarte (2018) destaca que a população de muitas cidades, na rotina corriqueira, quase não percebe os espaços históricos que narram as histórias locais. Nesse sentido, Duarte (2018) insiste que a sociedade visite os museus, que além da história, narram sentimentos e possibilitam pertencimentos, funcionando como ferramentas educativas ao estimularem a contemplação e a reflexão.

A pesquisa foi realizada junto a professores do Ensino Fundamental que visitaram o Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, na cidade de Orleans, no estado de Santa Catarina. Buscou compreender se os professores possuem algum conhecimento acerca da metodologia de educação patrimonial; e, se, com esse conhecimento eles se beneficiaram durante os estudos de campo no museu. A autora procurou saber como os professores organizaram seus planejamentos dos estudos de campo, considerando que, para Duarte (2018), é muito importante unir Pedagogia e Museologia, devido ao fato de os espaços dos museus serem ricos em memórias, funcionando como potentes laboratórios de estudos, onde os professores podem buscar metodologias para fortalecer o ensino de crianças e jovens. Na sua pesquisa, Duarte (2018) questiona se, depois dos estudos de campo no museu, são propostas, por parte dos professores, atividades de complementação ou de apoio para que os alunos possam expressar e fixar o aprendizado. Ela analisou, ainda, as observações feitas pelos docentes depois dos estudos no museu e contextualizou a pesquisa a partir de temas considerados importantes para compreensão da educação patrimonial.

Outro texto importante que encontrei foi a tese de Campos (2019), que trata de

experiências de professores e estudantes em espaços não formais, como o museu. Ele realizou o estudo com crianças de cinco a seis anos, de uma instituição pública de ensino, por um período de três meses, para fazer excursões por diversos pontos de entretenimento da cidade de Belo Horizonte, a fim de desenvolver as atividades fora dos muros da escola. Nesse trabalho, ficou evidente o quanto são positivas as relações entre a escola e a cidade, e as relações entre a escola e os museus. O autor ressalta que as atividades fora dos muros da escola devem ser planejadas e organizadas. As crianças estudantes compõem, transitam e frequentam as instituições das cidades; nesse sentido, Campos (2019) considera que elas produzem cultura a partir de suas experiências de apropriação e ressignificação do mundo, motivo pelo qual ele defende que o lugar das crianças não é o confinamento, mas a participação no dia-a-dia da sociedade, com poder de fala e expressão, enquanto os adultos podem desenvolver a atitude de ouvintes das expressões infantis.

Outro trabalho importante sobre o tema é o de Biora (2019), cuja dissertação analisa o conceito de museu vivo e sua relação com ações educativas promovidas no período de 1970 a 1984. Seu ambiente de estudo foi o Museu de Arte Contemporânea do Paraná, que promoveu atividades educativas para visitantes do público em geral, tanto para os que usavam o espaço como entretenimento, quanto para estudantes que participavam dos estudos de campo. Entre essas atividades estavam exposições de acervos com visitas monitoradas, atividades de atelier voltadas para o público infantil, cursos profissionalizantes nas áreas de artes, design, cinema e propaganda.

Segundo Biora (2019), como todos os projetos preveem gastos financeiros, o Museu da Arte Contemporânea do Paraná se viu limitado a desenvolver seus projetos educativos por falta de recursos, mas a princípio o projeto, nos anos de 1970 a 1984, contemplava a promoção e a difusão de produção artística contemporânea, a oferta de cursos de extensão e aperfeiçoamento, e o intercâmbio com outras instituições do mesmo gênero. Por ser uma instituição pública e por ser época do regime militar, as atividades também estavam limitadas a interferências políticas que, por vezes, interrompiam os interesses do projeto. Na década de 1970, já havia visitas de turmas escolares ao Museu da Arte Contemporânea do Paraná, porém com pouco rendimento, pois os professores não tinham conhecimento das possibilidades educacionais dos museus.

Ainda segundo o autor, nos anos de 1974 e 1975, as visitas passaram a ser guiadas e

isso era um passo importante na época. Na tentativa de corroborar com o papel educativo do museu, a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação, organizou o projeto “Vamos ao Museu”, que alavancou a participação das escolas nos estudos de campo nos museus. Passou a haver mais qualidade nas visitas, isto é, com o que os estudantes estavam vendo e entendendo.

O estudo de Biora (2019) se relaciona com o tema da presente pesquisa no sentido de que os monitores são imprescindíveis durante as visitas dos estudantes ao museu. Paralelo a isso, os professores devem ser preparados com formação para transmitirem a importância da educação museal para os seus alunos.

Convém citar, ainda, o trabalho de Matos (2020), cuja pergunta norteadora foi “[...] a educação e o estudo são objetivos essenciais relacionados à própria existência dos museus, durante o planejamento e execução de ações educativas museais junto ao público escolar?” A ideia era compreender se os museus trabalham mais com a educação ou com o entretenimento dos públicos. Para isso, a autora analisou seis museus, localizados em São Paulo e na cidade de Londres, na Inglaterra.

Matos (2020) percebeu que apenas metade dos museus analisados no Brasil oferecem serviços de ação educativa. Já na Inglaterra, esse processo é bem elaborado e acelerado, uma vez que existe por parte do governo amplo investimento nessa área. A pesquisa detalha cinco museus ingleses, sendo a Inglaterra a mais evoluída na educação museal. Com esse estudo, foi possível mensurar como faz diferença uma cultura que valoriza a história e a formação de professores e alunos a partir da história local e nacional.

Ainda na temática, Gonçalves (2020) estudou a relação entre museus e escolas a partir das perspectivas de estudantes e professores do Ensino Fundamental II sobre os museus. Também analisou as práticas educativas de cinco museus do município de Campina Grande, na Paraíba. Nessa trajetória, conheceu o Projeto “Com a mala na mão, vamos conhecer o Natal”, desenvolvido na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, onde alunos são convidados a sair das paredes das escolas para explorar a cidade. Nesse projeto, a cidade, com as suas estruturas culturais e históricas, se torna um grande museu a céu aberto, com exposições de seu patrimônio. Durante a vigência desse projeto, foram desenvolvidas visitas às escolas, por parte do setor de cultura e esporte da cidade, para apresentar pontos turísticos e culturais, praias e praças.

Essas apresentações eram feitas inicialmente com fotos, livros, folhetos e CDs musicais; posteriormente, os estudantes visitaram os locais.

Segundo Gonçalves (2020), o objetivo dessas ações foi promover uma experiência de aproximação dos alunos com os conteúdos estudados em sala de aula, de forma que o museu possibilite a concretização desses conteúdos.

Por fim, acessei a pesquisa de Ricardo (2017), segundo o qual os museus desenvolvem narrativas neutras para apresentar seus acervos, há sempre intencionalidade e objetivos a serem alcançados. O autor resgata que a relação das escolas com os museus vem desde o final do século XIX, com pequenas mostras de assuntos a serem pesquisados por estudantes. Mas a relação entre museu e educação, no Brasil, com foco na educação, data de 1950, com os aportes dos museus históricos e atividades extraclasse.

Pensando no museu como uma atividade extraclasse, Ricardo (2017) pesquisa sobre uma proposta pedagógica no espaço de dez anos no Museu Vivo da Memória de Candanga, situado na cidade de Brasília, Distrito Federal. Desde os seus primórdios, o museu estava destinado a ser espaço de convivência, trocas de informações e experiências por meio de cursos e eventos para a comunidade.

Concluindo as buscas na BDTD, observei que os trabalhos aqui listados apontam para as possibilidades de interação entre estudantes, acervos e exposições dos museus, de forma que esses visitantes têm oportunidades para desenvolverem pensamentos críticos, noções de organização e classificação, além de interação com a própria história, origens e raízes.

É fato que o museu apresenta-se como uma possibilidade didática, qualquer que seja a especialização, qualquer que seja o ramo do estudo; trata-se de uma ferramenta educativa com potenciais multidisciplinares e possibilidades de formação para todas as áreas. O espaço museal pode se constituir, também, como lugar de lazer onde os estudantes podem se divertir com as exposições. Exemplo disso é que atividades recreativas e folclóricas são desenvolvidas nos museus pesquisados, no intuito de atrair estudantes e demais visitantes, o que tem produzido resultados positivos.

Em sua pesquisa, Portela (2015), discutiu a prática de lazer em museus, explicando que esse interesse surgiu há alguns anos quando ele percebeu, ao longo da trajetória profissional como museólogo, atuando em várias vertentes da museologia, que a indústria do lazer se ampliava



e transformava a relação do público com os museus e conseguia imprimir esse espaço como um local de realização de práticas de lazer e atração turística.

Os museus são opções de lazer para famílias que consideram um lugar para se aproveitar o tempo, além disso, eles são considerados uma oferta de lazer qualificado. Museus são meios de comunicação e a museografia deve proporcionar prazer, contemplação, diversão, conhecimento (PORTELA, 2015. p. 31).

As pesquisas encontradas na BDTD também sinalizam como as exposições de museus podem abordar a preservação do meio-ambiente, pois não lidam somente com o passado, mas com o presente e o futuro da humanidade, desde que os organizadores estejam dispostos a despertarem esses sentimentos nos estudantes e nos demais visitantes.

Além da preservação ambiental, os museus podem narrar a história de um povo, produzir o sentimento de pertencimento de uma população e fortalecer que os estudantes são parte daquela sociedade junto com seus familiares.

Os trabalhos aqui apresentados reforçam a importância de levar as crianças aos museus, tirá-las de seus confinamentos, de forma que elas interajam entre si e entendam que existem histórias a serem contadas e ensinadas, que se relacionam com o tempo presente e que podem produzir formação para o cidadão do futuro.

Há, entretanto, desafios a serem enfrentado pelos museus, em especial quanto à carência de recursos financeiros. É urgente que haja sensibilidade por parte da administração pública para investir nos museus e na formação continuada de profissionais (dos museus e da escola) para impulsionar o trabalho educativo.

Em suma, pesquisei os seguintes autores de teses e dissertações: Angela Bezerra de Souza Leitão (2017), Márcia Fernandes Lourenço (2017), Leonardo Vinícius Kopke da Rocha (2017), Douglas Proença de Santana (2017), Rosanni Hobold Duarte (2018), Túlio Campos (2019), Ellen Cristina Polli Biora (2019), Isla Andrade Pereira de Matos (2020), Renata Carlos de Oliveira Gonçalves (2020) e Luciana de Maya Ricardo (2020).

As palavras chaves mais comuns encontradas nesses trabalhos foram: Museus (citada cinco vezes), alfabetização científica (citada duas vezes), ação educativa (citada duas vezes). Depois, em ordem alfabética: ação educativa; ambiente educativo; cidade; cidade educadora; contexto dialógico; crianças; didática museal;

educação; educação ambiental; educação em museus; educação formal; informal e não formal; educação infantil; educação não formal; educação patrimonial; ensino; ensino de Arte; ensino de História; excursão; História; História da Educação; identidade; indicadores de alfabetização científica; infâncias; interações discursivas; linguagens; materiais educativos; memória; metodologia; museu de Ciências; museu de História Natural; museu e comunidade; museu e Educação; museu vivo; museus de arte; prática pedagógica; professor; representações sociais; e visita escolar.

Notei que a prática mais relatada nos trabalhos são os projetos recreativos que visam levar os estudantes para os museus. São estratégias válidas, que tornam os museus mais atraentes para os estudantes e demais visitantes.

Nas ações educativas apresentadas destaco os trabalhos de Leitão (2017), Lourenço (2017), Rocha (2017), Duarte (2018) e Campos (2019). Leitão (2017) informa que no Museu de Ciências de Recife a ação de maior destaque é a formação dos monitores, na qual um monitor aprende com os demais e há cursos de formação continuada no início de cada semestre. Na época da pesquisa, o Museu de Ciência de Recife contava com 72 monitores.

Já Lourenço (2017) relata uma ação educativa desenvolvida no Museu Zoológico de Sorocaba, onde os estudantes e visitantes têm contato físico com kits de animais empalhados, fetos, crânios e réplicas de grandes animais, além de manuais de apoio aos professores.

Rocha (2017), por sua vez, apresenta algumas ações educativas aplicadas no Museu Mineiro, sendo elas: Atividade 1 – (Re) descobrindo a História no Museu Mineiro, cujo público-alvo são alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Nessa atividade, os alunos aprofundaram conceitos básicos da disciplina de História por meio dos objetos em exposição. Essa ação também explorou diversidades culturais do presente e do passado do Estado de Minas Gerais e do Brasil. Atividade 2 – O legado dos Inconfidentes, para os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. Consistiu em um roteiro da visita para que os estudantes encontrassem nas exposições elementos que (re)formassem a trama que envolveu a elite de Vila Rica no século XVIII e que terminou com a morte de Joaquim José da Silva Xavier, o famoso Tiradentes. Atividade 3 – A simbologia dos Objetos no Acervado Museu Mineiro, para os do 9º ano do Ensino Fundamental. Abordou a importância dos símbolos a partir da relação com objetos em exposição nesse museu. Os estudantes foram provocados a despertar um olhar crítico

e reflexivo para os objetos que as exposições oferecem.

O trabalho de Duarte (2018) apresenta algumas atividades temporais do Museu de Malpi, que aborda a temática indígena no mês de abril, e outras atividades como a “Semana dos Museus”, “Primavera dos Museus”, sugeridas pelo IPHAN para todos os museus interligados a ele.

A tese de Campos (2019) relata dois projetos muito positivos: 1 - Educando para Educar a Cidade, que teve como objetivos: sensibilizar a comunidade escolar para uso contínuo dos espaços públicos da cidade; formar professores e monitores para mediação cultural e política; promover interações das famílias com a escola e a cidade; expandir o acesso das crianças da Educação Infantil aos espaços públicos; educar a cidade para que ela se torne educadora. 2 – Apropriação da Belo Horizonte Cultural, cujos objetivos foram: sensibilizar e formar professores para uso dos espaços públicos da cidade; promover nas crianças o sentimento de pertencimento aos espaços da cidade; ampliar o campo de curiosidades e redescobertas das crianças; oportunizar às crianças experiências de observação e exploração do ambiente, percebendo-se como agentes transformadoras e integrantes desse meio; proporcionar à comunidade escolar o contato com os espaços culturais da cidade em que residem e perceberem as mudanças ocorridas através dos tempos.

Sobre a educação em museus no estado do Espírito Santo, encontrei a pesquisa de Gomes (2013), realizada junto ao Museu da cidade Anchieta - ES, e defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Após conceituar a educação informal como aquela que acontece fora dos muros da escola, Gomes argumenta que os museus são valiosos colaboradores no processo de conhecimento científico, pois favorecem a ação pedagógica e a religação de conhecimentos.

Ao proporcionar a ocorrência de ações interdisciplinares de ensino, o espaço museal, sua estrutura, seus artefatos arqueológicos e documentos históricos, tudo, favorece a comunicação efetiva com a escola. A linha tênue que aproxima cultura científica à cultura erudita se materializa no museu, o qual transforma tais conhecimentos, deixando-os mais inteligíveis ao público. O museu possui por natureza a possibilidade de articular vários saberes ao mesmo tempo em que os contextualiza (GOMES, 2013, p. 13).

Em seus estudos, Gomes (2013) entende que o espaço do museu precisa ser lúdico e dinâmico, sem suprimir seu viés de produtor de conhecimentos. Ela ressalta que ao fim dos estudos de campo, os estudantes perceberam de forma leve e lúdica o

conhecimento construído. E que, para atendê-los com mais qualidade, o museu deve ser um espaço de diálogo, interação e troca entre várias áreas do saber. Ainda para a autora, as ações educativas devem extrapolar o conhecimento disciplinar, enfocando cultura e identidade, de forma que o conhecimento científico seja palpável. Também no Espírito Santo, encontrei o trabalho de Falk (2014), segundo a qual os museus colocam a sociedade diante de sua história, conflitos, tradições e cultura, constituindo-se em espaços de reflexão, aquisição de saberes clássicos e valorização de saberes populares. Ele informa que todos os museus têm caráter preservacionista quanto ao patrimônio cultural, mas que, mesmo assim, é comum a percepção de que os museus se parecem com instituições européias do Século XIX, preocupadas em documentar, preservar e expor objetos para mera contemplação e arranjos estéticos. Falk (2014) destaca que os museus ganharam funções políticas e socioeducativas especiais, além de colaborarem para o sentimento de pertencimento cultural, com a inclusão social e a formação de cidadãos críticos.

Mas o que vem a ser o museu em seu cerne? Como os museus se comportam no mundo atual? Como entenderemos melhor os conceitos de museus? O capítulo a seguir tece essas reflexões a partir dos referenciais teóricos e discute sobre o museu como uma entidade que tem suas operantes funções de guardar objetos e mediar memórias.

### **3 MUSEU: GUARDIÃO DE OBJETOS MEDIADORES DE MEMÓRIAS E SEU PAPEL EDUCATIVO**

Conforme esboçamos na introdução desta pesquisa, o museu voltado para questões culturais e pedagógicas teve origem no século XIX. No contexto das atividades pedagógicas, o museu objetivava, principalmente, a preservação de bens da realeza e de bens coletivos, buscando desenvolver sentimentos de unidade nacional, como foi o caso do museu do Louvre, na França. Mesmo assim, as preocupações culturais e pedagógicas estavam muito voltadas para as práticas dos colecionadores que criaram os gabinetes de curiosidades, nos quais o museu se constituía em um espaço com vários objetos que encantavam pessoas que por ali passavam.

A partir de meados do século XVIII, a tendência hegemônica dos museus que somente colecionavam objetos para contemplação foi sendo superada. Esses espaços se tornaram lugar de investigação, de saberes e de reuniões, mas continuavam restritos a pessoas pertencentes às camadas sociais com maior poder econômico e social. No século XIX, envoltos pela ideia de progresso, passaram a organizar suas exposições a partir de objetos pertencentes às classes sociais dominantes, grupos religiosos e instituições sociais.

Os museus que continuam a organizar suas exposições com referenciais de memória das classes dominantes ainda estão muito presentes. Neles, a celebração do passado (recente ou remoto) é a pedra de toque. O culto à saudade, aos acervos valiosos e gloriosos é o que os fundamenta. Eles tendem a se constituir em espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, e o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos (CHAGAS, 2002).

No, entanto Chagas (2002) explica que nem por isso “[...] os museus surgidos com caráter celebrativo estejam maculados por pecado original e fadados à reprodução de modelos que eliminam a participação social e a possibilidade de conexão com o presente” (CHAGAS, 2002, p. 64). Mesmo porque isso seria a negação do museu como um espaço por onde circulam memória, poder, emoção e entretenimento.

Ao longo do século XX, os museus incorporaram diferentes funções, o que modificou a relação com os públicos, que passaram a reclamar pelo reconhecimento da diversidade cultural em contraposição à unidade cultural. Sob esse prisma, quais

acepções de história podem estar presentes nos museus?

Sabe-se que o museu é um canal de comunicação, uma instituição que tem discursos a propagar. De outro lado, está o visitante que dialoga com esses discursos, podendo aceitá-los, debatê-los, fazer proposições, contraposições, questionamentos, duvidar ou mesmo sugerir novas narrativas ao museu.

Pereira (2011) cita cinco concepções históricas que podem permear os museus contemporâneos: a história em que o passado é concebido com real acontecido e está inevitavelmente indisponível; a história como soma dos acontecimentos; a história cuja autoridade repousa na tradição; a história em que o passado está ainda atuante; e a história como narrativa arbitrada.

A primeira acepção é a de um passado acontecido e estático, no qual o museu mostra o seu conteúdo sem a preocupação de ser questionado e estudado. O estudante estaria diante de uma história morta. O professor, ao levar seus alunos a exposições nesse formato, precisa de criatividade para suscitar nos seus alunos um diálogo com as exposições.

Na segunda acepção, o museu tenta fazer a exposição de uma forma em que a história é contada cronologicamente, e soma-se cada percurso histórico para apresentar uma história total; caberia aos estudantes precisarem entender a totalidade dos conhecimentos dessa linha de exposição.

Na terceira acepção, o museu se faz mais conservador, tentando transmitir o passado como algo que não deve ser esquecido, mas que deve ser preservada a tradição do dominador. Os professores e estudantes ficam presos ao passado triunfante da exposição e podem enfrentar contradições com a temporariedade.

Na quarta acepção, o museu apresenta o passado como algo que não acabou e que ainda se faz presente, semelhante à primeira acepção. O que diferencia uma da outra são as questões vivenciadas em outras temporalidades relidas no presente

Já a quinta acepção apresenta o museu como espaço mais reflexivo, que interage com os visitantes, permitindo que dialoguem e explorem as temáticas das exposições. Nessa perspectiva, o professor e os estudantes têm o desafio de sair da passividade e dialogar com as exposições.

Fica entendido, aqui, que a presente pesquisa está mais alinhada à quinta acepção

apresentada por Pereira (2011), pois um museu que pulsa vida emite alegria e propõe democracia, precisa ser espaço de reflexão, formação crítica, de diálogo e liberdade.

Nesta quinta acepção:

Os temas, problemas e controvérsias são objetos deste museu. A vida educativa é nesse caso prática de pensar historicamente, compreendendo a dinâmica múltipla das temporalidades e presente cenário conflitante, inquietante. O visitante é incitado a estranhar, investigar, propor, recompor, decompor, debater; há, neste museu, o convite à desconfiância das narrativas unívocas e das versões consagradas tidas como únicas formas de pensar a história. [...] (PEREIRA, 2011, p. 265).

A quinta acepção de história, também, se torna mais atual e mais interessante para a contemporaneidade, uma vez que os visitantes não se fazem passivos diante das exposições, mas são convidados a participar nas alas dos museus, ora questionando, ora refletindo, ora propondo concepções e formas de convívio social.

Ao se adotar essa acepção narrativa arbitrada para o funcionamento e filosofia de um dado museu, precisa-se pensar como vão se comportar os monitores, os demais trabalhadores e a administração desse espaço, bem como na atuação de professores que levarão seus alunos para os estudos de campo das exposições do museu.

A princípio, Pereira (2011) aponta que os professores brasileiros, em sua maioria, não têm formação continuada para participar com seus alunos nas atividades propostas pelos museus. Isso ocorre por muitas dificuldades tais como distância, carga horária excessiva de trabalho, ausência de liberação para formação por parte da escola, entre outros motivos; há ainda o fato de que a maioria dos museus não oferecerem esse tipo de formação, tanto no próprio espaço quanto nas escolas.

É importante salientar que é crescente o número de estudantes que frequentam museus. Ramos (2004) ressalta que esses têm o desafio de atendê-los com mais qualidade e com ações educativas. Se isso não ocorrer, há uma falha de omissão e de aproveitamento desses espaços como fontes de conhecimentos. Não existe museu inocente, todos têm intenções, propósitos e caráter pedagógico; portanto, ao expor seus objetos, a instituição não deve perder de vista a sua razão de ser (RAMOS, 2004).

Quando os docentes visitam o museu com seus alunos, necessitam de informações prévias acerca das exposições e de desdobramentos criativos para enfrentar as diferentes acepções que cada museu apresenta, pois há aqueles acepções estáticas, outros com acepções conservadoras e outros que são convidativos para exploração

e estudos. Sendo assim, o professor precisará de clareza sobre a natureza da acepção do museu em que vai desenvolver atividades de estudos de campo.

Pereira (2011) destaca os desafios de romper com as tradições instituídas nas filosofias de muitos museus e os limites impostos por educadores do passado que sustentavam essas filosofias. Conforme a autora, há um desafio na relação entre história dos museus, educação museal, memória e consciência comum da sociedade. Isso porque o senso comum conceitua os museus como ambientes passivos, sem expressão e sem comunicação. Para Pereira (2011), os museus são ambientes não-estáticos, instituições em processo, com uma história que se renova, viva e pulsante. Não se reduz a coleções, mas expande-se ao limite a partir do inventário (re)criado pelo visitante. “Por outro lado, o visitante pode interrogar o museu: fazê-lo tremer em sua pretensão de verdade, [...]”. (PEREIRA, 2011 p. 268). Diante disso, quem deveria responder pelo museu?

Cabe ao setor educativo dos museus, junto com seus monitores, atender aos anseios e questionamentos dos visitantes e, ao mesmo tempo, compartilhar informações necessárias, promover cursos de formação para os professores e professoras que desejam levar seus alunos a fazer estudos de campo nos museus como complementação dos estudos realizados nas escolas.

O professor, também, necessita buscar por informações acerca dos museus para onde querem levar seus alunos, a fim de pensar formas de ensino que criem neles expectativas e perspectivas. Conforme Pereira (2011), o professor pode construir trilhas, percorrer caminhos diferentes daqueles sugeridos no roteiro original, ou mesmo no percurso previsto como forma única de trânsito no museu. Esse movimento poderá suscitar novos elementos de leitura, interpretação e sensibilidade aos estudantes em seus estudos de campo no museu.

Quanto ao museu que pretende trabalhar com a acepção da narrativa arbitrada, esse precisará oferecer informações que estejam aliadas com uma educação formativa de vida, para que o visitante possa conectar a experiência às suas práticas e cotidianos. Segundo Pereira (2011), o presente processo de desenraizamento vivido na modernidade incita a uma educação para a compreensão da história da vida, fazendo emergir as contradições, perversões e possessões dessa nova relação com a memória e com o patrimônio.



Em consonância com Pereira (2011), verificamos que em uma exposição de qualquer museu existem os objetos apresentados e aqueles que não foram apresentados. A autora chama atenção para os objetos que faltam, e chega a denominá-los de intangíveis, pois podem ser objetos já destruídos ou até mesmo intangíveis pelo fato de que não geram materialidade. No entanto, são reais e geram sensações, emoções e lembranças.

Quanto aos objetos intangíveis destruídos ou perdidos, pode-se chegar a eles por meio da imaginação. Pereira (2011) faz uma comparação com as celebrações funerárias que tentam revificar as pessoas mortas; nesse sentido, os objetos perdidos podem ser percebidos pela via de uma celebração que promova uma reconciliação com a memória, sem a presença física da pessoa, mas com lembranças e significações desses objetos. A autora afirma que todos os museus lidam com esses objetos ausentes e a esse fenômeno ela denomina “rastros ausentes” ou “presença da ausência”.

Os museus representam essa viagem a lugares de interiorização de perdas, com todos os abusos e desvios que podemos suportar. Há violências no museu na relação com os rastros e gestos, sobretudo quando se pretende captar palavras mudas de vítimas do passado, ou quando se tenta fazer objetos cuja ética lhes impõe um silêncio absoluto ou, do contrário, tentar calar objetos cuja ética pede a palavra.

O museu é como uma sepultura. “A sepultura é um ato, o de enterrar. A sepultura permanece, porque perpetuado o ato de enterrar. Assim é também o museu – ele não é apenas uma reunião de objetos, mas se faz vivo ao exibir gestos, colocar os objetos em posições relacionais, sujeitos e objetos, sujeitos e sujeitos” (PEREIRA, 2011. p. 271).

Sob esse prisma, as percepções de Pereira (2011) acerca dos museus e da educação museal propõem reflexões sobre como o setor educativo dos museus e os professores dispostos a levarem seus alunos para estudos de campo estimulam o diálogo com os visitantes por intermédio das exposições e até mesmo dos objetos ausentes.

Segundo Ramos (2004, p. 14), “um dos grandes desafios que atualmente se colocam para os museus históricos é o modo pelo qual se deve atender a uma demanda que, a cada dia, se torna mais volumosa: a visita dos estudantes. [...]”. Eles se dirigem em grandes grupos aos museus e estes devem oferecer programas e atendimentos que estejam em consonâncias com as perspectivas daqueles.

Para Oliveira e Anjos (2017), os profissionais do setor educativo dos museus deveriam compreender as expectativas dos estudantes para melhor acolhê-los. Segundo os autores, o sucesso de qualquer projeto educativo de um museu depende do envolvimento dos professores como elos que ligam as propostas daquele espaço aos anseios e perspectivas dos alunos. O museu deve acolher esses professores e voltar-se aos estudantes para escutar mais sobre suas curiosidades, desejos, dúvidas e inquietações.

No entendimento de Oliveira & Anjos (2017), a equipe educativa do museu deve fazer parceria com os professores, pois estes podem contribuir com os projetos educativos da equipe. Pode ser feitos encontros prévios às visitas dos alunos para planejar como eles irão interagir com os monitores. Após a visita, professores podem avaliar, junto à equipe educativa, as percepções e participação dos estudantes. Diante das contribuições dos professores, a equipe aperfeiçoa os trabalhos das exposições.

Cooperação e parceria rendem resultados positivos para o museu, para a equipe educativa, para os professores, para os alunos e para toda sociedade. Os professores são agentes de ligação entre o museu e os alunos, pois tem potencial para criar expectativas nesses indivíduos, podendo principiar o pensamento, a visão, o olhar e a compreensão dos alunos nos estudos de campo no museu. Para que isso aconteça, os docentes precisam ser inseridos no contexto do museu, para se conectarem com a equipe educativa.

[...] seria maravilhoso que os professores se sentissem parte do museu a ponto de continuarem envolvidos com a sua proposta educativa, entendendo que a visita não encerra o seu vínculo com a instituição. No entanto, para isso, seriam necessárias ações específicas que proporcionassem a continuidade dessa parceria (OLIVEIRA & ANJOS, 2017, p. 197).

Os estudantes participam como expectadores nos estudos de campo nos museus. Todavia, no entendimento de Oliveira & Anjos (2017), eles precisam se formar expectadores emancipados, livres, criativos e capazes de compor suas próprias interpretações diante dos objetos expostos e, também, dos objetos ausentes (PEREIRA, 2011).

Para que haja expectadores emancipados, precisa haver encontros mediadores em que aconteçam ações múltiplas com conversas que sensibilizem, afetem e provoquem a reflexão, o desejo de conhecer e conversar. Encontros entre: estudantes e professores; professores e equipe educativa dos museus, estudantes e exposições;

estudantes e objetos ausentes; alunos de uma escola com os de outras escolas.

Uma ida ao museu é feita de encontros: com a cidade, suas ruas, avenidas e espaços de convivência. É deslocar-se, percorrer um circuito, desenhar um trajeto. Ir de um ponto a outro sem linha reta, mas com um destino certo. É um encontro com espaços da cidade: casas históricas, prédios reformados para abrigar museus, galerias ou exposições a céu aberto. É um encontro com exposições, com objetos que estão organizados de forma a criar narrativas e proporcionar aos visitantes experiências significativas. É um encontro com aquilo que pretende ser atrativo, impactante ou encantador. Mas o que antecede nesse encontro é um conjunto de expectativas, por parte das diferentes pessoas envolvidas (OLIVEIRA & ANJOS, 2017, p. 203).

É necessário permitir-se nos encontros, e permitir que os estudantes se encontrem. Organizar esses momentos fomenta a produção de sentidos, sensibilidades e oportunidades para a aproximação entre museus e sociedade, pois os estudantes são parte dela, e suas experiências são contagiantes ao ponto de envolverem suas famílias nesse contágio.

É vital que os estudantes se encontrem com os museus e estes se encontrem com as escolas, pois “[...] parece-me que a escola, com todas as suas contradições, aparece como um espaço importante na concretização de qualquer projeto pedagógico cultural pensado a partir do museu” (FRANCO, 1994, p. 19). Professores, alunos, monitores e equipe educativa dos museus podem formar uma forte corrente de desenvolvimento do saber, das pesquisas e do ensino.

Conforme Almeida e Vasconcellos (2011), os visitantes precisam compreender as mensagens que as exposições transmitem; para isso, o perfil deles, inclusive a faixa etária, precisam ser considerados no processo de elaboração.

As atividades que se realizam em um museu são muitas. O percurso de um objeto desde o momento em que ele é adquirido pela instituição até sua extroversão através das exposições passa por várias escolhas, e essa seleção se inicia durante a pesquisa, quando são eleitas determinadas áreas, temas ou épocas a serem estudadas. Em outros casos, as coleções são doadas para a instituição, que produzirá conhecimento a partir delas. Museólogos e educadores partirão das coleções, dos conhecimentos produzidos e de uma ideia/temática para desenvolver as exposições e a ação educativa. Serão feitos recortes, segundo a temática proposta,

definindo quais objetos e quais informações sobre eles deverão fazer parte do discurso expositivo (ALMEIDA & VASCONCELLOS, 2013. p. 105).

Do mesmo modo, em todos os seus percursos, os objetos dos museus são alvos das intenções dos expositores e estão ali para transmitir uma mensagem. Mas como essa mensagem será recebida pelos estudantes? Como será analisada pelos professores? Como os visitantes, em geral, reagirão diante do objeto que pode transmitir várias mensagens e sentimentos? Tudo isso será, então, a preocupação dos expositores e da equipe educativa do museu.

Meneses (2000) diz que os museus devem se reconhecer mais como um instrumento para respostas do que de perguntas, ou seja, a equipe educativa, com suas exposições, deve provocar nos estudantes a disposição para que esses façam perguntas. O fato de duvidar, desconfiar e não aceitar o que está exposto, por parte dos estudantes, pode ser um sinal de que o museu está tocando nos sentidos desses estudantes. Uma dúvida gerada pode ser uma potente abertura para uma conexão entre o estudante e o objeto exposto.

Eles precisam, também, de liberdade e de apoio para perguntar e para ter as melhores respostas possíveis, que os levem a reflexões produtivas, libertadoras e transformadoras. Os monitores precisam estar atentos a esses questionamentos, ao passo que junto aos professores podem provocar os alunos a voltarem outras vezes às mesmas exposições para que esses sejam mais confrontados com o que está sendo exibido.

Franco (1994) reforça que precisamos acabar com a aceitação passiva e submissa do passado, desenvolvendo nos estudantes um diálogo emancipador. Quanto ao passado, este só tem razão de existir caso se consiga relacioná-lo com a vida presente. É com o nosso presente que o museu deve estar conectado.

Ainda quanto aos estudos de campo nos museus, Carvalho e Lopes (2016) se preocupam com o tempo corrido em que essas atividades são feitas. Elas apontam para o fato de que muitos docentes fazem as atividades às pressas, preocupados com o tempo de voltar para a escola. Elas dizem que, para visitar uma exposição, é necessário um tempo para observação, para que o aluno fique concentrado, desenvolva a atenção, associe os objetos exibidos com outros de seu convívio. O aluno estará envolvido em um processo de sensibilidade, além de concentração,

racionalidade, experiencição, estímulos dos sentidos, integração entre o que sente, sabe e o que está sendo exposto.

Na situação corrente, um simples observador estranharia como museus importantes do país costumam receber levadas de escolares cuja missão imposta por seus mestres é passivamente aceita pelos responsáveis da instituição: a de copiar legendas, etiquetas e textos de painéis. Para tanto, não teria sido necessário deslocar-se da escola. Aquilo de específico que caracteriza o museu – e que falta à escola – perde, assim, qualquer serventia. E se desperdiça a oportunidade ímpar de aproveitar para a educação esse espaço que é o domínio das coisas materiais e não da palavra, principalmente escrita [...] (CARVALHO; LOPES; 2016, p. 99).

Nesse contexto dos estudos de campo, os cuidados por parte do museu também serão tomados na seleção dos objetos a serem adquiridos e expostos; e a equipe educativa pode atuar junto à administração do museu para ajudar na aquisição, na seleção e na forma de expor os objetos. É salutar oferecer ao público uma exposição democrática, participativa, que faça parte do contexto do povo da região e que, ao mesmo tempo, comunique ou permita o contato com estudantes de faixas-etárias mais novas.

As atividades que se realizam em um museu são muitas. Se pensarmos no percurso de um objeto desde o momento em que ele é adquirido pela instituição até sua extroversão através das exposições, perceberemos que muitas escolhas incluíram outros. Muitas vezes essa seleção se inicia durante a pesquisa, quando são escolhidas determinadas áreas, temas ou épocas a serem estudadas. Em outros casos as coleções são doadas para a instituição que terá, então, de estudá-las produzindo conhecimento a partir delas. Museólogos e educadores partirão das coleções, dos conhecimentos produzidos e de uma ideia/temática para desenvolver as exposições e a ação educativa. Novamente serão feitos recortes, segundo a temática proposta, definindo quais objetos, quais informações sobre eles deverão fazer parte do discurso expositivo (ALMEIDA & VASCONCELLOS, 2013. p. 105).

Como citado acima por Almeida e Vasconcellos (2013), os estudantes produzirão conhecimentos a partir dos objetos das exposições. Logo, os expositores buscarão não serem tão abstratos e obscuros com a seleção das peças que farão parte do todo a ser apresentado. Também “[...] os parâmetros das linguagens museológicas, sem qualquer dúvida, devem ser a simplicidade, a acessibilidade e a eficiência [...]” (MENESES, 2000. p. 95).

Não se pode perder de vista que a exposição, ao apresentar o passado, não pode se esquecer do hoje, que precisa ser concebido como uma oportunidade crítica. Por isso, Almeida e Vasconcellos (2013) chamam atenção para o fato de como o museu usa o passado nos dias de hoje, uma vez que é muito comum os museus apresentarem o

passado na intenção de glorificar grupos dominantes, tendendo a perpetuá-los. Ao contrário, é papel das exposições desenvolverem as dimensões críticas dos estudantes e demais visitantes que vão aos museus.

A exposição geralmente apresenta objetos, textos, desenhos, figuras, fotografias e vídeos, formando um discurso complexo. O educador pode atuar através das linguagens verbal e gestual familiares aos visitantes e, dessa maneira, estabelecer uma mediação entre a exposição e o público, facilitando a recepção e compreensão das mensagens propostas pela exposição e possibilitando que o visitante construa suas significações (ALMEIDA & VASCONCELLOS, 2013. p. 107).

Almeida e Vasconcellos (2013) convocam que a equipe educativa do museu facilite a interpretação das peças aos visitantes, considerando suas regiões e faixas etárias. Para isso, a equipe necessita tomar conhecimento do público que recebe e conhecer o contexto dos seus visitantes. Isso torna oportuna a ida prévia da equipe educativa do museu às escolas que agendarem o estudo de campo junto à exposição, para que o conhecimento do contexto dos estudantes seja mais concreto.

Considerando que o educador ou membros de uma equipe educativa devem estimular os alunos a iniciar seu processo de conhecimentos e estudos, cabe aos educadores provocar nos alunos perspectivas e expectativas, tornando os objetos a serem estudados atraentes.

A partir do exposto, esta pesquisa compreende que não há mais lugar para museus celebrativos. Concordamos com Chagas (2016) no sentido de que não se pode cair em armadilhas celebrativas de instituições que corroboram com os poderes constituídos; não se pode permitir que os museus, que devem ser democráticos, estejam a serviço da elite. Caso contrário, continuaremos a perpetuar uma história sob a ótica dos dominantes e dos mais abastados, ou seja, a aristocracia será cada vez mais perene.

Para Ramos (2004), o papel dos museus não é mais a celebração de personagens, como também não cabe mais o papel de só classificar enciclopédias da natureza. A sua função reside na formação crítica dos estudantes e visitantes ao destacar que “[...] se antes os objetos eram contemplados, ou analisados, dentro da suposta neutralidade científica, agora devem ser interpretados. [...]” (RAMOS, 2004. p. 20).

Nesses museus celebrativos não se ensina a história das classes operárias, das mulheres, dos escravos. Com isso prevalece o consenso e o prestígio dos

dominadores, são ensinadas as histórias das elites construindo um discurso para manter a elite no poder (FRANCO, 1991).

Conforme Chagas (2016), muitas vozes ecoam nas ruas, praças, favelas, igrejas, centros de candomblé, feiras, ônibus e tantos outros lugares das cidades e dos campos, vozes que podem ser incluídas nos contextos das exposições dos museus. Ele parte, então, para os seguintes questionamentos:

Por que os museus insistem numa única versão dos fatos, dos acontecimentos, das experiências dos homens, das mulheres, das crianças? Existem tantas... São tão plurais e instigantes... Por que apenas o leque da marquesa, a coroa do imperador, a louça brasonada, os bustos dos poderosos, as pinturas da Corte, as fotografias das eternas inaugurações de obras e monumentos que louvam inexpressivos governantes? Por quê? Se cada vida é habitada por trezentas vozes contraditórias e pulsantes? ... Por quê? Se as cidades são habitadas por mil ou milhões destas vidastão ricas em possibilidades, resultados de trajetórias tão complexas e diferenciadas? Quais as razões do reducionismo dos museus se as memórias são feitas de matériasexpansivas? (CHAGAS, 2016. p. 14).

Busca-se por museus mais democráticos, com mais espaços para a comunidade, onde todos sejam incluídos, tenham suas histórias pessoais e familiares representadas e se encontrem com suas raízes e tradições.

Conhecer o passado de modo crítico é um desafio para os museus contemporâneos; nesse sentido, esse é um tempo de possibilidades de mudanças na forma de ser dos museus brasileiros. É tempo do novo, de democracia, de inclusão, de renovar as nossas mentes. A renovação é uma via para termos consciência e saberes críticos. Há a possibilidade de desenvolver o entendimento do tipo de saber e de interpretação a que o museu induz, por isso é importante questionar o que é exposto.

Ramos (2004) diz que o envolvimento entre o que é dado à visão e quem vê, necessita de atividades preparatórias, ou seja, é preciso buscar entendimento para interpretação daquilo que se vê, precisa-se estar sensibilizado com o que vai ser visto. Do contrário, não se vê, ou pouco se vê. Sendo assim, a visita ao museu começa na sala de aula, e pode acontecer com atividades lúdicas do cotidiano dos alunos e com práticas que se fazem nas relações sociais.

O museu, também, não deixa de ser um espaço de memórias que fazem parte de nossas vidas e de nossas constituições. Para Chagas (2016), a memória pode servir para nossa libertação como pode também servir para dominar e domesticar.

Sob esse entendimento, as exposições podem ser pensadas de forma que os

visitantes entendam as propostas sem o auxílio obrigatório de monitores. Para Ramos (2004), a educação museal se faz necessariamente com a capacidade progressiva de instruir o público para decifrar os códigos propostos; diferente disso, o monitor se torna auxiliar permanente.

Sem a formação crítica e sem o preparo para uma educação museal, voltamos a uma das naturezas dos museus celebrativos que, segundo Chagas (2016), é o fato de serem propensos a não ceder espaços para a participação democrática, e o que prevalece nesses museus é o argumento da autoridade, do autoritarismo, a farra do poder e a tendência de um grupo ascendente querer governar todas as áreas, sejam elas religiosas, étnicas ou econômicas.

Por isso, Chagas (2016) ainda chama a atenção ao fato de que no Brasil as ligações entre classes privilegiadas, museus e Estado favorecem mais as classes abastadas do que as menos desenvolvidas, distanciando-se da sociedade, deixando de cumprir seu papel educativo e sua função social. Por isso, devem ser concebidos como espaços móveis de estudos, pesquisas e reflexões; e não como espaços de domínio e nem de políticas dominantes, muito menos aristocráticas. Devem ser atuantes como instrumentos a serviço das classes trabalhadoras e servir como âncora de identidade cultural. Os museus serão, dessa forma, lugares de denúncias, local de ação, de propostas e, sobretudo, de estudo e de reflexão.

Como lugares de produção do saber, os museus não podem ser confundidos com centros de pesquisa ou sala de aulas, embora neles se façam pesquisas e até aulas. Também não podem ser confundidos com instituições de recreação, embora nos espaços dos museus possam-se desenvolver atividades de caráter lúdico. Para Ramos (2004), esses espaços podem realizar múltiplas interações com teias estéticas e cognitivas, em análises e deslumbramentos, com dimensões lúdicas e oníricas dos motivos historicamente realizados na constituição dos espaços expositivos.

Considerando ainda a teoria de Chagas (2016), os museus precisam da participação popular, pois é com o povo que há possibilidades de ações preservacionistas eficazes, e a preservação se faz em prol do povo; sem essa participação, os museus se tornarão cemitérios de memórias.

Mas Chagas (2016) também levanta a seguinte questão: sendo os museus frequentemente associados ao tradicionalismo conservador em termos artísticos,



sociais e culturais, há neles espaço para o novo? Ou seja, será que em nossos museus contemporâneos existem espaços para as novas práticas populares? Existem espaços para o trabalhador assalariado? Há brechas para o povo carente e de culturas minoritárias? Se continuarmos com o pensamento tradicional conservador, com os museus que celebram vultos do passado sem serem questionados, teremos museus abertos à participação popular? Há a participação dos estudantes como agentes ativos da história?

Os museus devem ser abertos ao novo como possibilidades de novas descobertas, ao novo que promove movimentos, esperança e mudanças, que trazem significação e sentidos para todos. Ao novo que permite diálogos, expressão de todas as classes, todos tentam ser iguais, sem hierarquias, sem preconceitos e sem discriminação.

Mas o que as pessoas buscam ao visitarem os museus? Elas estão interessadas no passado ou estão preocupadas com o presente? Para Ramos (2004), elas buscam a conexão entre passado, presente e futuro. Há muitas relações entre esses três tempos nas exposições de um museu, e os estudantes devem ser despertados para essas possibilidades de conectarem esses tempos.

Quando há comparações entre objetos do passado e do presente, a noção de historicidade começa a ser trabalhada de modo direto: “[...] entra em jogo a história como campo de possibilidades, mudança que se expressa das mais variadas maneiras e que se torna visível na própria existência polivalente dos objetos – em seu nascimento, sua morte e transformação [...]” (RAMOS, 2004. p. 35).

Objetos do passado podem ser trabalhados com objetos do presente no sentido de perceber as mudanças de comportamento da sociedade; perceber, também, como as transformações de pensamentos, de trabalho, de posturas, de costumes e até de consumo ocorrem na vida das populações; e como objetos do presente e do passado simbolizam mudanças que acontecem em nosso mundo.

Há uma possibilidade a ser pensada, no que tange ao preparo dos estudantes, para uma formação inicial de introdução nos museus. Seria o caso de o museu ir às escolas com pequenas mostras de suas exposições, um projeto de um museu itinerante, em que as escolas recebessem a equipe educativa para propagar os acervos contínuos dessa instituição. Ramos (2004) defende que o projeto educativo do museu deve contemplar cursos para orientar a montagem de exposições na própria escola, de

forma que professores e alunos se apropriem daquilo que o museu se propõe a mostrar, e os alunos teriam um preparo prévio para os estudos de campo.

Percebe-se, então, que o museu educativo não deve apenas confirmar o existente, mas provocar reflexões sobre o que somos e o que podemos ser, atuando na formação crítica para a produção de histórias sociais, populares, de sentidos e pertencimentos. Deve contemplar possibilidades de uma vida social mais consciente, mais produtiva, comprometida com a preservação, inclusiva e de mais acessibilidade.

O museu não pode perder de vista a sua vocação educativa, não pode ficar iludido com outras propostas que não sejam a educação e a formação popular e democrática. Pensando, nisso Meneses (2000) destaca que o museu é um elaborador de memórias para responder os problemas no tempo presente e não do tempo passado, para produzir uma sociedade melhor e mais bem informada e representada no futuro.

A educação vem sendo percebida pelos museus não só como campo estratégico e de extraordinário potencial, mas como capaz de justificar por si só sua própria existência e, quem sabe, redimi-la dos pecados do passado, como elitismo, o estetismo redutor, o papel homologatório dos interesses dominantes, a alienação social e os compromissos ideológicos. É preciso estarmos atentos, porém, para os riscos de a educação transformar-se numa cômoda tábua de salvação, anestesiando as consciências e responsabilidades profissionais que não se empenham nas exigências amplas, rigorosas e profundas que a ação educacional imperiosamente determina. A simples boa intenção, neste como em outros casos, pode redundar em danos e omissões graves (MENESES, 2000. p. 93).

Quando se educa uma pessoa, está sendo dada a essa pessoa autonomia de consciência. Sendo assim, o sujeito se faz capaz de tomar decisões acertadas, “[...] capaz de proceder a escolhas, hierarquizar alternativas, formular e guiar-se por valores éticos, definir conveniências múltiplas e seus efeitos, reconhecer erros e insuficiências, propor e propor direções” (MENESES, 2000. p. 94).

Educar para uma consciência crítica, para que o sujeito tome rumos acertados e justos na vida. Mas o que vem a ser uma consciência crítica? Para Meneses: A capacidade crítica, precisamente, a capacidade de separar, distinguir, circunscrever, levantar diferenças e avaliá-las, situar e articular os inúmeros fenômenos que se entrelaçam na complexidade da vida de todos os dias e nas transformações mais profundas de tempo rápido ou lento [...] (MENESES, 2000. p. 95).

Isso implica formar sujeitos participativos na sociedade, com consciência os enfrentamentos diários, para a construção de políticas inclusivas, para participação democrática nos contextos das cidades e do campo. Preparar indivíduos capazes de educar outros indivíduos, de distinguir e de classificar aquilo que é transmitido pelas mídias, pelos livros e pelas propostas políticas apresentadas pelos governantes. Pessoas capazes de tomarem decisões que favoreçam a sociedade.

Por fim, precisamos de museus com acepções mais críticas de narrativas arbitradas, mais democráticas e populares, com a história de todos os cidadãos da região onde estão instalados, museus que formam cidadãos para viver o hoje e apontam para um futuro libertador, que acolhem estudantes cheios de perspectivas, dispostos a investirem em formação continuada para sua equipe educativa e para professores e professoras, comprometidos com a libertação política, cultural e social. É por esse tipo de museus que se deve lutar. A partir do diálogo com os autores, vislumbramos os museus cada dia mais libertadores, pertencentes ao povo de todas as faixas-etárias e sociais. Pois “[...] no caso de uma educação libertadora, o homem seria motivado a se conhecer, a adquirir consciência de si mesmo. Deve conhecer o seu mundo e vê-lo como algo mutável, em construção. [...] (FRANCO, 1994. p.14).

Feitas essas reflexões, narro, no próximo capítulo, como se deu a escuta atenta das narrativas dos professores, do diretor educativo e dos monitores sobre os usos do MSM.

#### **4 MUSEU SOLAR MONJARDIM: ENCONTRO DE MEMÓRIAS, APRENDIZAGENS, FORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO**

Entrevistas são ferramentas de fomento e desenvolvimento das pesquisas em HO. Nelas, o pesquisador fica frente-à-frente com os colaboradores da pesquisa e produz dados que alimentam o estudo. Conforme Thompson (1998), em todas as entrevistas da pesquisa da HO usa-se a memória como base do trabalho; ou seja, os entrevistados são convidados a resgatarem suas lembranças para responder às perguntas e, por conseguinte, constituir o texto a ser apresentado.

As entrevistas constituem ferramentas para a pesquisa com a HO. Para Borges (2021), são também matéria-prima e fontes históricas que subsidiam a produção do texto histórico. Nesse sentido, produzi este texto com as narrativas cedidas pelos servidores do setor educativo do MSM e com professores que estiveram nesse museu em visitas guiadas com seus alunos. Com esse material, procurei entender qual seria a acepção apresentada pelo MSM e qual seria a acepção dos professores em relação ao MSM. E, ainda, busquei compreender como os alunos interagem com esse espaço.

Em consonância com Ricardo (2017), entendo que os museus são mais do que simples lugares de memórias ou de guardar objetos antigos. São instrumentos de comunicação e de educação, uma vez que qualquer museu tem mensagens a propagar. Em sua natureza, eles promovem a difusão de conhecimentos, dialogam em tempo real com a pluralidade e a diversidade cultural. Ainda, mais que um espaço físico, são uma ação na sociedade. Ou seja, deixam de ser lugares para se tornarem ações; de agentes passivos, tornam-se agentes dinâmicos e ativos.

Nesse sentido, organizei as entrevistas em quatro eixos: no primeiro, “Formação dos Colaboradores”, investiguei sobre a formação dos sujeitos, o bem estar dos servidores do museu, os desafios, sobretudo financeiros, para novas ações educativas e investimentos. No segundo, “Divulgação e Relevância das Exposições do Museu Solar Monjardim”, abordei sobre as divulgações do museu e de suas exposições. No terceiro, “Potencial do Museu Solar Monjardim”, busquei compreender a visão dos entrevistados quanto ao potencial educativo do MSM. Por último, no eixo “As percepções dos servidores do MSM e dos professores em relação às interações dos estudantes com o espaço museal”, analisei nas narrativas dos professores e dos servidores as suas percepções em relação aos alunos no espaço museal.

#### 4.1 FORMAÇÃO DOS COLABORADORES

O espaço do museu pode parecer um tanto estático, a julgar pelas aparências: nada muda, os objetos permanecem no mesmo lugar e do mesmo jeito. Para algumas pessoas, isso causa sentimentos de tédio, cansaço, desânimo ou de falta de supresas. Porém, Santana (2017) interpreta o museu como uma ferramenta de linguagem pedagógica para suscitar leituras voltadas para as ciências humanas.

O fato é que as coisas mudam e ficam mais dinâmicas com o estudo de campo, com a chegada dos estudantes das escolas que agendam aulas no recinto do museu. Segundo Pereira (2011), o museu é uma instituição em processo, não-estático, ambiente que se renova, instituição viva e pulsante que se expande. Já para Leitão (2017), não se pode pensar nas mudanças e renovações de um museu excluindo os estudantes, pois eles são parte ativa do processo de transformação.

Quanto aos estudantes, é notável que carecem de programas voltados para eles, a fim de se conectarem com os objetos expostos.

O objetivo da ação educativa é promover durante as visitas uma experiência de maior aproximação ao conteúdo exposto, pois, além de preservar a memória daquilo que é apresentado, o museu apresenta sua função social, construindo conhecimento direcionado pelas reflexões geradas no ambiente museológico. Embora o principal desafio seja o de propiciar conhecimento que abranja a diversidade de grupos construindo espaços de memória coletiva, não se pode perder de vista o aproveitamento pedagógico que essa discussão pode gerar para outra compreensão da educação. Como um equipamento público tão rico e acessível, parece ser tão pouco acessado? Qual a percepção do museu no contexto da cidade de Campina Grande? Seria esse apenas um depósito de objetos antigos? Qual o lugar, enfim, que o Museu ocupa para os sujeitos diretamente envolvidos no processo educacional? (GONÇALVES, 2020, p. 21).

Deixando por um momento a questão do programa pedagógico com suas ações educativas, nos dias em que estivemos no MSM fazendo os trabalhos de entrevistas, notamos a chegada dos visitantes - individuais, acompanhados, como turistas ou estudantes.

É satisfatório ver o progresso dos museus, no sentido de serem mais democráticos e de estarem abertos a todos os públicos, uma vez que na sua origem eram dedicados a atenderem as pessoas das elites (SANTOS, 2019). Além disso, estão a cada dia mais voltados à educação e à apresentação democrática dos acervos (SANTANA, 2017), com o intuito de dialogar, aproximar o público, por meio de cursos, oficinas,

espetáculos e exposições temporárias (GONÇALVES, 2020).

Mesmo com os percalços encontrados para desenvolver as atividades, encontramos, no MSM, trabalhadores felizes e animados, tanto no trato, como na apresentação das exposições aos visitantes. Isso é confirmado nas respostas de dois de nossos entrevistados que são servidores do MSM, que são eles Evaldo Pereira Portela (PORTELA, 2023) e Antônio Schwab Correa (CORREA, 2024).

Eu acredito que quando a gente faz o que gosta e identifica que tem um certa vocação, o trabalho se torna prazeroso. Eu tenho outras formações anteriores à museologia totalmente diferentes. Fiz museologia porque desde a minha tenra idade, eu gostava de História de arqueologia, então quando eu conheci a museologia no Rio de Janeiro na universidade federal, isso me despertou uma curiosidade e fui lá, eu gostei da grade curricular que é um leque bem amplo de História, Antropologia, Sociologia e Arqueologia. Enfim, isso me atraiu bastante (PORTELA, 2023).

Portela (2023) atua na Setor Administrativo e Educativo do MSM há seis anos. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro e veio para a cidade de Vitória para atuar no museu. Em sua narrativa, revelou que desde de jovem já gostava de História e Arqueologia. Ele, que tem bacharelado em Museologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, licenciatura em História pela Universidade Cândido Mendes e Mestrado em Estudos e Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, é servidor público do IBRAM desde 2010 e destaca que considera prazeroso trabalhar no museu.

Já Correa (2024), é licenciado em História pela Ufes e já lecionou, mas enfatiza que o trabalho no museu permite a ele estar no lugar exato onde parte da História do estado aconteceu. Apesar de atuar há pouco tempo nesse espaço, confessa ser apaixonado por História e feliz por estar desenvolvendo sua vida profissional ali.

Eu acredito que é um privilégio trabalhar nessa posição, tendo saído da história, muitas vezes, é claro que como professor, o ambiente natural do professor é na sala de aula, mas às vezes na sala de aula a gente está muito distanciado do assunto que a gente está falando. É uma forma de estar dando aula também, mas, dentro da história, eu estou localizado fisicamente no local e no tema que eu estou falando. Então ajuda muito e acho que agrega muito na transmissão do conhecimento (CORREA, 2024).

Também são colaboradores desta pesquisa os professores: Gabriela Contão Carvalho (CARVALHO, 2024) licenciada em História e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História, ambas formações pela Ufes. Atua como professora da rede pública no município de Serra - ES desde 2020; Bruno Almeida Zamite (ZAMITE, 2024), licenciado em Geografia e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, pela Ufes, professor da rede pública e atuante pela Secretaria

Estadual de Educação do Estado do ES como professor no sistema de ressocialização prisional; Martinho Guilherme Soares (SOARES, 2024), licenciado em História, mestre em História Social da Relações Política pelo Programa de Pós-Graduação de História e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufes. Trabalha como professor na rede estadual de ensino do ES e também no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes); e Ozziel Nazaré Abreu (ABREU, 2024), que atua como professor de História desde 1993, é licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina - ES. Todos os entrevistados optaram por dispensar o critérios de anonimato na pesquisa, fazendo questão de serem identificados nas citações.

Com o intuito de atender os visitantes e o público estudantil em seu Plano Museológico, o MSM estabelece como missão: “Dar às pessoas a oportunidade de conhecer a história e a cultura do ES e do Brasil, enquanto salvaguarda seus testemunhos materiais e imateriais” (PLANO MUSEOLÓGICO, 2019/2023, p. 9).

Nas práticas pedagógicas desenvolvidas no MSM, os monitores devem estar atentos ao que Leitão (2017) denomina de “alfabetização museológica”, que implica pensar junto com os estudantes sobre o que é um museu, quais são os objetivos desse espaço, como contar a história do museu. E um dos papéis do monitor é instigar os visitantes para que busquem saber mais sobre “museu” e estejam cada vez mais emancipados para visitar outras exposições, sobretudo aquelas que não apresentam legendas (MENESES, 2005).

O monitor precisa estar ciente de que o museu é um ambiente de contemplação, de educação e de pesquisas, conforme Machado (2005). Para Leitão (2017), a “alfabetização museológica”, que também pode ser chamada de “alfabetização científica”, é um processo pelo qual as pessoas adquirem habilidades próprias para leitura do que está sendo exposto. O visitante pode, a partir desse processo, organizar e classificar informações, expressar seus pensamentos de forma lógica, compreender problemas e situações, levantar hipóteses, justificar afirmações e, até, fazer previsões dentro das áreas analisadas. Lourenço (2017) destaca que essa alfabetização é uma ferramenta de inclusão social e um processo de construção e transformação do universo e da natureza, condição que pode melhorar a relação do ser humano com o ambiente em que vive.

No entanto, contemplando o dia-a-dia do MSM, notamos que há muitos desafios para se angariar recursos para ampliações e desenvolvimentos de projetos, e os que são repassados pelo governo são insuficientes para novas ações museais, reformas no

ambiente, aquisição de peças, ampliação das exposições e preservação dos objetos, que carecem de cuidados específicos.

[...] a verba que possuímos né, ela termina anual, ela termina sendo utilizada para conservação dos museus, que estão debaixo do guarda-chuva do IBRAM, no total são 30 museus, entre eles o MSM. Então, essa verba anual é garantida, ela vai para manutenção, limpeza e conservação, segurança, recepção, monitoria etc. [...] (PORTELA, 2023).

Após atender às necessidades mais presentes do museu, como segurança e contratação de monitores para mantê-lo aberto ao público, o restante desse repasse, advindo do IBRAM, é aplicado no desenvolvimento de duas atividades anuais: “A primavera de Museus” e “A Semana Nacional de Museus”. Assim, se o Setor Educativo quiser relizar outras atividades, deve submeter um projeto ao IBRAM, que liberará recursos, caso os tenha. O Setor Educativo do MSM tem usado de sua criatividade para desenvolver seus projetos, seja reciclando ou substituindo material e contando com esforços dos recursos humanos para não deixar de atender ao público.

Em sua narrativa, Correa (2024) ressalta os desafios a serem superados, principalmente quanto ao repasse de verbas para manter o acervo e a contratação de monitores para atender o público.

Tem muito a se fazer, é necessários que as devidas autoridades, os devidos administradores continuem a trabalhar nesse sentido, não só na questão de alocação de recursos, mas na questão do desenvolvimento de acervo que possa transformar o museu naquilo que ele é, um espaço de aprendizado, além do turismo, não só um espaço de lazer, mas conscientização dos alunos (SCHWAB, 2023).

## 4.2 DIVULGAÇÃO E RELEVÂNCIA DAS EXPOSIÇÕES DO MUSEU SOLAR MONJARDIM

Há uma expressão popular que diz: “Quem não é visto, não é lembrado”. Por essa máxima, entendemos que qualquer instituição que se proponha a atender o povo, precisa fazer divulgação. Os produtos e os projetos precisam ser apresentados aos consumidores ou público-alvo. Divulgar é uma dinâmica necessária para atrair visitantes aos museus, sobretudo, em se tratando de um país que não tem sua cultura voltada para exploração de museus.

Com base nisso, questionamos os servidores do museu se o MSM teria um programa de divulgação dos acervos junto às escolas de Ensino Fundamental na Grande Vitória.



E, aos professores, perguntamos como eles ficaram sabendo da existência MSM. Duas perguntas parecidas, mas com objetivos diferentes. Percebemos que a pergunta, de certa maneira, incomodou o Setor Educativo do MSM, pois sem aprofundarmos a questão da divulgação em perguntas anteriores nos foi informado que havia sim essa ação. Schwab (2023) respondeu que: “No meu conhecimento, no momento não há nenhum programa de divulgação do acervo, nem de promoção de roteiro, nem mesmo até de publicidade de divulgação do museu, que envolvam as escolas do centro de sistema de educação estadual”.

Podemos aferir do excerto que, na ocasião desta pesquisa, não havia uma divulgação direta entre museu e escolas. Mesmo assim, o MSM recebia uma média de público que cresce ano a ano. Segundo os entrevistados do museu, nos anos anteriores à pandemia da Covid-19, a média anual de visitas teve um salto de 6.000 para 10.000 pessoas. Durante a pandemia, todavia, o museu promoveu reformas em seu prédio enquanto não estava aberto à visitação. A obra durou 14 meses (janeiro de 2020 a março de 2021). Após esse período, o museu recebeu visitas gradativamente, chegando à média de 700 visitantes por mês em 2023, sendo, entre os visitantes estudantes, 50% aproximadamente da Educação Básica - 50% de escolas públicas e 50% de escolas particulares.

É muito importante que o museu convide a comunidade para visitar seus espaços; sem esse movimento, a instituição assume um papel de guardar “velharias”, de história morta, segundo o entendimento da massa popular (GONÇALVES, 2017). Com as visitas, o museu se torna vivo, atual, atuante e educativo.

Neste sentido, proponho um olhar para o museu — como muitos outros devem existir pelo Brasil dentro de seus contextos específicos — pelo viés da educação para a comunidade onde está inserido. Não que as outras áreas do museu — direção, acervo, restauro, intercâmbio, entre tantos — não sejam importantes. A ideia aqui é trabalhar fazendo com que o museu seja sempre ativo, vivo de pessoas, da comunidade, e que esta incite o museu, e o museu a incite a querer sempre mais conhecimento, não pelo simples fato de acumular conhecimento, mas pelo prazer de poder entender mais, dialogar mais com sua própria comunidade, com o museu, e outras tantas possibilidades de diálogo que a vida proporciona e o conhecimento expande. O museu dentro de uma comunidade torna-se espaço de comunicação, de expansão de diálogos, espaço de trocas, inclusive com a escola (GONÇALVES, 2017, p. 220).

Conforme a narrativa de Portela (2023), nos anos de 2018 e 2019, o público espontâneo superou o número de visitantes escolares, mesmo sem um trabalho de divulgação por parte do MSM. Há de se registrar, também, que o MSM está aberto

para visitas nos dias de fim de semana, sábados e domingos, sem contar que o acesso é gratuito. Tudo isso é um fator positivo e inclusivo para a população de trabalhadores, que por conta das jornadas de trabalhos nos demais dias da semana, ficaria impedida de visitar o museu.

Porém, o MSM continua com a deficiência de divulgação junto às escolas, mesmo que seu plano museológico destaque como missão propiciar às pessoas a oportunidade de conhecerem a história e a cultura do ES, ao mesmo tempo em que são valores do MSM a ética, a sinceridade, a inclusão, a criatividade e o espírito público. Ainda, sobre a divulgação, um dos servidores do MSM afirmou que:

Não, ainda não temos, nós estamos há anos na construção de um site, os museus do IBRAM passaram por esse processo, confesso que foi uma coisa bem burocrática. Mas, está agora no forno, quase saindo, então esse site vai ser um meio de comunicação, nós temos um e-mail que disparamos quando tem eventos específicos no museu, disparamos para rede escolar, mas a divulgação assim, mais específica para o Ensino Fundamental não temos ainda, está sendo trabalhado. O que temos é uma divulgação virtual de parte de nossos acervos arquivísticos e da coleção museológica na Plataforma Taínacam, que é um projeto advindo da Universidade Federal de Goiás e é o que temos atualmente (PORTELA, 2023).

Paralelo a isso, os professores entrevistados sentem que não há um amplo trabalho de divulgação do MSM, nem das exposições, nem de suas ações educativas juntamente às escolas.

Eu não sei, também, se é porque o museu fica em Vitória e eu sempre trabalhei na Prefeitura da Serra, talvez pode ter assim, pode ter alguma coisa haver, mas acho que a questão da divulgação precisa melhorar, eu não acho que tenha uma divulgação relevante junto das escolas de Ensino Fundamental. Eu acho, inclusive, que poucos alunos e poucas escolas têm acesso a esses espaços, a esses tipos de conhecimento e esse tipo de cultura (CARVALHO, 2024).

A narrativa de Carvalho (2024), que trabalha no município de Serra, denuncia que as escolas não recebem contatos do MSM; diferente disso, os professores, ou as coordenações das escolas é que procuram informações sobre o museu. Isso compromete que esse espaço seja democrático; por outro lado, o setor educativo do MSM poderia confeccionar materiais de divulgação e distribuir nas escolas, além de promover, ainda, formações junto aos professores.

Schwab (2023) admite que são os professores que fazem o primeiro contato com o museu para agendar a visita dos alunos. Quanto aos visitantes espontâneos, também sofrem com a falta de comunicação por parte do museu; por exemplo, por duas vezes encontramos o museu fechado ao público; na primeira, por uma ocorrência policial

nas adjacências do prédio e, na outra, por encerramento do contrato com a empresa de terceirizados, problema que impediu o atendimento ao público durante meses.

Em sua narrativa, Zamite (2024) aborda que só teve conhecimento do MSM quando fazia graduação na universidade, quando um professor levou sua turma para visitar o museu. Depois de formado, repetiu a visita com seus alunos.

As pessoas passam na Avenida Maruípe e observam o espaço do MSM, parece uma chácara com vários pés de mangas, com outras árvores, só que não há informação, por mais que existam placas indicando que há um museu naquela região, por mais que haja uma divulgação bem razoável através de planfetos que tem que buscar lá ou em outros museus, não há uma espécie de roteiro ou um planejamento indicado para as escolas. Eu acho que o museu e as instituições do ES, como um todo, não têm planejamento, não existem, pelo menos, mas eu nunca observei, não percebi a preocupação de haver um planejamento pedagógico constituído por professores que possam levar encartes, sei lá, criar uma cartilha, algo que possa estar servindo de divulgação, mas, também, de preparação para os professores visitarem esse espaço (ZAMITE, 2024).

Percebe-se, assim, que a cultura de museus é pouco explorada no Estado do ES, a começar pela falta de divulgação dos espaços museais. De fato, se perguntarmos à população acerca dos museus, teremos resultados desanimadores.

O professor Soares (2024) reafirma essa falta de diálogo entre museus e escolas, e que por isso toma ciência das ações pedagógicas realizadas pelo museu de forma tardia, comprometendo a organização de um estudo de campo com os alunos.

[...] há uma carência de material informativo acerca do acervo do MSM. Nós, por exemplo, que tivemos formação pela UFES, a gente acaba tendo um contato maior, até mesmo pela divulgação que é feita pelos nossos professores, mas falta de fato informação sobre o acervo. Ai se for pensar naquele professor que está na escola há mais tempo, a gente pega um professor com formação mais antiga, talvez retornando ai aos anos de 2000 a 2005, esse professor, muitas vezes não sabe que o MSM existe, e mesmo sabendo fica a dúvida: O que está disponível ali? (SOARES, 2024).

Segundo o professor, muitos docentes mais antigos na Educação Básica sequer sabem da existência do MSM ou não estão a par das atividades educativas lá desenvolvidas.

Eu estou desde 2016 em sala de aula de diversas prefeituras aqui do Estado do ES e eu nunca vi nenhum material informativo divulgando, promovendo ou informando sobre o que de fato está acontecendo no MSM. Eu acho que é importante um trabalhos de divulgação, sobretudo um trabalho de divulgação referenciado historicamente, com pistas e estratégias para o professor utilizar (SOARES, 2024).

Em suas narrativas, os professores esperam que o MSM dê os primeiros passos na divulgação de suas exposições, seja mais espontâneo, convidativo e receptivo, pois

há sempre dúvida quanto ao funcionamento desse espaço. Por isso, é importante que o museu se apresente nas mídias, nas redes sociais e, principalmente, dentro das escolas, pois espera-se a cada dia mais uma cidade mais educativa e uma escola mais cidadã, e os museus podem fazer parte deste processo educativo da cidade e da escola. Ramos (2004), aponta que as especialidades do museu são realizadas através de interações, museu e público devem estar em contantes contatos e diálogos. Chagas (2016) reafirma esta interação do museu com o público, pois é com o povo que o museu se realiza.

Para Lourenço, os museus têm repensado o seu papel na organização educativa:

A relação entre os museus e seus públicos mudou com o passar do tempo e esteve relacionada ao contexto histórico, à relação da sociedade com esta instituição e de seu papel como organização educativa. Atualmente, os museus visam a inclusão dos públicos e a ampliação do papel de seus setores educativos no desenvolvimento de exposições e outras ações educativas, inclusive a produção de materiais educativos. **No entanto, nem sempre os museus tiveram a preocupação com o acesso do público às suas dependências, coleções e conteúdos** (grifo nosso, LOURENÇO, 2017, p. 42).

Lourenço (2017) argumenta que essas mudanças de relação permitiram mais dinâmica na maneira de divulgação do museus e de suas coleções, mas que nem sempre representaram uma preocupação com o público em relação ao seus espaços, coleções e conteúdos.

Voltando a nossa questão inicial quanto à polifonia em relação à divulgação do MSM, após escuta atenta dos professores e servidores do MSM, ambos apontaram a falta de comunicação entre o museu e a escola.

Um outro ponto a ser discutido é a razão e relevância do que se expõe no MSM. Segundo depoimentos dos servidores e dos professores, as exposições do MSM contribuem para construção do conhecimento no Ensino Fundamental, em consonância com a defesa de Meneses (2005), de que o museu tem seu papel educativo e de função estética, lúdica e afetiva, sendo um lugar de exercitar a sensibilidade, a curiosidade, o devaneio, o sonho e a mística da comunicação e da comunhão.

Nessa mesma direção, Correa (2024) entende que o MSM contruibui para o entendimento da história do estado do ES. Logo, os espaços devem ser abertos e acolhedores para os alunos da Educação Básica.

A resposta de Correa (2024) vai ao encontro das ideias de Meneses (2005), segundo

o qual o que está exposto em um museu são signos que representam ideias. Sob esse entendimento, que ideias permeiam as exposições do MSM? Correa (2024) sugere que a ideia principal seja contar a História do Estado do ES. Para Santana (2017), o conhecimento da história local é primordial para que os estudantes visitantes do museu saibam qual o papel deles no cenário global; e, no museu, eles possam interagir como agentes, construtores e participantes. Para nós, a compreensão de que a motivação principal do MSM é a de fortalecer, tornar conhecida e compreendida a história do Estado do ES.

As exposições do MSM também ajudam os visitantes a compreenderem a cultura capixaba e as transformações pelas quais ela passou, comparar o estilo de vida que era levado pelas pessoas há duzentos anos e atualmente. Segundo Duarte (2018), é nos museus que podemos encontrar subsídios históricos da memória de um povo, de sua formação e de sua cultura. Com esses elementos, podemos nos constituir num patrimônio capaz de expressar a heterogeneidade dos povos.

Abreu (2024) e Soares (2024) são contrários à ideia da relevância do espaço e exposições do MSM. Abreu (2024) entende que o museu tem potencial, acervo, história, mas falta divulgar, o que diminuiu a relevância do que o museu oferece: “[...] falta chamar mais a população, as escolas para conhecer aquele espaço ali.” Ele aponta que falta material informativo sobre o acervo, por conta disso, o que o museu apresenta ainda é muito carente. E, segundo Ramos (2004), quando o museu se omite, ele deixa de ser fonte de conhecimento e de pesquisa.

Contamos, também, com as reflexões de Rocha (2017) sobre a importância de que museus e escolas andem de “mãos dadas”. Precisamos ampliar nossos olhares para que o museu não seja apenas uma pequena contribuição para a escola, mas que seja uma instituição transformadora de significados e conhecimentos sociais e culturais para os estudantes.

#### 4.3 POTENCIAL DO MUSEU SOLAR MONJARDIM

Uma das perguntas aos professores, durante a entrevista, foi: “Na sua opinião, o MSM tem potencial para desenvolver, oferecer e manter novas ações educativas para alunos de escolas de Ensino Fundamental?” Todos os entrevistados responderam positivamente.

Na ocasião, Correa (2024) informou que o museu é coadjuvante no ensino de História do Brasil, pois o acervo possibilita aos visitantes imaginarem como as pessoas viviam nos tempos passados. A exposição do museu e os cômodos (salas de exposição) tornam o assunto mais concreto, diferente da abstração do ensino de História em sala de aula. E, de acordo com Meneses (2005), um museu não funciona sem História e a História se desenvolveria de forma precária sem o auxílio dos museus. Um museu histórico, como é o MSM, coleta, preserva, estuda e comunica documentos e objetos históricos, fazendo conexões com o passado e o presente. Para o professor Zamite (2024), o MSM tem potencial não só para o Ensino de História, mas, também, para o Ensino de Geografia e para a educação em geral:

Então, o MSM, ele é uma importante ferramenta né, para educação. Nesse espaço, a gente não só trabalha as questões é, da história né, como era vida de história, a função daquele edifício para a história do ES, mas, também, podemos propor ações. Como eu sou da área de Geografia, dou aulas de Geografia, é propor ações sobre arquitetura, a localização. Aquele espaço ali era tido como uma residência de verão para família Monjardim né, porque ela vivia no Centro de Vitória. Então dá para gente fazer essa comparação de distância, de periferia e de área rural dentro do contexto de Vitória, então esse edifício ele é muito importante, sim, como ferramenta para ações educativas (ZAMITE, 2024).

Assim, com força e dinamismo, trata-se de uma instituição importante para educação e formação escolar, como ferramenta para o conhecimento e formação crítica que pode contribuir para a construção de propostas educativas compartilhadas com as escolas. Os encontros com professores pode se fundamentar na interpretação cultural e de significação, favorendo a análise da trajetória social dos objetos até a estada do museu, além da história do uso e desuso desses para se compreender a história num mundo em que o descarte e a morte súbita dos objetos tornaram-se a tônica (PEREIRA; CARVALHO, 2010). Lourenço (2017) reforça que os museus são ideais para motivação e desenvolvimento de atividades educativas, ou seja, eles possuem grande potencial pedagógico.

Já as respostas do professor Zamite (2024) suscitam reflexões sobre os objetos ausentes ou assuntos ausentes (PEREIRA, 2011). Pode-se questionar, por exemplo, onde ficavam os escravos da fazenda, onde eles dormiam, o que há no museu que possa lembrar os escravos e quais os utensílios do museu eram usados pelos escravos. Correa (2024) diz que os alunos questionam sobre o tema da escravidão: “[...] mas em relação a história o tema que é mais trazido, no caso do MSM, é o tema da escravidão, sempre se perguntam os alunos: se havia escravos aqui, onde eles

ficavam... É geralmente um tema recorrente que aparece na dúvida dos alunos” (CORREA, 2024).

Duarte (2018) diz que a questão da escravidão no Brasil e no Espírito Santo pode ser discutida a partir das perguntas dos estudantes no museu. Trata-se de um espaço de provocações, pesquisas e ampliação do conhecimento. Segundo ela, essas são questões para o “após a visita” para serem introduzidas durante.

Rocha (2017) afirma que, ao se expor o tema da escravidão africana no Brasil entre os séculos XVI ao XIX, percebe-se que os estudantes fazem o uso de pré-conceitos e concepções anacrônicas. “Nos museus, encontram-se subsídios históricos da memória de um povo, de sua formação e de sua cultura. Esses elementos se constituem num patrimônio capaz de expressar a heterogeneidade dos povos [...]” (DUARTE, 2018, p. 35). Esses subsídios históricos estão presentes no MSM e, caso não sejam abordados pelo monitor de museu, o professor pode fazer essas conexões no momento da exposição. Por isso é importante a preparação em sala de aula do que se vai ver na visita.

Por outro, o objeto ou tema ausente em uma exposição pode estar mais presente do que se pode imaginar. Ele pode ser evocado com objetivo de que os alunos possam falar sobre o tema.

Propor aos alunos a investigação ajuda a compreender as razões, os consensos e os dissensos, pelos quais a sua comunidade de convívio erigiu um museu ou por que razões umas e outras narrativas foram silenciadas e preteridas em seu contexto. Não é sempre possível expor o terror, a humilhação e a barbárie – como no exemplo terrível do holocausto judeu da Segunda Guerra Mundial (PEREIRA; CARVALHO, 2010, p. 394).

O que o silêncio ou o ausente teriam a nos ensinar? O vazio tem mensagem a ser transmitida? Pereira e Carvalho (2010) afirmam que esses objetos ou temas ausentes têm função pedagógica em uma exposição histórica. Para que isso seja alcançado, é preciso que os professores e monitores dos museus trabalhem a questão do imaginário, para tornar explícito o que estiver oculto.

O professor Zamite (2024) considera que os museus brasileiros foram alimentados por classes de pessoas que sempre estiveram no poder político e social, deixando invisíveis os escravos, negros, indígenas, trabalhadores rurais e favelados, como se essas pessoas não tivessem história. Para Freitas (2017), os territórios denominados aglomerados, favelas, comunidades, ocupações, vilas e morros não foram inseridos

no projeto de cidade daqueles que detêm o poder e por aqueles que inventam o discurso hegemônico. Nessa mesma direção, Chagas (2002) diz que ainda é dominante nos museus brasileiros a memória dos dominadores, tornando os espaços museais pouco democráticos.

Nessa mesma direção, Meneses (2005) reforça que os museus carregam uma dimensão crítica em suas exposições; os visitantes precisam distinguir, filtrar, separar possibilidades de opções e escolhas com criticidade diante do que está exposto.

Soares (2024) acrescenta que o potencial do MSM está no acervo da História do Brasil Imperial e do Brasil em seus primeiros momentos de república:

Então, o MSM acaba sendo um ponto estratégico para nós, sobretudo, aqui do ES, porque ele permite ao estudante entrar em contato com essa atmosfera, não só, embora seja uma construção do Século XVIII e no contexto também do Século XIX, mas ele permite ao estudante entrar em contato com ele, trazendo essa atmosfera mais colonial. Então acaba sendo um espaço propício quando a gente está trabalhando e esse conteúdo próprio do Brasil chamado colônia, mas também, sobretudo já para explicar para os estudantes como que se dava a vida dessas famílias mais abastardas, que é o que a gente observa no MSM no Século XIX, no contexto já de transição para a República. Então de fato, se torna aí um espaço potente, né, para gente poder trabalhar esses conteúdos de História, conforme eu disse, sobretudo o Ensino Fundamental (SOARES, 2024).

Diante do exposto e do potencial do MSM, entendo, assim como Gonçalves (2020), que o museu precisa ter uma comunicação mais eficiente, que estimule os estudantes a participarem das atividades propostas de forma interativa, manuseando os objetos expostos.

#### 4.4 AS PERCEPÇÕES DOS SERVIDORES DO MSM E DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO ÀS INTERAÇÕES DOS ALUNOS COM O ESPAÇO MUSEAL

Leitão (2017) se refere aos estudantes como agentes culturais que, junto aos monitores, se tornam sujeitos ativos nas pesquisas desenvolvidas nos museus. Gonçalves (2020) acrescenta que, na relação entre professores, monitores, museus, escolas e estudantes, são estes últimos os mais beneficiados, pois o trabalho conjunto visa atendê-los da melhor maneira possível.

A utilização do museu como uma proposta pedagógica que está além dos limites escolares pretende focar-se em uma experiência aberta, na qual o professor se lança em desafios, provoca os estudantes e dialoga com suas ideias, sendo capaz de reconhecer e valorizar que seus educandos são



sujeitos socialmente em construção (ROCHA, 2017, p. 21).

Embora sem a consciência de que são agentes das pesquisas, quando os alunos recebem a informação de uma possível visita ao museu, mesmo que não tenham ideia do que os espera, há uma atmosfera de euforia. Certamente, é criada uma expectativa em toda classe, compartilhada com as famílias. Oliveira e Anjos (2017) afirmam que, mesmo que os professores falem só de uma possibilidade, informando que vai conferir uma agenda, os alunos ficam animados e ansiosos com a possibilidade da visita.

Mas para serem agentes culturais, Campos (2019) enfatiza que as crianças não podem ficar confinadas por dentro dos muros das escolas, mas precisam participar de atividades extra-classe. Matos (2020) diz que, da mesma forma que a escola pode realizar essas atividades, os museus também o podem, por exemplo, fazer apresentações em praças, ruas e em outros lugares ao ar livre.

[...] os alunos são adeptos às atividades fora da escola, uma vez que o cotidiano escolar normalmente é apresentado como previsível e rotineiro, elevando a possibilidade de monotonia e sensação de tédio para o aluno. O contato com o ambiente, a contemplação dos objetos em exposição oferecem um despertar da curiosidade de modo que a aula naquele dia será lembrada por muito tempo. Esta realidade das visitas a museus tornam o espaço da exposição um local de grande possibilidade para o desenvolvimento educacional e não somente um local de passeio para “enrolar” o dia de aula (SANTANA, 2017, p. 70).

Com esse clima de euforia, mesmo sem ter noção do que os espera, os estudantes alimentam a imaginação; por isso, é interessante que os alunos estejam preparados e com a ideia do que o museu a ser visitado tem para ser apresentado. Os monitores, por sua vez, devem estar preparados para atenderem às expectativas desses alunos, e os professores cientes de seus papéis nessa atividade. Conforme Duarte (2018), o planejamento para a realização de uma trabalho extraclasse de estudos requer três etapas: a) Antes da visita, a preparação dos alunos quanto ao que irão estudar; b) Durante a visita, que os professores utilizem uma metodologia previamente planejada; c) Após a visita, que sejam mensurados e materializados os resultados da visita. Campos (2019) reforça a ideia de que qualquer atividade fora dos muros da escola deve ser planejada e organizada; logo, o professor precisa deixar seus alunos preparados para desenvolverem o estudo de campo no museu.

[...] Em cada museu visitado é fundamental propiciar o acesso à sua história, à história de suas coleções e às escolhas feitas no decurso de sua formulação como instituição de memória. No momento pré-visita, é significativo garantir o acesso às informações mais amplas possíveis sobre o museu, ao plano de visita previamente elaborado e às atribuições de cada trabalhador que

atua no museu. Fazer exercícios de imaginação acerca do que o museu não expõe é uma das formas de convidar os alunos e este deslocamento face à ilusão de totalidade (PEREIRA; CARVALHO, 2010, p. 394).

Talvez não seja possível o MSM ir até os estudantes ou ir até às escolas com suas exposições e acervos, mas seria interessante que o MSM pudesse, ao menos, ir até as escolas por meio de representantes para convidar os estudantes. Enquanto isso não ocorre, as escolas ou os professores interessados podem se dirigir ao museu para planejar a ida de seus estudantes àquele espaço. Lourenço (2017) sugere, em sua pesquisa, a prática de empréimos de objetos às escolas como uma ação positiva para aproximar os estudantes do MSM.

Dessa forma, os setores educativos dos museus devem compreender as expectativas desses grupos de estudantes para melhor acolhê-los. Por outro lado, os profissionais das escolas devem conhecer as propostas dos setores educativos dos museus para melhor desfrutar da visita com os estudantes (OLIVEIRA; ANJOS, 2017). Duarte (2018) diz que os expositores devem relacionar o assunto com a vida dos estudantes, para que eles interpretem a experiência a partir de seus próprios mundos: a família, a casa, a rua, o bairro, a escola. E Campos (2019) defende que instituições, como os museus, devem compreender que os estudantes, sobretudo os infantis, fazem parte da vida na cidade, sendo eles produtores de cultura e de conhecimentos.

Outra contribuição importante, em relação às visitas ao museu é dada por Gonçalves (2020), segundo a qual é indicado que seja feito o planejamento do trajeto da visitação e o levantamento de materiais de apoio para o trabalho no museu. Sob esse entendimento, levantei algumas questões para serem respondidas pelos colaboradores servidores do MSM e professores. Uma delas foi: Você considera que os estudantes das escolas de Ensino Fundamental recebem preparo prévio para visitar o museu? Um dos entrevistados que trabalha no MSM disse que o museu não tem material para apresentar aos estudantes com antecedência e que, quando o preparo é feito, parte dos professores. Correa respondeu:

[...] como eu disse, tem que partir dos professores, ou geralmente parte dos professores, por parte do museu mesmo ainda não vejo esse projeto nesse sentido, mas isso acaba acontecendo, na maioria das vezes, por incrível que pareça, nas vezes que nós recebemos as escolas, os professores mesmos têm preparado o material que envolva o acervo do museu com a proposta ou a matéria que está sendo estudada pelos alunos. Geralmente isso feito através de pesquisas na internet, conteúdos sobre o museu que estão no youtube e afins, então o próprio professor em cima disso prepara o material que já deixa os alunos previamente mais preparados (CORREA, 2024).

Portela (2023) também atribuiu aos professores a responsabilidade de conhecer o museu com antecedência:

O museu conta com um vídeo, conhecendo os museus, um episódio e que quando agendamos a visita com as com as escolas esse link é enviado para escola para que eles façam uma prévia né, um briefing entre aspas, antes da chegada aqui no museu. Mas isso fica mais a carga dos professores da coordenação pedagógica das escolas. O nosso setor educativo, atualmente está defasado porque nossa servidora (que atua na coordenação pedagógica) está afastada, já tem alguns anos sem previsão de retorno e para suprir essa falta estamos agora em processo de troca de contrato de recepção para de monitoria. E esse contrato vai ser iniciar agora esse mês, e acredito que essa com esse aporte dos monitores a exposição vai ficar mais atrativa e muito mais informacional, os grupos visitantes já serão acolhidos pelos três monitores desde a entrada do museu, lá na parte de baixo, à recepção desse grupo e o monitor já vai vir subindo com essas crianças já expondo a área externa, falando de nossos equipamentos externos, de nosso anfiteatro o toldo multiuso, as peças que temos em exposição em nossa área externa, e depois isso é complementado na visitação interna. Então vai melhorar muito essa questão informacional e conseqüentemente aumentar a atratividade na visitação (PORTELA, 2023).

A justificativa para que os estudantes não tivessem o conhecimento prévio do museu seria o afastamento de trabalho por parte da coordenadora pedagógica. Os servidores têm a noção da importância do preparo prévio e acreditam que no futuro a situação poderá ser resolvida com a contratação de um servidor.

Os professores consideraram essa ação importante; a professora Carvalho (2024) disse que seus alunos foram avisados da ida ao MSM e que ficaram curiosos e com vontade de realizarem a atividade no museu, mas isso não chega a ser um preparo prévio, ponderou. Em consonância com a professora, Oliveira e Anjos (2017) argumentam que o preparo prévio prevê uma integração de conhecimentos entre monitores, professores e estudantes antes que estes visitem o museu, e advertem que nesse canal de comunicação os monitores têm a oportunidade de ouvir as expectativas dos estudantes e também dos professores. Duarte (2018, p. 49) orienta que o museu, junto com seus monitores, deve auxiliar os visitantes: “[...] O papel dos educadores é fazer com que os estudantes saibam utilizar esse espaço de forma lúdica, divertida, [...]”

Conforme análises de Gonçalves (2020), em muitos museus brasileiros os funcionários atuam sem preparo pedagógico; a autora sugere que as coordenações dos museus elaborem estratégias junto com os professores que virão ao museu. Isso se daria desde o planejamento até a realização do estudo de campo e, também, para um possível retorno da turma ao mesmo museu.

Desse modo, a formação educativa poderia alcançar melhores resultados caso os 126 professores visitassem a exposição em um momento anterior à visita da instituição escolar. Nesse momento, os professores poderiam buscar, junto aos monitores, informações e dados relevantes acerca da exposição, de modo a subsidiar a formulação de atividades/exercícios verdadeiramente pertinentes, que poderiam ser passados aos alunos para lhes direcionar na busca por aprendizado durante a visitação. Por outro lado, a proposição de exercícios com perguntas genéricas e sem conexão com a temática da exposição pode deixar a desejar no estímulo ao aprendizado (GONÇALVES, 2020, p. 125).

Conforme Pereira (2011) já havia informado, a maioria dos professores no Brasil não têm formação necessária para o desenvolvimento de atividades pré-elaboradas com seus alunos para o estudo de campo nos museus. Esperar pela iniciativa dos docentes é outro desarranjo na educação museal. É importante que alguém ou algum órgão dê o primeiro passo na direção do preparo do professor, no sentido de que este tenha uma formação continuada para desenvolver seu trabalho junto aos museus.

Biora (2019) aponta que, na década de 1970, já havia escolas que desenvolviam trabalhos de visitas de estudantes nos museus do Brasil, mas que naquela época as visitas eram de pouco rendimento, pois os professores estavam bem desprovidos de conhecimentos das possibilidades educacionais dessas instituições. Segundo Biora (2019), foi nessa década que começou o trabalho de monitores nos museus brasileiros, o que foi um grande avanço para a educação.

Percebe-se que o professor não pode ficar de fora do preparo prévio que, em tese, deve ser oferecido pelo museu. Na visão de Oliveira e Anjos (2017), o professor é o elo que liga museu e estudantes. Cabe, então, ao museu, envolver o professor no seu programa, pois esse leva e traz as informações acerca dos estudantes e suas expectativas. No contato entre professores e monitores, o estudo de campo no museu é agendado, planejado, redesenhado e ressignificado. O docente pode atuar antes e depois com planejamentos e relatórios em que informem aos monitores o que foi notório na atividade de campo, o que tocou os estudantes e os deixou encantados: “[...] seria maravilhoso que os professores se sentissem parte do museu a ponto de continuarem envolvidos com a sua proposta educativa, entendo que a visita não encerra o seu vínculo com a instituição” (OLIVEIRA; ANJOS, 2017, p. 197).

Diante do exposto, fica notório e o MSM não tem um material que seja distribuído às escolas para que essas possam fazer um trabalho de preparo prévio. Os mínimos esforços são produzidos pelos professores, quando esses têm interesse de prepararem seus alunos para o estudo de campo; caso contrário, os estudantes

simplesmente recebem o comunicado de que irão ao museu e, apesar da euforia, chegam ao espaço sem saber o que espera por eles. Lourenço (2017) destaca que, para a alfabetização museal, o preparo prévio é uma base importante, pois possibilita uma compreensão do que o museu tem a oferecer.

Conhecer o espaço a ser visitado antes da visita agendada é essencial para que não ocorra nenhuma surpresa que influencie no desenvolvimento das atividades planejadas, ou seja, os professores precisam saber porque estão levando seus alunos e alunas a determinado espaço. Ter conhecimento e se inteirar das propostas do Museu é importante, pois muitos disponibilizam, por exemplo, materiais didáticos ou oficinas, contribuindo para a aproximação museu/escola. Cabe aos professores investigar como são as visitas orientadas em cada instituição, o que o Museu oferece, qual é o tempo de duração, se há roteiro de visita e outras atividades previstas, qual a faixa etária atendida. Enfim, é necessário que a escola conheça a instituição para conversar com os alunos e alunas e planejar as ações (DUARTE, 2018, p. 120).

Outra pergunta lançada aos entrevistados diz respeito à possibilidade de os estudantes voltarem ao museu para uma segunda ou terceira visita no intuito de fortalecerem o aprendizado e interiorizarem melhor os propósitos das exposições. Portela (2023) achou interessante a ideia porque, segundo ele, o museu faz uma rotatividade de objetos expostos a cada seis meses e, em uma segunda visita, os alunos poderiam encontrar um museu mais renovado, transformado e reformado.

Os professores, por sua vez, acrescentaram que:

Sobre uma segunda ou terceira visita, eu não sei se seria fundamental, pois os alunos perdem o interesse muito rápido. Logo de início, acho que eles gostariam sim de uma visita no museu porque é tudo muito diferente e eles ficam maravilhados com essas coisas; mas na segunda vez, talvez eles ficariam entediados porque já teriam visto aquilo, achariam que não iam precisar prestar atenção novamente na guia e tudo mais (CARVALHO, 2024).

A opinião da professora Carvalho (2024) vai de encontro à opinião de Portela (2023), que afirma que o museu é uma coisa viva. A professora parece não conseguir perceber a renovação do museu e, também, parece não acreditar na reflexão, no refazer e na possibilidade da fixação.

Já o professor Soares (2024) entende que cada visita é importante, porém se faz muito dispendiosa, trabalhosa e estressante, tanto para escola, quanto para os professores, haja visto que, para ele, para qualquer escola pública brasileira tirar os estudantes de sala de aula é preciso enfrentar várias burocracias e desafios, como o de providenciar transporte para os alunos.

Penso que organizar esse tipo de atividade no interior das escolas demanda um esforço e um esforço que não é só do professor, mas da equipe de coordenação, da direção, é da equipe de alunos com necessidades educacionais especiais. Então, é todo um movimento que você tem que fazer para além de outras atividades e que acaba dificultando esse retorno, então, assim, é interessante sim, muito interessante, seria produtivo até para gente fazer uma comparação em termos de períodos históricos, né, então por exemplo: eu posso trabalhar o Brasil colônia, eu posso trabalhar o Brasil republicano, tudo nesse espaço né? Chamando a atenção do estudante para algumas permanências e rupturas que a gente consegue observar ali no MSM, então, seria de fato interessante e frutífero retornar. Agora, é preciso conciliar isso com a viabilidade dentro das escolas né, muitas vezes, eu por exemplo, sou um professor que gosto de fazer viagem técnica, visitas técnico pedagógica, e aí eu tento diversificar ao máximo, até porque os conteúdos variam no curso letivo, então, por exemplo, na última ocasião eu estive com os meninos em Santa Teresa, para falar com eles exatamente sobre o processo de ocupação italiana aqui no nosso Estado, então, de fato, seria produtivo fazer, aí, um segundo ou terceiro momento (SOARES, 2024).

Outras visitas ao museu, por parte dos estudantes, podem acontecer de forma natural quando o primeiro estudo de campo for, por demais, interessante e instigante, pois dessa forma, os estudantes terão o interesse de retornar. De qualquer forma, o museu tem o poder de despertar interesses nos estudantes:

Essa possibilidade de despertar o interesse do aluno faz com que os museus não sejam vistos somente como depósitos de objetos ajuntados de forma aleatória, mas o “templo” capaz de fomentar debates sobre a memória e a representação social e a cultura dos anônimos, o que contribui especialmente para o ensino da história local. Se durante muito tempo a história priorizou a valorização de “grandes” nomes e personagens centrais para o desenvolvimento do curso da história, os museus apresentam uma linguagem capaz de trazer para o cotidiano do aluno a possibilidade de repensar o assunto, agora, com viés dos anônimos, dos esquecidos, dos excluídos. É importante destacar que os museus não só são apresentados como linguagens pedagógicas como também podem apresentar várias linguagens para mostrar seu acervo, sendo possível, de acordo com a abordagem, observar o cinema, arquivos documentais, músicas, objetos culturais, apresentações teatrais, manifestações das mais variadas, etc (SANTANA, 2017, p. 70).

Uma segunda ou terceira visita de estudantes no museu depende dos devidos cuidados para que eles entendam o que é um museu, porque estão ali, para que estão ali, “[...] Os alunos precisam receber uma visão rápida e objetiva de onde se encontram, para que se situem e saibam onde estão, isto pode servir como elemento de curiosidade. [...]” (DUARTE, 2018, p. 123).

Matos (2020) destaca uma etapa importante quando os estudantes chegam ao museu: a do acolhimento, pois isso desperta interesse para um retorno. Matos (2020) sugere que, na acolhida, os monitores do museu deixem os estudantes relaxarem em almofadas enquanto são envolvidos numa roda de conversa. O acolhimento ao visitante é de responsabilidade de toda a equipe do museu. Percorrendo desde a

diretoria, mediadores, recepção, técnicos, funcionários de segurança até a limpeza, a equipe gestora deve assegurar que todo o quadro de pessoal conheça o acervo, as exposições, as instalações do museu e compreenda a importância de informar o visitante, criando assim um ambiente amistoso. Com intuito de causar um clima cordial dentro da instituição, tanto para os que trabalham no local, quanto para os que visitam, a comunicação interna é essencial, pois dinamiza e assegura o intercâmbio de informações, além de garantir os laços entre os diversos setores, tanto de profissionais quanto de visitantes (GONÇALVES, 2020). Acolher é dar condições para que os estudantes fiquem à vontade no ambiente e permaneçam o maior tempo possível no museu, pois “[...] o que realmente sustenta o acolhimento nos museus são as relações humanas fraternas e o preparo dos funcionários em receber os mais diferentes públicos” (GONÇALVES, 2020).

Também questionei aos professores se os alunos, nas atividades de estudos de campo, tiveram oportunidade de fazer perguntas aos monitores do MSM. E, ainda, quais seriam as dúvidas ou curiosidades mais frequentes deles. As respostas revelaram algumas subjetividades dos alunos.

Sim, os alunos têm essa oportunidade, inclusive uma das partes mais interessantes, mais legais é de ser monitor e de fazer essa visita intermédio com os alunos, muitas perguntas e muitas dúvidas são coisas que você não esperaria, as crianças são bem criativas nessas perguntas. Às vezes o que mais chama atenção são os móveis, alguns móveis são bem curiosos, algumas coisas antigas que talvez eles até reconheçam por história dos avós ou coisas assim [...] (CORREA, 2024).

Portela (2023) disse que o museu ficou desfalcado com a licença médica da educadora do museu, sendo necessário fazer novas adaptações nas exposições. Mas também informou sobre as curiosidades dos alunos:

[...] a pergunta mais comum é: Poxa de quando essa casa? Aí eu respondo dando um desafio, eu falo para eles assim: Eu tenho quase certeza que essa é a casa mais antiga que vocês já entraram. Eles perguntam como assim? Eu respondo é porque ela é do final do Século 18, é de 1780. Eles dizem: nossa há quanto tempo. Então essa é mais ou menos essa pergunta. É por isso que eu falo para eles da importância de se preservar o prédio, porque ele é um dos poucos exemplares, desse estilo colonial rural no Brasil. Então, a gente desperta esse sentimento de preservação neles, mas a curiosidade principal deles é saber do prédio. O próprio prédio já é o carro chefe da visitação, depois vem o acervo, mas o carro chefe, a estrela é o próprio prédio, ele já vale a visita né? (PORTELA, 2023).

Os professores entrevistados elogiaram o atendimento e a simpatia dos monitores do MSM, justificando que eles têm clareza do que apresentam e são solícitos. As

respostas dos professores podem ser contempladas na narrativa abaixo:

Olha eu, eu recordo assim, um pouco vagamente, mas o que é muito interessante quando se trata do público do Ensino Fundamental, e aí pensar o público do Ensino Fundamental do público regular né, a gente também tem a educação de jovens e adultos dentro do Ensino Fundamental, mas o que é muito interessante e acaba sendo recorrente é a dificuldade que o estudante tem de compreender, porque hoje está o MSM que é um museu hoje, está dentro de um bairro, o bairro Santa Cecília, aqui em Vitória e aí o menino não compreende – “ora, mas, isso aqui era uma fazenda no meio da cidade?” - Então a dificuldade dele, a curiosidade dele é de entender como existia uma fazenda, uma chacará alí, naquilo que hoje ele está vendo que é urbano, então para ele é difícil entender isso – “mas como?” - Então, as curiosidades geralmente giram em torno disso. Com isso vem a nossa intervenção né, no sentido de reconstruir – “olha, nós estamos falando de uma fazenda, que era originalmente jesuítica, essa construção aqui é do Século XVIII” – aí a gente vai fazendo as intervenções, mas por que? É muito comum que o estudante tenha dificuldade de nessa percepção de que é possível conciliar, então, a permanência histórica com a transformação, e aí entra de fato o papel, a importância dessas visitas, é essa potência que é voltar ao passado por meio do cultura material (SOARES, 2024).

Em sua narrativa, Soares (2024) sente, em alguns momentos, aprofundamento dos monitores em relação a alguns temas trabalhados no MSM, mas ressalta a participação dos próprios professores em consonância com os estudantes e monitores presentes. Talvez o monitor não saiba responder a todas perguntas, como também o professor não saberá, mas trabalhando em conjunto o conhecimento pode ser construído.

[...] os monitores são os grandes estimuladores da visita, são os facilitadores da experiência dos visitantes no museu, pois são solicitados a desafiá-los diante dos experimentos, a partir dos conhecimentos que estes já detêm. Através da linguagem, o monitor é responsável por qualificar a interatividade que ocorre entre o público e o objeto da ciência; pode contribuir para a construção de sentidos no museu (LEITÃO, 2011, p. 163).

Nesse sentido estudantes, monitores e professores desenvolvem uma rede de diálogos que deve ser alimentada com conectividade, interatividade, conhecimento, criação e integração. Os monitores, como instigadores, devem estar preparados para ouvir os alunos e dispostos a trocar experiências; logo, conta-se com a paciência, simpatia e preparo desses monitores para o atendimento aos alunos. O diálogo é, portanto, uma oportunidade de aprendizado coletivos para todos: alunos, professores e monitores.

Portanto, a postura dialógica seria a tentativa de estabelecer uma ponte a fim de se entender o ponto de vista de outro, objetivando dar um sentido a uma atividade que está sendo feita, por exemplo, em um museu, entendendo que cada sujeito possui um mundo interior povoado de vozes sociais, em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias, em permanente



movimento (OLIVEIRA; ANJOS, 2017. p. 200).

A partir do exposto, entendemos que o trabalho do monitor é mais do que guiar alunos e visitantes ou apresentar a exposição; a expectativa é de que eles estejam atentos às perguntas e histórias apresentadas pelos alunos, contribuam para que os estudos no museu sejam agradáveis, preparem recursos didáticos e criem um ambiente propício para que os visitantes tenham interesse de voltar ao MSM.

Meneses (2000) reforça que o museu deve estar mais disposto a responder do que a perguntar. Nesse sentido, os monitores podem iniciar as conversas e deixar os estudantes formularem perguntas. Por meio dessas dúvidas, os estudantes abandonam um estado de submissão e aceitação passiva para uma crítica mais ativa. Franco (1994) acrescenta que, no diálogo, os estudantes fazem conexão entre passado e presente, formando uma consciência mais emancipada.

Também perguntei aos entrevistados se eles tinham em mente algum fato curioso que aconteceu nos momentos das atividades com os estudantes, além de experiências positivas ou negativas narradas nesses momentos. Uma das respostas foi:

Ah nessa visita só tenho pontos positivos, não tem nenhuma reclamação que eu possa fazer dessa visita. Assim, a estrutura do MSM é boa no que pretende, os guias são todos educados e simpáticos. As explicações, a exposição, os cômodos mesclando com a história que vem por trás, né, daquele espaço físico, então eu só tenho coisas boas para falar da experiência, eu voltaria lá, penso em voltar lá novamente e quem sabe, né, esse ano eu possa levar meus novos alunos para fazer uma visita lá (CARVALHO, 2024).

Outro professor entrevistado narrou algo curioso e que deve ser respondido com respeito:

Ah sim, realmente, uma curiosidade dos meninos de que se aquele casarão era mal assombrado, que se o espírito do barão percorria a casa, então é, essa é a única coisa que ficou na mente dos meninos na época em que nós fomos, essa questão da casa mal assombrada, que assustava, que a alma do barão ficava rondando, ali, o casarão, né. Então, essa foi uma das curiosidades que nós vivenciamos com os meninos ali (ZAMITE, 2024).

Chamou-me atenção, nas entrevistas, a dificuldade que servidores do MSM e professores tiveram de lembrar essas curiosidades, quem sabe porque estudos de campo nos museus tenham sido muito apressados, ao ponto de professores e monitores não notarem vários detalhes e expressões de seus alunos. Carvalho e Lopes (2016) reconheceram que, de fato, as visitas são corridas, e por vezes, únicas na vida dos alunos. Mesmo assim, os alunos têm tempo suficiente se concentrarem

nas exposições e para fazerem as devidas observações.

Os professores também tiveram a oportunidade de dar sugestões de práticas educativas para o melhor atendimento de seu público:

Rapaz, sei lá, eu acho que falta naquele espaço alguma questão mais interativa, um material que o aluno possa trazer para gerar essa construção de conhecimento, até mesmo indicando os museus, indicando uma visita, uma construção histórica, indicando: “há! Se você foi ao MSM, para você enter um pouco mais da história vá ao museu X, frequente a igreja no Centro de Vitória, na igreja tal, vá ao município tal”. Criar um roteiro mesmo, para que o estudante, o visitante possa frequentar mais esses espaços, não só o Solar Monjardim (ZAMITE, 2024).

Finalizei as entrevistas perguntando se eles achavam importante a produção de algum material didático que pudesse auxiliar as escolas nos estudo de campo feitos no MSM. Todos os entrevistados aprovaram a ideia e emitiram opiniões favoráveis.

Sim claro, qual gestor de um museu que não gostaria disso né? Esse material, penso como profissional, pode ser trabalhado para uma exposição itinerante né? Uma maleta, digamos assim, que o museu vai às escolas né? E aquilo seria uma espécie de degustação (entre aspas), para ativar a curiosidade e o interesse das escolas para uma visita in-loco no futuro. E esse material, também, pode ser nesse formato, com a ida de um profissional, nós temos pouquíssimos servidores, contando comigo somos apenas quatro, sendo uma em vias de se aposentar, precisamos aí de um concurso para reforçar os recursos humanos. Então, essa parte de visitar os museus na escola, por conta dessa logística fica mais dificultada, mas um material impresso que pode ser levado ou enviado às escolas, também, é uma maneira de contemplar essa demanda (PORTELA, 2023).

O servidor Correa (2024) acrescentou:

[...] é claro que produzir esse material, ou como isso seria feito, é claro que isso é uma coisa que passa fora da minha “ossada”, mas pessoalmente como educador eu acredito que seria essencial e de muito mais valia né, é um material que preparasse os alunos e que adequasse o que eles esperam ver, o que eles estão estudando nas suas escolas, como acervo do museu. Na visita isso se nota, fica muito mais enriquecida, muito mais dinâmica e muito mais aprazível para todos envolvidos quando os alunos têm conhecimentos que agreguem a visita (CORREA, 2024).

É interessante que Correa (2024) sugeriu conhecimentos que agregam ao estudo de campo no museu e vinculados ao que os estudantes estudam em sala de aula, considerando que os estudos de campo precedidos de preparo prévio são mais dinâmicos e aprazíveis, pois proporcionam envolvimento e interesse dos estudantes, tornando a visita mais proveitosa quanto à aprendizagem. “A pré-visita pode ser momento oportuno para esclarecer algumas funções sociais do museu, de educar, encantar, proporcionar a vivência de práticas culturais [...]” (DUARTE, 2018, p. 120).

Nossa... eu acho que um material didático sobre o MSM seria muito proveitoso principalmente para nós da nossa área, mesclando né, com a história do Brasil. Poderia ser um material com imagens, ou até mesmo um material digital, também, seria uma coisa muito benéfica. Eu acho que existe um interesse muito grande na história eurocentrada né, interesse nos grandes acontecimentos da história da Europa, enquanto que nós mesmos, aqui no Brasil, existe um desinteresse na história de nosso país “que é uma história chata”, e eu acho que esses tipos de mecanismos seriam muito benéfico para nos auxiliar em sala de aula (CARVALHO, 2024).

Há uma expectativa de uma material que possa auxiliar os professores em sala de aula, quando esses são desafiados a levarem seus alunos em visita ao MSM; poderia ser um material com imagens e digital, sem gastar papéis com impressão, desde que seja atrativo para os alunos do Ensino Fundamental.

Então, acredito que materiais, eles, existem, são muitos, a gente tem ai uma vasta quantidade de obras que o governo do ES patrocina através dos seus editais, o próprio estudo geográfico do ES também produz muitos materiais através de seus associados, o Arquivo Público do ES tem muito material. Porém, falta a especificação quanto a idade, a série, o período que o estudante está utilizando esse espaço, sejam eles das séries iniciais, sejam do Ensino Fundamental II, sejam do Ensino Médio, sejam do EJA, a gente não encontra, né, esses materiais de fácil acesso e os poucos que a gente tem, as vezes não são tão específicos em se tratando, por exemplo, no caso do questionário a história do MSM, de quem viveu ali, qual era a rotina daquele espaço, qual era a geografia da época, como eram tratadas as pessoas que ali residiam, como era o transporte. Essas coisas a gente não encontra, a gente tem que minerar, construir através de leituras que as vezes nem mesmo permeia aquele espaço né, a gente tem ai uma centena de livros, inclusive né, que tratam dos períodos históricos de Vitória, do ES e de outros municípios ao redor da grande Vitória, mas que não são tão específicos quanto ao museu em si. Acredito que se fosse feito um roteiro didático, uma forma de cartografia, é sei lá, são jogos, há uma infinidade de formas de trabalhar aquele espaço. Seria muito importante alguém que conseguisse aglomerar tudo isso num contexto, sei lá, ou poderia ser construído um box com livretos que contasse a história dessas pessoas, né, a parte da arquitetura, nesse mesmo box um jogo ou um conjunto de jogos, pode ser cartas, tabuleiros, e até mesmo folhetos informativos, papel, gravuras para pintar, sei lá, várias, são várias as possibilidades que podem ser abordadas sobre aquele espaço ali [...] (ZAMITE, 2024).

Para os estudantes, é difícil ir ao encontro desses materiais; para os professores, é um desafio, uma vez que, há um carga horária extensa de trabalho a ser cumprida; no MSM, não sabemos se os seus servidores têm ciência de algum material existente em algum lugar. Mas as contribuições do professor Zamite (2024) estão afinadas com a proposta do presente estudo, pois ele dá dicas de possibilidades de materiais a serem produzidos e apresentados às escolas.

Adoraria, eu adoraria ter esse material. É... houve um período em que teve até uma, a Secretaria de Cultura divulgou um trabalho muito bacana, que falava de Vitória-Mar, ai tinha um álbum que os meninos iam completando figurinhas falando sobre a história de Vitória, sobre os monumentos de Vitória.

Então seria importantíssimo se essa política voltasse, principalmente por parte dos órgãos públicos, porque a gente sabe que realmente vai ser algo desperdiçado e que isso não pode cair na conta dos alunos, né. Então seria importante que houvesse uma política para divulgar a história de Vitória, a história do ES através de álbuns, através de figurinhas, são coisas que os meninos gostam muito. Então, um álbum sobre a história de Vitória, sobre os monumentos de Vitória que eles pudessem completar, pudessem trocar figurinhas num momento e num espaço em que eles pudessem trocar figurinhas e que houvesse até um prêmio para quem completasse, então, eu concordo com essa pergunta e acho que realmente seria muito importante, seria proveitoso, seria maravilhoso, seria enriquecedor se houvesse uma política de divulgação através de um material didático onde as crianças do Ensino Fundamental pudessem ter acesso a esse material (ABREU, 2024).

Fica a pergunta: com que seriedade o governo e suas secretarias lidam com a educação como um todo, entrelaçada à ideia de uma escola cidadã e uma cidade educativa? O anseio desse entrevistado é latente: ele deseja um material dinâmico para alunos da Educação Básica, algo que atraia os jovens.

Bom, eu acredito que considerando né, um pouco desse cenário que eu tentei sintetizar aqui, de como é que é organizar esse tipo de atividade, esse tipo de visita ao MSM. Eu acredito que a elaboração de um material didático, sobretudo, para as questões ali relacionadas sobre o que o professor pode explorar em específico... ora, nós estamos falando de uma construção do Século XIX, o que que a gente tem em termos de História do Brasil no Século XIX, sobretudo quando a gente pensa nessas famílias mais abastardas, então seria algo nesse sentido já pensando, é sobretudo, a atenção para a República né. Porque no momento em que a gente costuma trabalhar com estudantes, sobretudo, do nono ano, como que se deu a articulação do barões do café, é sobretudo, no estado de São Paulo, para o golpe republicano, então acredito que um material nesse sentido permitiria que o estudante compreendesse melhor como que de fato esse contexto histórico do Brasil do Século XIX acabou desenrolando, acredito que seria aí, interessante para o nosso trabalho enquanto professor (SOARES, 2024).

Um material mais didático sobre o museu ajudaria na concretização do que o professor ensina em sala de aula. O acervo pode ser um grande aliado no ensino de História do Brasil império e dos primeiros anos do Brasil república. Segundo Soares (2024), o material didático ajudaria o professor a explorar mais aquilo que o MSM tem a oferecer e os estudantes da Educação Fundamental e tornaria o museu mais atrativo aos alunos.

Como Produto Educacional, resultante da pesquisa, a partir dos apontamentos feitos pelos professores e do Setor Educativo organizamos um Caderno de Práticas Educativas. O nosso estudo não foi e nem pretendeu ser um modelo fechado para o desenvolvimento das práticas educativas sejam elas na escola ou no museu, pois consideramos que as possibilidades são ilimitadas e dependem da criatividade, dos conhecimentos, da experiência e do protagonismo dos sujeitos para desenvolvê-las.

O Caderno de Práticas Educativas no MSM está elaborado em quatro movimentos: **Movimento I** – Um pouco de histórias da criação dos museus e do MSM; **Movimento II** – Aproximação entre museu e escola e escola e museu; **Movimento III** – Apresentando os espaços do MSM; **Movimento IV** – Aproximação entre museu e escola e escola por meio das práticas educativas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada me permiti afirmar que os museus, em parceria com as escolas, desempenham papel importante no aprendizado. Como mediadores, podem instigar o estudante a investigar, a propor e a debater as versões unívocas de se pensar a história. As narrativas dos professores e monitores apontam como bem asseveram Pereira e Carvalho (2010), de que o museu não é lugar final, mas lugar de trânsito e de transfigurações; logo, os museus são sempre dinâmicos.

Tendo como metodologia a História Oral, entrevistei quatro professores de Ensino Fundamental que realizaram estudos de campo no Museu Solar Monjardim (MSM) no ano de 2023 e dois servidores que atuam no setor educativo desse espaço. Perseguindo o objetivo geral deste estudo - investigar nas narrativas dos servidores do setor educativo e dos professores, acepções de história que permeiam as propostas educativas do Museu Solar Monjardim, bem como a mediação de conhecimentos na relação de parceria com a educação institucionalizada - foi possível identificar nas narrativas dos entrevistados a acepção de história adotada pelo MSM e a relação com a produção do conhecimento.

Foram detalhadas as cinco acepções de museu apresentadas por Pereira (2011): 1) o museu que apresenta a história como um passado acontecido e estático, sem a preocupação de ser questionada; 2) o museu que apresentando a história como soma das coisas transmitidas, uma reprodução linear das coisas vividas, privilegiando a transmissão; 3) o museu que enaltece e glorifica o passado, impedindo o devir da problemática; 4) o museu que apresenta uma história em diálogo com as temporalidades, em que questões do passado estão ainda atuantes mas que podem ser relidas no presente. 5) a história como narrativa arbitrada, devido à forma como os museus expõem os objetos. Assim, os temas, problemas e controvérsias podem surgir, por parte dos estudantes, ao questionarem a exposição dos objetos e versões unívocas de pensar a história.

Pude constatar, nas narrativas dos professores, que a acepção de história do MSM vai ao encontro da quarta acepção de história apresentada por Pereira (2011), segundo as quais as questões do passado podem ser relidas no presente, e os estudantes não se fazem passivos, mas podem dialogar, questionar e tirar conclusões diante das exposições, tornando-se agentes participantes do seu processo de

aprendizagem.

Chego ao final desta pesquisa com algumas impressões das oportunidades que tive de conhecer e aprender. Entendi que a representação também se faz pela ausência. Com base nisso, sugiro que os professores questionem, junto aos estudantes, as narrativas arbitradas construídas pelo MSM a partir das exposição dos objetos, trilhando os caminhos da aprendizagem que coadunem com quinta acepção de história apresentada por Pereira (2011): por que determinados objetos estão expostos e outros não? Por que se fala de determinados sujeitos históricos e não outros? Por que os objetos estão expostos de uma forma e não de outra? Trata-se da representação se fazendo pelas ausências.

As narrativas dos geram o sentimento de que o MSM poderia ser mais divulgado junto às escolas. Existe um programa de divulgação nas redes sociais, mas não apresenta práticas educativas voltadas para o público estudantil. Os professores que levaram seus alunos ao MSM, não o fazem pelas informações das redes sociais mas sim, de experiências vividas na graduação, quanto os seus professores os levaram ao MSM em estudo de campo. O acolhimento, provavelmente, atencioso de diálogo e os objetos ali presentes os fizeram retornar, agora, com os estudantes do Ensino Fundamental.

Isso vem reafirmar que o MSM dispõe de espaço potente para desenvolvimento de pesquisas e estudos de campo - todos os professores entrevistados apontaram para essa potência. O acervo é precioso, as exposições estão bem organizadas, o ambiente é limpo, convidativo e organizado. Assim, o MSM pluraliza-se por meio das percepções dos visitantes, sejam eles professores ou estudantes, desenvolvendo um papel de mediador dos procesos educativos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara & VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. **O saber histórico na sala de aula**. Contexto, São Paulo, 2013. p. 104-116.

BIORA, Ellen Cristina Polli. **O conceito de museu vivo na perspectiva da educação: o caso do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (1970 - 1984)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. p. 1-141.

BITTE, Regina Celi Frechiani. **Políticas da memória e usos públicos da história: o lugar da educação museal na formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental**. Curitiba: CRV, 2016.

BIZERRA, Alessandra Fernandes. **Atividade de aprendizagem em museus de ciências**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

BORGES, Vilmar José & BORGES, Jullizze Maia. Potencialidades da História Oral na pesquisa e na formação docente: percurso metodológico. **Revista Teias**, v.22, n. 64, p. 88-101, 2021.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. Desafios e perspectivas para educação museal. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade de Brasília, Brasília**, v. 6, n. 12, set, p. 55-67, 2017.

BRASIL. Decreto nº. 2.807. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e Funções Gratificadas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e dá outras providências. 21 de outubro de 1998. Brasília/DF, 1998. MEC. Portaria nº. 230. Regimento Interno do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 26 de março de 1976. Brasília/DF: 1976. <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/55/instituto-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional-iphan-1970-1979-e-1994> – acesso em: 09 mai. 2023.

BRASIL, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 15 de janeiro de 2009. Seção 1.

CAMPOS, Vinício Stein. **Elementos de Museologia: história dos museus**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, 1972.

CAMPOS, Túlio. **A escola e a cidade: experiências de crianças e adultos em excursões na Educação Infantil**. Tese (Educação) Programa de Pós-Graduação



em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. **Cadernode Sociomuseologia**. v.19, n. 19, p. 43-81, 2002. Disponível em <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>> Acesso em: 18 de outubro de 2023.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, RosaniHobold. **Museu e educação: experiências pedagógicas no Museu ao Ar Livre Princesa Izabel – Malpi (Orlenas, SC)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma, 2018.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. **Educar no museu: o museu histórico nacional ea educação no campo dos museus (1932 – 1958)**. 2017, Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves & VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus: do Gabinete de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. (p. 151 – 162).

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves & VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus: do Gabinete de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. (p. 15 – 84).

FLORES, Celia Lucia Baptista. **O que as crianças falam sobre o museu...** 2007 Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

FRANCO, Sebastião Pimentel. **As práticas Educativas do Museu em suas Relações com as Instituições de 1 Grau no Espírito Santo: da hegemonia à busca da transformação**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 1994.

FRANCO, S. Pimentel. **Repensando o papel social do museu a partir de práticas pedagógicas transformadoras**. São Paulo, Revista Alpha, (6):129-140, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Kelly Amaral de. **Narrativas nos objetos biográficos do Museu de Quilombos e Favelas Urbanos. Patrimônio no Plural: educação, cidades e**

**mediações.** Fino Traço. Belo Horizonte, 2017. p. 195-214.

GIL, Carmem Zeli. Práticas educativas no museu histórico nacional da Argentina: exposição de memórias e construção de histórias. **Revista História Hoje**, ANPUH – Brasil, v. 8, n. 16, jul-dez, p. 279-303, 2019.

GOMES, Adriane Gonçalves. **O Museu como Espaço Educativo Não Formal de Construção de Conhecimento Científico: usos e práticas de ensino no sítio de Anchieta – Espírito Santo.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo. Vitória, 2013. p. 1-43.

GONÇALVES, Renata Carlos de Oliveira. **O Museu como Ambiente Educativo: umestudo em Campina Grande.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Programade Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2020. p. 1-75.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **MUSEU.** O que é museu? Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/museu/>>. Acesso em: 11 maio. 2023.

ICOM. **Home page.** Disponível em: <<http://icom.museum/who-we-are/the-vision/museum-definition.html>>. Acesso em: 11 maio. 2023.

LEITÃO, Angela Bezerra de Souza. **Relações Discursivas em Museus de Ciências e o Processo de Alfabetização Científica: analisando interações verbais / não verbais entre monitor e visitante.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) Programade Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. p. 1-56.

LOURENÇO, Márcia Fernandes. **Materiais educativos em museus e sua contribuição para a alfabetização científica.** 2017. Tese (Doutorado em Educação)Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 1-60.

MARTELLO, Caroline. **Educação museal e enfoque CTS: reflexões sobre a práticaeducativa no Museu Entomológico Fritz Plaunann.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:Química da Vida e Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre,2018.

MATOS, Isla Andrade Pereira de. **Educação em Museus: Análise comparativa de didáticas museais em São Paulo e Londres.**2020. Tese Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2020. p. 1-172.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letra.** n. 27.

p. 92 -101. Porto Alegre, jan. 2000.

MOROSINI, Marília Costa & FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, v.5, n.2, p. 154 - 164, jul. - dez. 2014.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ (MAC-PR). Histórico do acervo. **MAC-PR**, S.d. Disponível em: . Acesso em: 20 out. 2018.

NASCIMENTO, S. S. do; VENTURA, P. C. S. Mutações na construção dos museus de ciências. *Pro-Posições*, v.12, n.1 (34), 2001. pp.126-138.

OLIVEIRA, Bernado Jefferson de & ANJOS. Juliana Prochnow dos. Diálogos com professores em museus. **Patrimônio no Plural: educação, cidades e mediações**. Fino Traço. Belo Horizonte, 2017. p. 195-214.

OLIVEIRA, José Teixeira. **História do Estado do Espírito Santo**. 3ª Edição. Coleção Canaã, Vitória, 2008.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, dez, p. 143- 154, 2010.

PEREIRA, Júnia Sales. História, rastro e esquecimento na educação atravessada pelos museus. **Perspectivas do Ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica**. Edufu, Uberlândia, 2011, p.263-274.

PEREIRA, Júnia Sales & CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. **Caderno Cedes**. Campinas, v. 30, n. 82, Set-dez, p. 383- 396, 2010.

PORTELA, Evaldo Pereira. **As Instituições Museológicas e as Práticas de Lazer: uma revisão bibliográfica do período entre 2011 e 2015**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudo do Lazer). Programa Estudo do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Scientia/UFMG, 2005. (p. 151 – 162).

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Argos. Chapecó, 2004. p. 1-81.

REIS, Claudia Barbosa. **A literatura no museu**. Rio de Janeiro: Cassará, 2013.

Revista Museu: cultura levada a sério. [brasil-tem-visitacao-vigorosa-a-museus-diz-presidente-do-ibram](http://brasil-tem-visitacao-vigorosa-a-museus-diz-presidente-do-ibram). Disponível em:

<<https://revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/>>. Acesso em: 30 outubro.

2023.

RIBEIRO, Maria das Graças. **Patrimônio biológico universitário – Relação ensino, pesquisa, extensão e museus universitários**. In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andréa (Orgs). *Universidade, memória e patrimônio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

RICARDO, Luciana de Maya. **A educação em diálogo com a cultura: da experiência de educação do Museu Vivo da Memória Candanga a uma proposta educativa para o Museu da Educação do DF**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília, 2017. p. 1-67.

ROCHA, Leonardo Vinicius Kopke da. **Ensinar História para além da sala de aula: ações educativas no Museu Mineiro**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional Educação e Docência). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. p. 1-63.

RODRIGUES, Iván Barroto. **La Educación Ambiental en Museo de Historia Natural: un análisis de las acciones en dos museos del sur de Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. p. 1-218.

ROMANOWSKI, Joana Paulin & ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. **Diálogo Educação**, v. 6, n. 19, p. 37-50, set. - dez. 2006.

SANTANA, Douglas Proença de. **Museus como ferramenta pedagógica: o caso do museu arqueológico e histórico de Coxim/MS**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2017.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa, n. 19, p. 115-137, 2002.

SELLI, Paula Hilst. **Crianças, museus e formação de público em São Paulo**. 2011 Dissertação (Mestrado em Artes), Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2011.

SILVA, Edna Maria da. **Educação em museu: a experiência do museu do homem do nordeste**. 2014, Dissertação (Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste), Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

SILVA, Talita Correa Vieira. **Poéticas Fílmicas dos Museus da Universidade Federal de Pelotas: pistas para uma aproximação interativa com a cidade**. 2017. 113p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

SUANO, M. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TEIXEIRA, Marina Barbosa da Cruz. **Sentidos e significados da relação museu/escola: perspectivas para a construção de territórios educativos**. 2017, Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação), Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre Memória e História: alguns aspectos internacionais. *In.*: FIGUEIREDO, Janaína P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 65-91.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VARINE-BOHAN, Hugues de. **Os museus no mundo**. Rio de Janeiro: Salvat Editorado Brasil, 1979

## **FONTES ORAIS**

ABREU. Oziel Nazaré. [Entrevista cedida a] Jorge Luiz Abdon, Vitória, 2024.

CARVALHO, Gabriela Contão. [Entrevista cedida a] Jorge Luiz Abdon, Vitória, 2024.

CORREA, Antônio Schwab. [Entrevista cedida a] Jorge Luiz Abdon, Vitória, 2024.

PORTELA, Evaldo Pereira. [Entrevista cedida a] Jorge Luiz Abdon, Vitória, 2023.

SOARES, Martinho Guilherme. [Entrevista cedida a] Jorge Luiz Abdon, Vitória, 2024.

ZAMITE, Bruno Almeida. [Entrevista cedida a] Jorge Luiz Abdon, Vitória, 2024.

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS SETOR EDUCATIVO DO MUSEU

- 1 – Você poderia se identificar e falar de sua formação inicial e continuada (mestrado, doutorado, especialização ou outras formações). Quanto tempo trabalha no museu e no setor educativo.**
- 2 – Na sua opinião, os recursos destinados ao Museu Solar Monjardim permitem desenvolver as práticas educativas? Qual(is) a(s) relevância(s) do museu e do setor educativo para a educação formal?**
- 3 – Na sua opinião, de que forma as exposições realizadas no Museu Solar Monjardim contribuem para a construção/reflexão do conhecimento Educação Básica?**
- 4 – O Museu Solar Monjardim tem um programa de divulgação dos acervos junto às escolas de Educação Básica na Grande Vitória?**
- 5 – Você percebe/identifica se os alunos da Educação Básica são orientados, seja em relação aos conteúdos ou mesmo sobre o espaço do Museu Solar Monjardim de forma prévia?**
- 6 – Na sua opinião, são criados momentos para que os alunos da Educação Básica em visitas ao Museu Solar Monjardim tenham oportunidade para fazer perguntas e tirar dúvidas? Se sim, quais as perguntas e curiosidades mais frequentes?**
- 7 – Você tem encontrado dificuldades em trabalhar com algum ano da Educação Básica, no que diz respeito à adaptação de linguagem e metodologias?**
- 8 – Qual a sua percepção em relação a ida do Setor Educativo do Museu às escolas de Educação Básica, para apresentar o museu e os temas que podem ser explorados no espaço museal? Esta visita pode refletir na relação museu escola?**

## **APÊNDICE B**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

#### **DOCENTES DE ESCOLAS DA EDUCAÇÃO**

#### **BÁSICA**

- 1 – Você poderia se identificar e falar de sua formação inicial e continuada (instituição em que trabalha, tempo de atuação na profissão, se possui especialização, mestrado, doutorado, entre outras).**
- 2 – Por qual meio de divulgação você ficou sabendo da existência do Museu Solar Monjardim? Você gostaria de ter tido uma visita do Setor Educativo do Museu Solar Monjardim apresentando o museu, os temas que podem ser explorados a partir do espaço museal?**
- 3 – Como é realizada a pré visita para levar alunos da Educação Básica ao MuseuSolar Monjardim?**
- 4 – Como você percebe as ações educativas desenvolvidas no Museu Solar Monjardim para alunos da Educação Básica? Você tem hábito de levar as turmas para visitar o museu? Poderia apontar as dificuldades, bem como as contribuições de tais visitas?**
- 5 – Na sua opinião de que forma as exposições, apresentadas no Museu Solar Monjardim contribuem para a construção do conhecimento/reflexão do conhecimento na Educação Básica?**
- 6 – Nas suas visitas ao Museu Solar Monjardim, seus alunos tiveram oportunidade para fazer perguntas e tirar dúvidas? Se sim, quais são as perguntas e curiosidades mais frequentes? Como foi a relação do monitor de museu com os alunos?**
- 7 - Você gostaria de ter um material didático para auxiliá-lo nas aulas? Qual a sua sugestão para organização desse material?**

## APÊNDICE C

### TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

#### 1 - Entrevista com servidor do MSM – Evaldo Pereira Portela

**Pesquisador:** Bom dia! Nós estamos aqui no Museu Solar Monjardim e vamos começar as nossas entrevistas com o pessoal do museu.

**Evaldo Portela:** Bom dia! Eu sou Evaldo Portela diretor do SolarMonjardim há quase seis anos entrei nessa função em novembro de 2017.

**Pesquisador:** Evaldo, você é daqui de Vitória mesmo? Nasceu aqui em Vitória?

**Evaldo Portela:** Não, nasci no Rio de Janeiro, capital.

**Pesquisador:** Você poderia falar sobre a sua formação inicial, falando a quanto tempo trabalha no museu e qual a função que você atua aqui nesse museu?

**Evaldo Portela:** Sim, eu tenho bacharelado em museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, licenciatura em história pela Universidade Cândido Mendes e mestrado em Estudos e Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Como havia dito antes, eu estou aqui no órgão, eu sou ingresso por concurso público, concurso do Instituto Brasileiro de Museus do ano 2010, e nessa função no MSM há seis anos.

**Pesquisador:** Evaldo, na sua opinião, os recursos que são destinados ao museu, os recursos financeiros destinados ao MSM, eles permitem que o museu desenvolva, ofereça ou mantenha novas ações educativas?

**Evaldo Portela:** Isso é bem, a verba que possuímos né, ela termina anual né, ela termina sendo utilizada para conservação dos museus né, que estão abaixo do guarda-chuva do IBRAM, no total são 30 museus entre eles o MSM. Então, essa verba anual que é garantida, ela vai para manutenção, né, limpeza e conservação, é segurança, recepção, monitoria etc. É, para parte de Educacional, mais especificamente é sazonal. Nós temos dois eventos anuais que é a Primavera de Museus e a Semana Nacional de Museus, que sempre há recursos destinados para tal. Fora disso é, se a administração do museu, é, quiser implantar né, estudar, elaborar e executar um projeto voltado à área educacional, ela precisa instruir um processo e esse vai ser submetido e se não houver, é, contingenciamento né financeiro ele é aplicado mas, nós usamos no caso do Monjardim, os primeiros dois anos de gestão 2018/2019, usamos bastante, assim a criatividade e foi bem atrativo né, batemos recorde de visitação anual do Museu, da história do museu, é, e que demandou apenas a criatividade e ampla divulgação, o museu tem um grande potencial, possui singularidade e isso é um grande atrativo ao público.

**Pesquisador:** Evaldo, é, dessa resposta sua, surge uma pergunta: qual é a média de visitas ao museu durante um ano?



**Evaldo Portela:** Não, 2018 foi antes da pandemia né? É de 2018 e 2019, a média estava em torno de, gerando em torno de 10.000 visitantes anual, né? Antes dessa atual gestão a média estava girando em torno de 6.000 anual. Após a pandemia houve um fenômeno observado não só aqui no museu, mas em várias instituições culturais, é, teatro, cinemas, né, parques etc. Uma diminuição que atualmente a gente vê gradativamente sendo revertida, né, voltando uma normalidade. Eu costumo dizer que as pessoas acostumaram a ficar em casa ou desacostumaram a sair, mas nesse, após a, tivemos um período de fechamento do museu um período pandêmico e paralelamente também tivemos obras de recuperação estrutural do museu que contemplaram o telhado alvenaria piso e esquadrias né. Então, essas obras iniciaram em janeiro de 2020, terminaram em março de 2021 e com a melhoria do quadro pandêmico, os museus foram autorizados a reabrir e o nosso museu, o MSM foi o primeiro do Estado e o primeiro do IBRAM e abrimos ao público em 15 de setembro de 2021 e de lá para cá, temos uma média aí uma média de visitação mensal, de agora esse ano de 2023, estávamos numa média mensal de 700 visitantes mês. Outro fenômeno que também observamos, é foi né, além desse do quadro pandêmico né, anteriormente nos dois primeiros anos dessa gestão 2018 e 2019, pela primeira vez o número de público né de visitantes espontâneos superou o de escolar, até então anterior a 2017 ainda, a média era de 65%, 70% de visitação de escolares, eu digo de escolares de Ensino Fundamental. A gente continua ainda com uma boa média, os museus são muito procurados pelas escolas, mas o público espontâneo, o público adulto, é, turistas, de nível escolar superior também cresceu muito né então ele superou também fundamental.

**Pesquisador:** Evaldo, mais uma pergunta que sai do roteiro: a maioria dos alunos que vêm aqui, os estudantes são de escolas públicas ou escolas particulares?

**Evaldo Portela:** Ó é, eu acredito que elas estão bem ombro a ombro, é difícil identificar assim, se uma ou outra supera, mas se superar é pouca coisa, mas elas estão bem igualitárias.

**Pesquisador:** Na sua opinião Evaldo, o que o MSM apresenta em suas exposições são relevantes para os alunos das escolas de Educação Básica?

**Evaldo Portela:** É primordial, penso, que a preservação da memória e do passado da história ajuda muito na criação do sentimento identitário na criança, porque ela vai sentir acolhida na sua identidade, porque se essa preservação das origens da história, daquilo que ela pode se orgulhar, e até criticar, é, sem isso ela fica sem identidade, fica sem referência. É aquela velha primícias né: só quem cuida, só quem preserva é aquilo que se conhece. Então, o museu, ele apresenta até mesmo na sua área expositiva, na sua área externa, na sua área verde a importância da preservação, do cuidado do viver juntamente, com conviver com a natureza a preservação e o respeito aos bens imóveis do passado, que são partes identitárias também, o próprio acervo do museu que mostra como era o estilo de vida de uma família dos séculos passados, que são opções pouco encontradas nos grandes centros. Então a gente precisa ter essa referência, para criança despertar um senso crítico do que pode ser melhorado, do que não pode ser repetido, para que possamos ter uma sociedade melhor no futuro.

**Pesquisador:** Evaldo, o MSM tem um programa de divulgação de seus acervos junto

às escolas de Ensino Fundamental? Se tem, quais são esses canais de divulgação junto às escolas?

**Evaldo Portela:** Não, ainda não temos, nós estamos há anos já na construção de um site, os museus do IBRAM passaram por esse processo, confesso que foi uma coisa bem burocrática né? Mas, está agora no forno quase saindo, então esse site vai ser um meio de comunicação, nós temos um e-mail que disparamos quando tem eventos específicos no museu disparamos para esta rede escolar, mas a divulgação assim mais específica para o Ensino Fundamental não temos ainda, está sendo trabalhado o que temos é uma divulgação já virtual de parte do nosso acervo arquivístico e da coleção e da coleção museológica na plataforma Taínam, que é um projeto advindo da Universidade Federal de Goiás e é o que temos atualmente é isso.

**Pesquisador:** Então os professores espontaneamente ou as escolas entram em contato com o museu e fazem o agendamento né?

**Evaldo Portela:** Exatamente, porque grupos assim maiores, principalmente escolas, nós temos esse controle porque na área externa é livre, mas na interna do circuito expositivo interno do museu a gente precisa dividir em grupos, de no máximo 15 pessoas, porque lembrando sempre que o prédio é um prédio adaptado, sua funcionalidade primeira era de residência, sede de uma fazenda e hoje é um museu, então a gente tem que ter essa adaptabilidade, essa racionalidade na circulação das pessoas.

**Pesquisador:** Você considera que os alunos das escolas de Ensino Fundamental recebem um preparo prévio para vir visitar o museu? Nós temos lido e estudado que é interessante que o aluno venha com a perspectiva e que receba um preparo prévio para estar aqui no museu. Você acha que eles têm recebido esse preparo?

**Evaldo Portela:** O museu conta com um vídeo, conhecendo os museus, um episódio e que quando agendamos a visita com as com as escolas esse link é enviado para escola para que eles façam uma prévia né, um briefing entre aspas antes da chegada aqui no museu, mas isso fica mais a carga dos professores da coordenação pedagógica das escolas. O nosso setor educativo, atualmente está defasado porque nossa servidora (que atua na coordenação pedagógica) está afastada, já tem alguns anos sem previsão de retorno e para suprir essa falta estamos agora em processo de troca de contrato de recepção para de monitoria e esse contrato vai ser iniciar agora esse mês, e acredito que essa com esse aporte dos monitores a exposição vai ficar mais atrativa e muito mais informacional, os grupos visitantes já serão acolhidos pelos três monitores desde a entrada do museu, lá na parte de baixo, à recepção desse grupo e o monitor já vai vir subindo com essas crianças já expondo a área externa, falando de nossos equipamentos externos, de nosso anfiteatro o toldo multiuso, as peças que temos em exposição em nossa área externa, e depois isso é complementado na visitação interna. Então vai melhorar muito essa questão informacional e consequentemente aumentar a atratividade na visitação.

**Pesquisador:** Eu gostaria de saber, Evaldo, se você considera importante que as turmas de Ensino Fundamental voltem ao museu para visitá-lo numa segunda ou terceira vez? Se você acha importante que eles voltem para uma segunda ou terceira visita da mesma exposição?

**Evaldo Portela:** Sim, considero importante, mesmo porque nós estamos sempre, pelo menos semestralmente, uma vez por semestre, há uma rotatividade dos objetos expostos e também executamos exposições temporárias. Fora as atividades educacionais e culturais que pretendemos retomar agora com o início desse contrato de monitoria. Acho importante o primeiro olhar, nunca substituí um segundo olhar, o terceiro olhar né? O museu tem um diferencial, ele está inserido em um parque público, temos atividades, também, na área externa, é um lugar aprazível e as próprias escolas são convidadas a utilizarem desse espaço público para as atividades delas. -Ah! A gente precisa de uma área externa para executar um projeto, o museu está aberto a isso. Então, penso assim: é super válido sim o retorno, uma, duas, três ou quatro vezes.

**Pesquisador:** Evaldo, os alunos da Escola Fundamental quando vem visitar o MSM, eles têm oportunidade para fazer perguntas e tirar dúvidas? Quais as perguntas mais costumeiras ou quais as curiosidades mais frequentes que eles têm?

**Evaldo Portela:** Então como a gente passou um período agora né com essa defasagem da falta da educadora, ela supria todas essas perguntas né. Então com a falta dela a exposição teve que ser adaptada para que fosse auto elucidativa e também foi conversado com os professores que acompanham essas crianças que eles dessem esse aporte com o início da monitoria especializada esses três colaboradores, esses três profissionais serão treinados né, com a história regional, com a história do Brasil, eles já possuem essa formação, isso foi pedido no termo de contrato com a empresa, estarão aptos a responder toda e qualquer pergunta. Mas a pergunta mais comum é: Poxa de quando essa casa? Aí eu respondo dando um desafio, eu falo para eles assim: Eu tenho quase certeza que essa é a casa mais antiga que vocês já entraram. Eles perguntam como assim? Eu respondo é porque ela é do final do Século 18, é de 1780. Eles dizem: nossa há quanto tempo. Então essa é mais ou menos essa pergunta. É por isso que eu falo para eles da importância de se preservar o prédio, porque ele é um dos poucos exemplares, desse estilo colonial rural no Brasil. Então, a gente desperta esse sentimento de preservação de preservação neles, mas a curiosidade principal deles é saber do prédio. O próprio prédio já é o carro chefe da visita, depois vem o acervo, mas o carro chefe, a estrela é o próprio prédio, ele já vale a visita né?

**Pesquisador:** Evaldo, eu percebo que no museu tem uma exposição histórica de móveis, de mobília e, também, o próprio prédio, como você disse, mas tem, também, um acervo religioso. Eu queria saber de você se esse acervo religioso desperta curiosidades, interesses por parte dos alunos de Ensino Médio, de crianças e de adolescentes.

**Evaldo Portela:** Sim, lembrando que o acervo que compõe as coleções do MSM, são advindas de dois museus, o antigo Museu de Arte Sacra que funcionava na Igreja de Santa Luzia e o Museu Capixaba. E outras peças foram compradas, doadas, peças que (peças de mobiliário, etc). A coleção de artes sacras é bem significativa, como disse antes ela advém do Museu de Arte Sacra que funcionava na capela de Santa Luzia, um espaço bem limitado. Então, com a criação do IBRAM pela Lei 11.904 de 2009, esses museus federais passaram a ser geridos pelo IBRAM e antes anteriormente era pelo IFAM. Então, esse acervo também veio a ficar sob

responsabilidade do IBRAM. Acervo de arte sacra sempre desperta, não só aqui, mas em qualquer instituição museológica que possua uma coleção de arte sacra, sempre desperta uma curiosidade por conta da sua manufatura, por conta da história agregada, por conta do seu processo identitário né, então, ele sim, eles têm curiosidade sim quando visitam, fazem bastantes perguntas né. A gente usa de técnicas de mostrar a exposição, a gente chama atenção para os olhos das imagens por exemplo, dá uma olhada vocês arriscam a dizer de que são feitos esses olhos? A eles ficam assim na dúvida, são olhos de vidro. A gente mostra também o tipo de material usado, madeira policromada, terra cotrem, etc. Então, existem muitas perguntas, muitas curiosidades em torno do acervo de arte sacra e a gente sempre procura também desassociar, o máximo possível, da obra de arte em si, que é a imagem, da religião específica. Então é acervo de arte sacra, não existe nenhuma tendência a determinada religião. A gente sempre foca no fator histórico do objeto.

**Pesquisador:** Evaldo eu gostaria de saber se você poderia detalhar, um pouco, alguma curiosidade ou alguma experiência que é positiva ou negativa, que você teve com alunos do Ensino Fundamental em suas visitas, pode ser qualquer experiência que você achar interessante.

**Evaldo Portela:** São muitas né, agora puxar da memória assim é difícil, mas existe uma é que é meio que comum né? Mas, isso não consigo agora lembrar uma específica, mais individualizada, mas existe uma que é mais comum é que muitas crianças saindo daqui assim com uma experiência assim, é inédita para elas né? Para muitas delas, foi o primeiro museu que conheceram, muitas delas saem com uma boa impressão porque é um museu diferenciado né? Ele tem uma área externa aprazível, eles vêm para cá e fazem o lanche deles na área específica, fazem o piquenique né? Então, eles saem daqui com essa boa impressão, né? De acolhimento, e eu tenho a certeza absoluta que isso fica gravado na memória afetiva deles. Então, isso é notório, a gente observa isso em conjunto né? Acompanhando as visitas, acompanhando o retorno ao final da visita, todos eles comentam isso, elogiam bastante as crianças que visitam. E experiência negativa, estou sendo sincero, não lembro de muitas não, houve sim, mas é de pré-adolescentes, de adolescente que foge ao está no recorte aqui da pesquisa.

**Pesquisador:** Evaldo, eu gostaria de ter um material didático, que fosse levado para as escolas pelo museu, falando sobre as possibilidades da Educação no MSM, entendeu? Um material didático que fosse oferecido ao museu, para que o museu pudesse ser apresentado às escolas?

**Evaldo Portela:** Sim claro, qual gestor de um museu que não gostaria disso né? Esse material, penso como profissional, pode ser trabalhado para uma exposição itinerante né? Uma maleta, digamos assim, que o museu vai às escolas né? E aquilo seria uma espécie de degustação (entre aspas), para ativar a curiosidade e o interesse das escolas para uma visita *in-loco* no futuro. E esse material, também, pode ser nesse formato, com a ida de um profissional, nós temos pouquíssimos servidores, contando comigo somos apenas quatro, sendo uma em vias de se aposentar, precisamos aí de um concurso para reforçar os recursos humanos. Então, essa parte de visitar os museus na escola, por conta dessa logística fica mais dificultada, mas um material impresso que pode ser levado ou enviado às escolas, também, é uma maneira de contemplar essa demanda.

**Pesquisador:** Você teria alguma sugestão de tema para esse material? Por acaso, você teria alguma sugestão de tema?

**Evaldo Portela:** Oh, desde que aqui cheguei, eu sempre costumo falar ou tracei uma estratégia de gestão, é apresentar o museu para quem não conhece e apresentá-lo para quem já o conhece. Então, o cerne dessa questão aí, é apresentar mesmo o museu, esse seria o tema: apresentar o museu e ver a importância dele na complementação da formação do aluno do Ensino Fundamental.

**Pesquisador:** Evaldo, eu quero encerrar essa entrevista, ela é interessante né? Eu queria saber se você é feliz trabalhando com museus? Se você pudesse voltar no tempo, você faria museologia de novo? Isso é uma coisa que atrai a cada dia? As experiências do dia-a-dia têm sido boas para sua vida? Você acha que o museu é uma coisa que vale a pena?

**Evaldo Portela:** Eu acredito que quando a gente faz o que gosta e identifica que tem uma certa vocação, o trabalho se torna prazeroso né? Eu tenho outras formações anteriores a museologia totalmente diferente né? Eu fui fazer museologia porque desde a minha tenra idade, eu gostava de história de arqueologia, então quando eu conheci a museologia no Rio de Janeiro na Universidade Federal, isso me despertou uma curiosidade e fui lá, e gostei muito da grade curricular que é um leque bem amplo de História, de Antropologia, de Sociologia, Arqueologia. Enfim, isso me atraiu bastante. Eu ingressei em 1994, na época só havia duas universidades no Brasil que ofereciam a graduação, a Federal da Bahia e a Federal do Estado do Rio de Janeiro, e de lá para cá a partir de 2003, quando foi implantado da política nacional de museus, houve um avanço muito grande, hoje, são 15 Universidade que oferecem a graduação no Brasil, sendo 2 particulares e as restantes públicas, os museus estão num processo de quebra desse estigma de lugar de coisa velha, porque isso nada mais é do que um estigma que foi criado, porque no Brasil, no caso do Brasil, o maior segmento de museus é o museu histórico, são museus históricos, que é o nosso caso aqui. Então, por muitas décadas esses museus foram depositários de objetos, assim fugiam, até mesmo, da proposta museológica da exposição. Então, hoje já existe uma política de aquisição de acervos, de descartes de acervos, paralela a isso a divulgação da importância da museologia em si. Então, esse estigma vem sendo quebrado aos poucos e eu sou testemunha viva disso, vejo uma evolução nesse caso. Então, para finalizar, sim, sou feliz com o que eu faço é um desafio diário, isso não difere de nenhuma profissão, todas elas são desafios diários. A cultura no Brasil necessita ser mais valorizada na questão da preservação da memória e tudo mais que isso envolve, então, é um desafio. Sou feliz.

**Pesquisador:** Evaldo, muito obrigado por você ter participado dessa entrevista, eu sei que é um momento difícil para vocês, com trabalhos de vocês. Eu deixo esse momento, agora, para sua palavra final de agradecimento e também de chamada para esse tema interessante que é o museu.

**Evaldo Portela:** Em nome do museu eu agradeço esse meio de divulgação, rogo que você obtenha sucesso no seu trabalho, na sua dissertação. A minha dissertação, também, foi voltada à área de museus, tratei do binômio: o museu e o lazer. E isso chamou atenção na época, em 2015, porque havia ninguém que falava dessa

correlação museu e lazer. É estranho, chama atenção, porque o lazer é inerente ao museu, você vai ao museu para quê, além de ter conhecimento? Para lazer né? Então, eu agradeço em nome do museu e desejo sorte.

## **2 - Entrevista com servidor do MSM – Antônio Schwab Correa**

**Pesquisador:** Bom dia, Antônio! Nós estamos aqui para a entrevista com mais um dos monitores do MSM. Hoje é dia 11 de janeiro de 2024 e agora são 9h54, essa entrevista é semi-estruturada com profissionais do museu.

**Antonio Schwab Correa:** Bom dia Jorge! Fico feliz de está participando né auxiliando na sua pesquisa, vou me apresentar, meu nome é Antônio Schwab, eu sou graduado em história pela UFES em licenciatura e bacharelado e no momento trabalho como monitor no MSM.

**Pesquisador:** Ok, bom dia Antonio! Primeira pergunta: você poderia falar um pouco da sua formação, eu quero saber há quanto tempo você trabalha no MSM e se você já teve oportunidade de trabalhar em outras áreas de história?

**Pesquisador:** Eu quero saber se na sua opinião e na sua visão, os recursos que são destinados ao MSM, permitem que o museu desenvolva ou ofereça e mantenha novas ações educativas?

**Antonio Schwab Correa:** Para responder essa pergunta eu tenho que começar dizendo que a minha opinião nesse quesito tem que ser levada com um pouco de ressalva. Eu tô aqui há pouco tempo e é trabalho na capacidade de recriador recepcionista, então, eu tenho pouco conhecimento sobre como são os processos mais específicos de arrecadação de recursos e alocação de fundos no que tange a administração do museu, isso não compete a mim e tá fora da minha da minha área. Porém eu posso falar no sentido mais amplo, quando a gente fala de recursos a gente não tá falando só meramente de orçamento de dinheiro, mas também de atenção de empenho na administração. Como um todo eu posso dizer que o museu tem diversos desafios a serem superados, no que tange a sua administração, empenho, dedicação e motivação dos gestores. No caso do IBRAM que é o instituto federal que administra a exposição do museu, ela tem que ser tem que ser elogiada, porque o museu passou por vários desafios, várias superações de questões de estrutura, de restauração, de criação de um acervo que possa ser educacional, mas, também, tem que ser tem que ser falado que o desafio ainda não foi vencido. Tem muito a se fazer é necessário que as devidas autoridades, os devidos administradores continuem a trabalhar nesse sentido, não só na questão de alocação de recursos, mas na questão do desenvolvimento de acervo que possa transformar o museu naquilo que ele é, um espaço de aprendizado, além do turismo, não só um espaço de lazer, mas de conscientização dos alunos.

**Pesquisador:** Na sua opinião as exposições do MSM são relevantes para alunos de escolas de ensino fundamental?

**Antonio Schwab Correa:** Na minha opinião sim, são muito relevantes, inclusive é fundamental e necessário, sobretudo, no caso do estudo da história do ES, que os

alunos do ensino fundamental tenham contato com esses espaços. O estudo da história do ES em algumas medidas é desvalorizado, pode ser passado como menos importante, né, dentro da história, muitas vezes é uma coisa que fica um pouco de lado. Então, ter esse espaço para que os alunos vejam, né, que é uma coisa que faz parte da realidade deles, ajuda eles a conectarem a sua história e a sua experiência com o estudo da História, que é muito essencial ao meu ver.

**Pesquisador:** O MSM , no seu conhecimento, tem um programa de divulgação de seus acervos junto às escolas de Ensino Fundamental?

**Antonio Schwab Correa:** No meu conhecimento, no momento não há nenhum programa de divulgação do acervo, nem de promoção do roteiro, nem mesmo até de publicidade de divulgação do museu que envolvam as escolas do centro de sistema de educação estadual.

**Pesquisador:** Você considera que os alunos de escolas de ensino fundamental recebem preparo prévio para suas visitas aqui no MSM?

**Antonio Schwab Correa:** Isso depende, de maneira geral, qualquer incentivo que os alunos possam receber, qualquer preparo prévio que os alunos possam receber acerca do acervo do museu, como eu disse, tem que partir dos professores, ou geralmente parte dos professores, por parte do museu mesmo ainda não esse projeto nesse sentido, mas isso acaba acontecendo, na maioria das vezes, por incrível que pareça, nas vezes que nós recebemos as escolas, os professores mesmos tem preparado o material que envolva o acervo do museu com a proposta ou a matéria que está sendo estudada pelos alunos, geralmente isso feito através de pesquisas na internet, conteúdos sobre o museu que estão no youtube e afins, então o próprio professor em cima disso prepara o material que já deixa os alunos previamente mais preparados.

**Pesquisador:** Você considera importante e necessário que as turmas de ensino fundamental voltem ao MSM para uma segunda ou para uma terceira visita?

**Antonio Schwab Correa:** Eu considero que seria importante, seria fundamental, não só para agregar aquilo que as crianças desenvolveram por conta própria no seus próprios desenvolvimentos, no amadurecimento, mas também para ver um acervo mais renovado, um museu com acervo diferente, um museu renovado, transformado, reformado até. Isso é interessante para ver que o museu é uma coisa viva, que se transforma, que muda, que é mantido com muito trabalho.

**Pesquisador:** Os alunos de escola fundamental em visita ao MSM, eles têm oportunidades de fazerem perguntas e tirar dúvidas junto com vocês, se sim, quais são as perguntas mais frequentes, ou quais são as curiosidades mais frequentes que eles apresentam?

**Antonio Schwab Correa:** Sim, os alunos têm essa oportunidade, inclusive uma das partes mais interessantes, mais legais é de ser monitor e de fazer essa visita intermédio com os alunos, muitas perguntas e muitas dúvidas são coisas que você não esperaria, as crianças são bem criativas nessas perguntas. Às vezes o que mais chama atenção são os móveis, alguns móveis são bem curiosos, algumas coisas

antigas que talvez eles até reconheçam por história dos avós ou coisas assim, mas em relação a história o tema que é mais trazido, no caso do MSM, é o tema da escravidão, sempre se perguntam os alunos: se havia escravos aqui? Onde eles ficavam? É geralmente um tema recorrente que aparece na dúvida dos alunos.

**Pesquisador:** Antonio, eu tenho então a última pergunta da nossa entrevista, ou do nosso roteiro de entrevistas. Eu gostaria de saber se você gostaria de ter um material didático ou se você acharia interessante um material didático que falasse sobre as possibilidades da educação no MSM, se você tem alguma sugestão de tema, organização e desenvolvimento de atividades que atendam aos professores de escolas de ensino fundamental, auxiliando eles nas aulas?

**Antonio Schwab Correa:** Pessoalmente, é claro que produzir esse material, ou como isso seria feito, é claro que isso é uma coisa que passa fora da minha “ossada”, mas pessoalmente como educador eu acredito que seria essencial e de muito mais valia né, é um material que preparasse os alunos e que adequasse o que eles esperam ver, o que eles estão estudando nas suas escolas, como acervo do museu. Na visita isso se nota, fica muito mais enriquecida, muito mais dinâmica e muito mais aprazível para todos envolvidos quando os alunos têm conhecimentos que agreguem a visita.

**Pesquisador:** Antonio, eu quero perguntar a você, eu falei que seria a última pergunta, mas surgiu mais duas aqui e você fica à vontade para responder. Você tem notado alguma coisa, alguma atividade fora das quatro paredes do museu, mesmo no entorno do museu que está sendo desenvolvida, ou que acontece enquanto você está aqui?

**Antonio Schwab Correa:** Desde o primeiro momento em que eu cheguei no museu até aqui, fora do espaço do casarão, eu não tive oportunidade até no momento de presenciar nenhuma atividade sendo desenvolvida nesse espaço.

**Pesquisador:** Antonio, duas perguntas em uma só, você está feliz trabalhando nessa função, não estou perguntando se você está feliz no museu ou não, você está feliz nessa função de interagir com alunos e com visitantes? E eu quero perguntar a você qual é a sua percepção quando visitante vai embora, os alunos ou mesmo um visitante comum, eles vão embora alegres, eles vão com um sentimento de satisfação de ter aprendido alguma coisa, qual a sua percepção, que você percebe diante disso?

**Antonio Schwab Correa:** Se estou feliz? Eu acredito que um privilégio de trabalhar nessa posição, tendo saído da história, muitas vezes, é claro que como professor, o ambiente natural do professor é na sala de aula, mas às vezes na sala de aula a gente está muito distanciado do assunto que a gente está falando.

**Pesquisador:** Eu percebo que você é muito apaixonado pela história. Você concorda comigo?

**Antonio Schwab Correa:** É exatamente, é uma forma de está dando aula também, mas dentro da história, eu estou localizado fisicamente no local e no tema que eu estou falando, então ajuda muito e acho que agrega muito na transmissão do conhecimento. Sobre os visitantes, eu acredito que sim, que eles saem daqui felizes, realizados, os alunos eles ficam, claro, muito satisfeitos fazerem um passeio ao ar-



livre, de ver coisas diferentes, mas os visitantes individuais também eu acho interessante como muito saem daqui geralmente no momento final é o momento em que eles mais compartilham uma identificação pessoal com o museu, geralmente contando história de suas próprias vidas, coisas antigas, relembrando da casa de seus avós e eu acho isso interessante, ou seja, no final geralmente eles não falam sobre os conhecimentos específicos da história do museu dos “Monjardins”, isso é interessante, é bom que eles saiam daqui tendo aprendido isso, mas o mais importante que isso é que eles saiam deste lugar sentindo que este lugar é um pouco deles e que podem voltar sempre que desejarem.

**Pesquisador:** Antonio, eu quero te agradecer pela sua disposição, muito obrigado e eu quero saber se você tem alguma coisa a falar ou para se despedir.

**Antonio Schwab Correa:** É importante dizer que o MSM enfrenta muitos desafios ele é um local que é gerido por pessoas realmente se dedicam e realmente se importam com a história e isso faz a diferença eu acho que é um espaço que tem muito potencial e pode ser muito melhor aproveitado tanto para fazer eventos, tanto para integrar a comunidade, mas é de certa forma um espaço transformador, as pessoas que vêm, que fazem essas visitas se sentem mais conectados com a história do Estado e por consequência com a própria história.

## **ENTREVISTA COM PROFESSORES QUE REALIZARAM ESTUDO DE CAMPO NO MUSEU SOLAR MONJARDIM**

### **1 - Entrevista com a professora Gabriela Contão Carvalho.**

**Pesquisador:** Bom dia! Estamos aqui para iniciar nossa primeira entrevista com professores que visitaram o MSM. Professora seja bem vinda e tenho imenso prazer em entrevistar a senhora nessa pesquisa que falamos sobre museus e sobretudo sobre o MSM, museu que a professora teve oportunidade de visitar com seus alunos.

**Gabriela Contão Carvalho:** Bom dia! É um prazer para mim participar dessa pesquisa e espero colaborar com seus trabalhos e suas pesquisas.

**Pesquisador:** Você poderia se identificar falando um pouco de sua formação inicial, na instituição em que trabalha e o tempo de atuação na profissão?

**Gabriela Contão Carvalho:** Eu vou responder a primeira sobre minha formação inicial. Eu sou formada em História pela Universidade Federal do ES, aqui pela UFES, fiz mestrado também aqui, pelo Programa de Pós-Graduação de História, também da UFES. Eu finalizei meu mestrado em 2020 e sou professora, desde o período do mestrado eu atuo na rede pública, já atuei na prefeitura da Serra e, também, atualmente estou atuando no Estado, Secretaria Estadual.

**Pesquisador:** Na sua opinião, o Museu Solar Monjardim, tem potencial para desenvolver, oferecer e manter novas ações educativas para alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Gabriela Contão Carvalho:** Sobre o potencial do museu e novas ações educativas

para alunos do Ensino Fundamental. Até agora, assim, em todo meu caminho profissional eu atuei no Ensino Fundamental, então eu acredito que sim, que o MSM tem potencial para oferecer ações educativas. Como professora de História sim, principalmente na área da História do Brasil mostrando ali como as pessoas viviam antigamente. Tem uma estrutura muito bacana, o museu em si tem uma estrutura muito bacana. Quando fomos lá a guia foi super educada, explicou cada cômodo e eu acho que isso traz um imaginário para esses alunos e para esses educandos, de como as pessoas viviam antes, porque as vezes a gente dando aula, só na sala de aula fica muito abstrato e ali eles vêm a história no concreto mesmo, como era diferente e como foi o percurso para gente chegar na sociedade atual.

**Pesquisador:** Na sua opinião o que o Museu Solar Monjardim apresenta em suas exposições, são relevantes para alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Gabriela Contão Carvalho:** Eu acho que é de suma relevância as exposições do museu, as composições dos cômodos, como eram diferentes, não só os móveis, a estrutura, os objetos físicos, mas como esses objetos físicos estavam ligados a uma cultura, a uma sociedade completamente diferente. Então, através daquele espaço físico daquela exposição do MSM dá para explicar essa cultura, essa sociedade, que era uma sociedade diferente da nossa e a relevância desses costumes.

**Pesquisador:** Você entende que o Museu Solar Monjardim tem um programa de divulgação de seus acervos junto às escolas de Ensino Fundamental? Você acha que seria necessário um trabalho de divulgação por parte do museu?

**Gabriela Contão Carvalho:** Eu não sei, também, se é porque o museu fica em Vitória e eu sempre trabalhei na prefeitura da Serra, talvez pode ter assim, pode ter alguma coisa haver, mas acho que a questão da divulgação precisa ser, precisa melhorar, eu não acho que tenha, assim, uma divulgação relevante junto das escolas de ensino fundamental. Eu acho inclusive que poucos alunos, poucas escolas, poucos alunos tem acesso a esses espaços, a esses tipos de conhecimento e esse tipo de cultura.

**Pesquisador:** Seus alunos de escolas Ensino Fundamental receberam preparo prévio para visitar o Museu Solar Monjardim?

**Gabriela Contão Carvalho:** Falando da minha perspectiva, a visita ao museu está dentro dos estudos da História do ES, a visita ao museu fica incluída no rol de visitas de outros espaços aqui do Estado, espaços como centro históricos de Vitória. Quando comentamos acerca do espaço do MSM, os alunos ficaram curiosos e tiveram vontade de ir ao MSM. Eu não diria que foi um preparo prévio, mas os alunos ficaram sabendo um pouco do MSM e com a guia do museu, na visita, que forneceu mais informações aos alunos, ela falou da história do local e da exposição.

**Pesquisador:** Você considera importante, e necessário, que as turmas de Ensino Fundamental voltem ao Museu Solar Monjardim para uma segunda ou terceira visita?

**Gabriela Contão Carvalho:** Sobre uma segunda ou terceira visita, eu não sei se seria fundamental, pois os alunos perdem o interesse muito rápido. Logo de início acho que eles gostariam sim de uma visita no museu porque é tudo muito diferente e eles ficam maravilhados com essas coisas, mas na segunda vez, talvez eles ficariam

entendiados porque já teriam visto aquilo, achariam que não iam precisar prestar atenção novamente na guia e tudo mais.

**Pesquisador:** Nas suas visitas ao Museu Solar Monjardim, seus alunos tiveram oportunidade para fazer perguntas e tirar dúvidas? Se sim, quais são as perguntas e curiosidades mais frequentes?

**Gabriela Contão Carvalho:** Quando fomos ao museu, a guia foi totalmente aberta à perguntas, curiosidades e deixou a gente bem livre para fazer perguntas. Não tinha muita gente no MSM, tinha muitos objetos que eram diferentes e a gente não sabia muito o que era, tipo a escarradeira. Esses tipos de objetos que não fazem mais parte do nosso cotidiano. Então as curiosidades e dúvidas eram mais em torno dos objetos que estavam ali em exposição.

**Pesquisador:** Você poderia detalhar um pouco das curiosidades, ou algumas experiências, quer positivas ou negativas, das visitas de seus alunos de Ensino Fundamental ao Museu Solar Monjardim? Fale sobre essa experiência na visita.

**Gabriela Contão Carvalho:** Ah nessa visita só tenho pontos positivos, não tem nenhuma reclamação que eu possa fazer dessa visita. Assim, a estrutura do MSM é boa no que pretende, os guias são todos educados e simpáticos. As explicações, a exposição, os cômodos mesclando com a história que vem por trás, né, daquele espaço físico, então eu só tenho coisas boas para falar da experiência, eu voltaria lá, penso em voltar lá novamente e quem sabe, né, esse ano eu possa levar meus novos alunos para fazer uma visita lá.

**Pesquisador:** Você gostaria de ter um material didático sobre as possibilidades da Educação no Museu Solar Monjardim? Tem alguma sugestão de temas, organização e desenvolvimento de atividades que atendam aos professores de escolas de Ensino Fundamental, auxiliando-os nas aulas?

**Gabriela Contão Carvalho:** Nossa eu acho que um material didático sobre o MSM seria muito proveitoso principalmente para nós da nossa área, mesclando né, com a história do Brasil. Poderia ser um material com imagens, ou até mesmo um material digital, também, seria uma coisa muito benéfica. Eu acho que existe um interesse muito grande na história eurocentrada né, interesse nos grandes acontecimentos da história da Europa, enquanto que nós mesmos, aqui no Brasil, existe um desinteresse na história de nosso país “que é uma história chata”, e eu acho que esses tipos de mecanismos seriam muito benéfico para nos auxiliar em sala de aula.

## **2 - Entrevista com o professor Bruno Almeida Zamite**

**Pesquisador:** Bom dia, professor! Estou feliz por você participar de nossa pesquisa, seja bem vindo e espero que esse tempo seja muito precioso para nós. Vamos focar nossa pesquisa no assunto Museu Solar Monjardim, que foi o museu em que o professor levou seus alunos para uma visita guiada.

**Bruno Almeida Zamite:** Bom dia! Eu sou professor da rede pública, trabalho junto a Secretaria Estadual de Educação do Estado do ES como professor e, também, atuo

na Educação de Jovens e Adultos das instituições prisionais. Atualmente eu leciono no sistema prisional.

**Pesquisador:** Professor, na sua opinião, o MSM tem potencial para desenvolver, oferecer e manter novas ações educativas para alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Bruno Almeida Zamite:** Então, o MSM, ele é uma importante ferramenta né, para educação, nesse espaço a gente não só trabalha as questões é, da história né, como era vida de história, a função daquele edifício para a história do ES, mas, também, podemos propor ações, como eu sou da área de Geografia, dou aulas de Geografia, é propor ações sobre arquitetura, a localização, aquele espaço ali era tido como uma residência de verão para família Monjardim né, porque ela vivia no Centro de Vitória. Então dá para gente fazer essa comparação de distância, de periferia e de área rural dentro do contexto de Vitória, então esse edifício ele é muito importante, sim, como ferramenta para ações educativas.

**Bruno Almeida Zamite:** Mas há de se fazer uma ressalva nessa questão que seria até uma sugestão para o pessoal do acervo, da questão da família Monjardim, de sei lá, propor. Os administradores do presídio ofereceram uma proposta de educação anti-racista, porque a gente ver ali que aquele espaço ele demonstra uma elite, uma questão da grande massa branca colonialista que ocupou o Brasil, não que querendo acusar ou abonar a família Monjardim, mas acho que falta sim naquele espaço, ali, uma referência para propor junto aos estudantes, junto aos visitantes, junto a academicos que frequentam aquele espaço.

**Pesquisador:** Professor, na sua opinião, o que o MSM apresenta em suas exposições, são relevantes para os alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Bruno Almeida Zamite:** Sim, as exposições são relevantes quanto as tradições, ao meio de vida, como eram as condições sanitárias da época, acho que isso fica bem evidente quando se visita o museu, a questão de religiosidade daquele espaço, é a questão da altura do tamanho que as pessoas tinham através do objetos que a casa apresenta, hábitos higienicos que ficam bem evidentes, lá, para quem já visitou, a questão dos potinhos para escarros, das vasilhas de escarros, o buraco na porta, que é bem curioso, para facilitar a entrada do gato para caçar o rato. Então fica bem evidente, são detalhes que estou lembrando agora das visitas que eu já fiz com estudante e particularmente lá. Então, acredito que sim, que as exposições contribuem para a questão do Ensino Fundamental.

**Pesquisador:** Professor, você entende que o MSM tem um programa de divulgação de seus acervos junto às escolas de Ensino Fundamental? Você acha que seria necessário um trabalho de divulgação por parte do museus?

**Bruno Almeida Zamite:** Bem, é, sobre divulgação do MSM, eu acho que o ES como um todo ele peca nesse aspecto né, para saber da existência do MSM, por exemplo, eu soube através de um professor da UFES, o professor nos levou até lá em grupo, exatamente para fazer esse tipo de levantamento né, para vivenciar aquele espaço, é... porém as pessoas que passam ali, na Avenida Maruípe e observam aquele espaço, parece uma chacara com uma mangueira, com várias árvores, só que não há

informação, por mais que existam placas indicando que há um museu naquela região, por mais que haja uma divulgação bem razoável através de panfletos que tem que buscar lá ou em outros museus, não há uma espécie de roteiro ou um planejamento em indicado para as escolas. Eu acho que o museu e as instituições do ES, como um todo, elas não têm esse planejamento, não existe, pelo menos, eu nunca observei e não percebi. Eu não posso falar que não existe, mas eu nunca observei, nunca percebi a preocupação de haver sim um planejamento pedagógico constituído por professores que possam estar levando esses encartes, sei lá, criar uma cartilha, algo que possa estar servindo de divulgação, mas, também, de preparação para os professores visitarem esse espaço.

**Pesquisador:** Professor, seus alunos de escolas de Ensino Fundamental receberam preparo prévio para visitar o MSM?

**Bruno Almeida Zamite:** Então, no meu caso né, Geografia a gente sempre fala das transformações que o espaço sofre, e foi através disso que demonstramos no espaço mais confinado a proporção que o MSM tem e seu status frente a outros museus do Estado e fora dele dado as suas características arquitetônicas eu achei viável levar uma turma de sétimo ano lá, do Ensino Fundamental para mostrar como é a arquitetura, exatamente como eu já disse anteriormente, arquitetura, modo de vida, e para os estudantes perceberem essas transformações que aconteceram ao redor daqueles espaços ali. Então, é um local excelente para gente levar os estudantes, mostrar a eles a rugosidade que a Geografia trata na coleta cartográfica desses espaços, a rugosidades históricas que o espaço apresenta, então foi fundamental levar os estudantes lá.

**Pesquisador:** Professor, você considera importante, e necessário, que as turmas de Ensino Fundamental voltem ao Museu Solar Monjardim para uma segunda ou terceira visita?

**Bruno Almeida Zamite:** Sim, o retorno nesses museus é sempre importantes e é assim, eu acredito que seja exaurido no contexto da escala, da unidade escolar. Talvez não uma segunda visita, mas que sejam feitas visitas interdisciplinares envolvendo professores de outras áreas, por exemplo, como o caso do MSM, a gente pode envolver ali, professores de História, professores de Geografia, professores de Ciências né, dá para trabalhar vários aspectos ali, e sobre esse retorno, é, eu acho que quando, alias acredito que quando se faz uma visita inicial e quando ela é bem feita, fica o desejo de retorno como foi o meu caso, eu fui como estudante da Universidade Federal, depois voltei com meus estudantes, levei os meus educandos a esse espaço e já voltei isoladamente como particular. Eu acho que o desejo de frequentar esses espaços, também, é muito importante e essa sementeira, geralmente, pode ser, sim, feita através de professores e da escola.

**Pesquisador:** Meu caro professor, nas suas visitas ao MSM, seus alunos tiveram oportunidade para fazer perguntas e tirar suas dúvidas? Se a resposta for sim, quais eram as perguntas e curiosidades que eles mais tinham?

**Bruno Almeida Zamite:** Durante a visita, né, os monitores apresentam de forma bem clara os espaços do Solar, é não vou lembrar aqui quais perguntas foram feitas, mas os monitores, os responsáveis, lá, para guiarem nossa visita, eles são bastante solícitos,

foram na época, atenderam aos anseios dos estudantes e acaba sendo muito proveitoso esse momento, porque a figura do professor, ela acaba ficando ao lado disso como um observador também das perguntas dos alunos e transfere essa oportunidade do aluno construir com o monitor essas questões sobre o lugar trazendo informações bem subjetivas sobre o cotidiano, sobre hábitos de vida de quem viveu naquele espaço.

**Pesquisador:** Professor, você poderia detalhar para mim, um pouco das curiosidades, ou mesmo algumas experiências, positivas ou até mesmo, negativas, da ou das visitas de seus alunos de Ensino Fundamental, tá, ao MSM?

**Bruno Almeida Zamite:** Rapaz, sei lá, eu acho que falta naquele espaço alguma questão mais interativa, um material que o aluno possa trazer para gerar essa construção de conhecimento, até mesmo indicando os museus, indicando uma visita, uma construção histórica, indicando: “há! Se você foi ao MSM, para você enter um pouco mais da história vá ao museu X, frequente a igreja no Centro de Vitória, na igreja tal, vá ao município tal”. Criar um roteiro mesmo, para que o estudante, o visitante possa frequentar mais esses espaços, não só o Solar Monjardim.

**Pesquisador:** Professor, chegando ao final de nossa entrevista, eu gostaria de saber se o professor acha interessante termos um material didático de possibilidades da Educação dentro, ou, no MSM? Isso é, um material com sugetões, temas, organização e desenvolvimento de atividades que atendam aos professores de escolas da rede de Ensino Fundamental, auxiliando-os nas aulas? Você entende a nossa proposta?

**Bruno Almeida Zamite:** Então, acredito que materiais, eles, existem, são muitos, a gente tem aí uma vasta quantidade de obras que o governo do ES patrocina através dos seus editais, o próprio estudo geográfico do ES também produz muitos materiais através de seus associados, o Arquivo Público do ES tem muito material. Porém, falta a especificação quanto a idade, a série, o período que o estudante está utilizando esse espaço, sejam eles das séries iniciais, sejam do Ensino Fundamental II, sejam do Ensino Médio, sejam do EJA, a gente não encontra, né, esses materiais de fácil acesso e os poucos que a gente tem, as vezes não são tão específicos em se tratando, por exemplo, no caso do questionário a história do MSM, de quem viveu ali, qual era a rotina daquele espaço, qual era a geografia da época, como eram tratadas as pessoas que ali residiam, como era o transporte. Essas coisas a gente não encontra, a gente tem que minerar, construir através de leituras que as vezes nem mesmo permeia aquele espaço né, a gente tem aí uma centena de livros, inclusive né, que tratam dos períodos históricos de Vitória, do ES e de outros municípios ao redor da grande Vitória, mas que não são tão específicos quanto ao museu em si. Acredito que se fosse feito um roteiro didático, uma forma de cartografia, é sei lá, são jogos, há uma infinidade de formas de trabalhar aquele espaço. Seria muito importante alguém que conseguisse aglomerar tudo isso num contexto, sei lá, ou poderia ser construído um box com livretos que contasse a história dessas pessoas, né, a parte da arquitetura, nesse mesmo box um jogo ou um conjunto de jogos, pode ser cartas, tabuleiros, e até mesmo folhetos informativos, papel, gravuras para pintar, sei lá, várias, são várias as possibilidades que podem ser abordadas sobre aquele espaço ali. A questão da cantora Maísa, que ela é descendente dos Monjardins, que vinculou, inclusive, a nossa história à família Matarazzo em São Paulo, né, então é muito interessante este aspecto do que foi a família Monjardim, qual o contexto histórico que

está inserida, é quanto ela participou do contexto geral do Brasil no sentido cultural e quanto isso é escondido, também, pelo próprio museu. O MSM não tem essa continuidade da história, isso tudo para lá no museu, não falam quem são, por que foram, então, fica essa lacuna aí. Um abraço, obrigado por tudo.

### **3 - Entrevista com o professor Oziel Nazaré Abreu**

**Pesquisador:** Olá professor! Eu estou feliz por você participar de nossa pesquisa, seja bem vindo e espero que esse tempo seja muito precioso para mim e para você. Vamos focar nossa pesquisa no assunto Museu Solar Monjardim, que foi o museu em que o professor levou seus alunos para uma visita guiada.

**Oziel Nazaré Abreu:** Eu sou professor desde 1996, 1993 na verdade, entrei na faculdade em 1992 e me formei em 1996, e desde então eu venho trabalhando principalmente na rede pública, já trabalhei em algumas escolas particulares, mas me efetivei na prefeitura de Vitória e, também, na prefeitura de Cariacica e desde então estou trabalhando com Ensino Fundamental. Eu estudei na Faculdade de Filosofia de Ciência e Letras de Colatina e tenho muito orgulho da minha faculdade, foi com muita dificuldade estudando à noite, trabalhando o dia para se formar, sustentar meus filhos e graças a Deus deu tudo certo.

**Pesquisador:** Professor, a sua graduação compreende qual curso? É História? Mesmo estudando em uma faculdade de Filosofia, o professor fez História ou Filosofia?

**Oziel Nazaré Abreu:** Eu sou formado em História sim, a faculdade é Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina. Lá tinha vários cursos, Português, Geografia. Então é Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e lá tinha vários cursos relacionados à Humanas, eu fiz o curso de Licenciatura em História.

**Pesquisador:** Professor, na sua opinião, o MSM tem potencial para desenvolver, oferecer e manter novas ações educativas para alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Oziel Nazaré Abreu:** Eu entendo que sim, O MSM tem muito potencial, a localização é privilegiadíssima, acesso de vários lugares da cidade, eu entendo que sim, ele tem potencial para desenvolver um bom trabalho com as escolas, com quem desejar visitar e conhecer um pouco da história de Vitória.

**Pesquisador:** Professor, na sua opinião, o que o MSM apresenta em suas exposições, são relevantes para os alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Oziel Nazaré Abreu:** Apesar do grande potencial histórico que o MSM tem, ele não oferece muitas condições, tem acervo, tem história, mas está faltando a divulgação, falta chamar mais a população, as escolas para conhecer aquele espaço ali.

**Pesquisador:** Professor, você entende que o MSM tem um programa de divulgação de seus acervos junto às escolas de Ensino Fundamental? Você acha que seria necessário um trabalho de divulgação por parte do museus?

**Oziel Nazaré Abreu:** Respondendo a essa pergunta, a minha resposta é não. O museu, apesar de grande potencial e acervo relacionado com a história do ES, o museu não faz um ponte com as escolas, principalmente com as escolas de Ensino Fundamental. Ele poderia explorar muito mais aquele espaço ali, né. É, não tem divulgação e muitas vezes quando alguma coisa acontece, a gente fica sabendo depois que já está em cima do evento. Eu entendo, então, que a resposta é não, poderia ser muito mais aproveitado, mas até o momento eu não vejo nenhuma movimentação nesse sentido de que o museu vai trabalhar com as escolas, chamar os alunos para visitarem, então eu vejo nesse sentido ai.

**Pesquisador:** Professor, seus alunos de escolas de Ensino Fundamental receberam preparo prévio para visitar o MSM?

**Oziel Nazaré Abreu:** Quanto a essa pergunta, sim, na época da visita, inclusive nós fizemos em conjunto com outro colega professor de História, com quem a gente trabalhava no Versenilho e no Horlandino de Almeida Lucas, que são escolas de Vitória. Então, foi feito, sim, um trabalho mostrando aos alunos, em textos, o que a gente ia ver ali, a impotência daquele espaço para a história do ES. Então, houve por parte nossa, por esforço dos professores uma movimentação no sentido de explicar para os alunos o que seria feito, o que seria visto ali naquela aula de campo que nós iríamos fazer.

**Pesquisador:** Professor, você considera importante, e necessário, que as turmas de Ensino Fundamental voltem ao Museu Solar Monjardim para uma segunda ou terceira visita?

**Oziel Nazaré Abreu:** Eu acredito que sim né, seria muito importante o retorno dos alunos naquele espaço, né, conhecer um pouco mais, saber um pouco mais da história, ter condições de você passar alguns momentos ali dando uma aula sobre aquele espaço, sobre a importância daquela residência, daquela construção para história de Vitória e para história do ES. Então, eu acredito que sim seria importante que os alunos pudessem voltar aquele espaço para complementar o Ensino de História do ES.

**Pesquisador:** Professor, nas suas visitas ao MSM, seus alunos tiveram oportunidade para fazer perguntas e tirar suas dúvidas? Se a resposta for sim, quais eram as perguntas e curiosidades que eles mais tinham?

**Oziel Nazaré Abreu:** Olha, no dia em que visitamos o museu não. O espaço foi aberto, os meninos só foram visitando, olhando os espaços, mas não houve, não tinha uma pessoa ali preparada, só tinha alguém que zelava pelo espaço, né. Mas que tivesse alguém ali, um monitor para falar, para explicar a história do casarão, ali não, na época, ou no dia em que nós fomos não tinha não.

**Pesquisador:** Professor, você poderia detalhar para mim, um pouco das curiosidades, ou mesmo algumas experiências, positivas ou até mesmo, negativas, da ou das visitas de seus alunos de Ensino Fundamental, tá, ao MSM?

**Oziel Nazaré Abreu:** Ah sim, realmente, uma curiosidade dos meninos de que se



aquele casarão era mal assombrado, que se o espírito do barão percorria a casa, então é, essa é a única coisa que ficou na mente dos meninos na época em que nós fomos, essa questão da casa mal assombrada, que assustava, que a alma do barão ficava rondando, ali, o casarão, né. Então, essa foi uma das curiosidades que nós vivenciamos com os meninos ali.

**Pesquisador:** Você disse que seus alunos ficaram curiosos com o fato do museu ser mal assombrado ou que o espírito do barão estivesse pela casa. O professor considera que falta uma atração para jovens, adolescentes e crianças? O professor considera que o espaço é muito voltado para adultos ou que seja um ambiente muito silencioso ou que as exposições de fato levam as crianças a terem medo?

**Oziel Nazaré Abreu:** Eu acredito que a dinâmica do MSM é voltada para adultos mesmo, eu acho que deveria ter outras atrações que envolvessem mais as crianças, que pudessem atrair mais as crianças além dessa questão do sobrenatural e ver mais o lado histórico mesmo, a importância daquele lugar com algumas coisas que atraiam mais as crianças do Ensino Fundamental.

**Pesquisador:** Ainda insistindo na pergunta: como historiador, o professor acha que no cotidiano da casa, ou seja, no dia a dia da casa dos Monjardins era daquele jeito como está exposto? Tudo silencioso ou havia alegria e risos no recinto? A casa tinha escravos, você acha que os escravos trabalhavam sorrindo, com algazarra com risadas?

**Oziel Nazaré Abreu:** Ninguém que trabalha forçado trabalha alegre, restritos e longe de sua pátria, longe da família, quando os escravos era separados da família, né. Então, eu acredito que não, não existia alegria não, existia, sim, tristeza ao trabalhar e dar duro o dia todo e não receber salário nenhum

**Pesquisador:** Professor, chegando ao final de nossa entrevista, eu gostaria de saber se o professor acha interessante termos um material didático de possibilidades da Educação dentro, ou, no MSM? Isso é, um material com sugetões, temas, organização e desenvolvimento de atividades que atendam aos professores de escolas da rede de Ensino Fundamental, auxiliando-os nas aulas? Você entende a nossa proposta?

**Oziel Nazaré Abreu:** Adoraria, eu adoraria ter esse material, é, houve um período em que teve até uma, a Secretaria de Cultura divulgou um trabalho muito bacana, que falava de Vitória-Mar, ai tinha um álbum que os meninos iam completando figurinhas falando sobre a história de Vitória, sobre os monumentos de Vitória, então seria importantíssimo se essa política voltasse, principalmente por parte dos órgãos públicos, porque a gente sabe que realmente vai ser algo desperdioso e que isso não pode cair na conta dos alunos, né. Então seria importante que houvesse uma política para divulgar a história de Vitória, a história do ES através de álbuns, através de figurinhas, são coisas que os meninos gostam muito. Então, um álbum sobre a história de Vitória, sobre os monumentos de Vitória que eles pudessem completar, pudessem trocar figurinhas num momento e num espaço em que eles pudessem trocar figurinhas e que houvesse até um prêmio para quem completasse, então, eu concordo com essa pergunta e acho que realmente seria muito importante, seria proveitoso, seria maravilhoso, seria enriquecedor se houvesse uma política de divulgação através de um material didático onde as crianças do Ensino Fundamental pudessem ter acesso

a esse material.

**Pesquisador:** Eu percebo que o professor é um apaixonado pelo assunto de visitas aos museus, percebo que você fala com entusiasmo da importância dos alunos visitarem os museus. Eu quero saber o que você percebeu depois da visita que fez com seus alunos ao Museu Solar Monjardim, eu quero saber se seus alunos aprenderam muitas coisas, se eles ficaram empolgados e felizes com a visita?

**Oziel Nazaré Abreu:** Eu sou um apaixonado sim pela aula de campo, eu acho que na aula de campo os alunos aprendem com muito mais facilidades, porque está ali a história viva. Agora eu estou um pouco mais cansado, mas eu fazia muitas aulas de campo, na época a gente subia ali na Costa Pereira, subia na catedral de Vitória, visitava aqueles monumentos históricos do Centro de Vitória, o palácio do Governo, descia no Parque do Moscoso, fazia naquelas regiões um trabalho de recreação com as crianças e depois voltava para escola. Hoje estou trabalhando em outra escola no bairro Santo Antônio e a gente visita os espaços aqui, também, do cais do avião: o lugar que foi considerado o primeiro lugar onde a aviação funcionou no ES, hoje é um lugar abandonado. Visitamos, também, a Prainha de Vila Velha para mostrar o primeiro lugar que os portugueses chegaram, falando da história do ES. Então eu usei muito a questão da aula de campo, que além de ser uma aula muito atrativa, você tira o aluno da rotina da sala de aula.

**Pesquisador:** Professor, terminando a nossa pesquisa, eu quero te agradecer de coração pela sua participação, fiquei muito feliz com suas respostas, gostei de seu entusiasmo. Eu gostaria que o professor deixasse um mensagem final para esse pesquisador e para outros pesquisadores que falaram sobre a importância de visitas de alunos aos museus, falasse de como é importante frequentar os museus com alunos. Desde já muito obrigado por sua colaboração.

**Oziel Nazaré Abreu:** Eu que agradeço a oportunidade de estar compartilhando um pouco a minha experiência com você. Eu desejo isso ai, que você continue nessa empolgação de estudar, de progredir no conhecimento, se aprofundar no conhecimento, principalmente dentro história do ES, que é ainda uma área muito carente, a gente percebe que nós temos condições de avançar mais. Ai eu desejo para você boa sorte, que você se dê bem ai nos seus estudos, nas suas pesquisas sobre o museu, sobre a história do ES. Eu já estou encerrando a carreira, estou pendurando as chuteiras e se Deus quiser, acredito que até o final do ano, eu esteja aposentado, já dei entrada no processo de aposentadoria, faltam poucas coisas para serem apresentadas, alguns documentos para eu me aposentar, mas eu acredito que é importante, sim, o que você está fazendo, valorizar a história do ES, valorizar muito a nossa história, continue nesse entusiasmo, nessa pegada e que você possa avançar até o doutorado.

### **3 - Entrevista com o professor Martinho Guilherme Soares**

**Pesquisador:** Boa tarde, professor! Professor, estou feliz por você participar de nossa pesquisa, seja bem vindo e espero que esse tempo seja muito precioso para mim e para você. Vamos focar nossa pesquisa no assunto Museu Solar Monjardim, que foi o museu em que o professor levou seus alunos para uma visita guiada.

**Martinho Guilherme Soares:** Bom, primeiramente eu gostaria de agradecer o convite para participar da pesquisa, eu sou formado em Licenciatura em História pela UFES, possuo especialização em Ensino de História, também pela UFES, tenho mestrado em História Social das Relações Políticas e Doutorado em História da Educação, todos esses cursos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente eu sou professor da rede estadual de ensino do ES, a SEDU e também, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, o IFES. Bom essa é a minha atuação e embora tenha tido ai uma série de atuações tanto em prefeituras quanto no Estado eu estou ai desde 2016 na sala de aula.

**Pesquisador:** Prezado professor, na sua opinião, o Museu Solar Monjardim, tem potencial para desenvolver, oferecer e manter novas ações educativas para alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Martinho Guilherme Soares:** Bom, eu tenho o hábito de levar os estudantes no MSM e fiz isso por umas quatro ou cinco ocasiões, se me não falha a memória, e eu acho muito oportuno porque e sobretudo o ensino fundamental e se a gente for considerar o sétimo, o oitavo e o nono ano, é um momento em que a gente como professor de História estabelece ali o primeiro contato do estudante com as disciplinas, ou melhor, os conteúdos relacionados à história do Brasil e sobretudo, no caso do sétimo ano, a história do Brasil colônia e ai avançando para o oitavo e nono ano o Brasil Império e o Brasil República. Então, o MSM acaba sendo um ponto estratégico para nós, sobretudo, aqui do ES, porque ele permite ao estudante entrar em contato com essa atmosfera, não só, embora seja uma construção do Século XVIII e no contexto também do Século XIX, mas ele permite ao estudante entrar em contato com ele, trazendo essa atmosfera mais colonial. Então acaba sendo um espaço propício quando a gente está trabalhando e esse conteúdo próprio do Brasil chamado colônia, mas também, sobretudo já para explicar para os estudantes como que se dava a vida dessas famílias mais abastadas, que é o que a gente observa no MSM no Século XIX, no contexto já de transição para a República. Então de fato, se torna ai um espaço pontente, né, para gente poder trabalhar esses conteúdos de História, conforme eu disse, sobretudo o Ensino Fundamental.

**Pesquisador:** Na sua opinião o que o Museu Solar Monjardim apresenta em suas exposições, são relevantes para alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Martinho Guilherme Soares:** Bom, na minha opinião sim, até porque o contato, por exemplo, com os itens que integravam de fato, ali, o cotidiano dessas famílias mais abastadas do Século XIX, permite ao estudante de fato, compreender como que era esse *modus operandi* né, deste período, então de fato, a prataria, a louça na verdade, também a própria mobília acaba nos permitindo um mergulhar, fazer ai uma espécie de tour histórico, que com certeza potencializa ai, a aprendizagem do estudante.

**Pesquisador:** Na sua opinião o que o Museu Solar Monjardim apresenta em suas exposições, são relevantes para alunos de escolas de Ensino Fundamental?

**Martinho Guilherme Soares:** Bom, nesse ponto em específico, eu acredito que há uma carência de material informativo acerca do acervo do MSM, nós, por exemplo, que tivemos formação pela UFES, a gente acaba tendo um contato maior, até mesmo

pela divulgação que é feita pelos nossos professores, mas falta de fato informação sobre o acervo, né. Ai se for pensar naquele professor que está na escola há mais tempo né, a gente pega um professor com formação mais antiga, talvez retomando ai aos anos de 2000 a 2005, esse professor, muitas vezes, não sabe que o MSM existe, e mesmo sabendo fica a dúvida: o que está disponível ali? Como eu posso potencializar esse espaço para potencializar as minhas aulas? Então, eu acredito que falta. Eu, por exemplo, até comentei na primeira colocação: eu estou desde 2016 em sala de aula de diversas prefeituras aqui do Estado do ES e eu nunca vi nenhum material informativo divulgando, promovendo, informando mesmo sobre o que de fato consta ali no MSM, eu acho assim: é importante um trabalho de divulgação, né, e sobretudo um trabalho de divulgação referenciado historicamente, já com algumas pistas, algumas estratégias do que o professor pode utilizar, o que o professor de História pode utilizar para potencializar a sua aula, porque muitas vezes falta tempo de planejamento pra gente, então um material seria muito útil nesse sentido.

**Pesquisador:** Professor, nossa próxima pergunta está, mais ou menos, dentro da resposta que você acabou de dar, é sobre o trabalho de divulgação do MSM, sendo assim, eu quero saber se você entende que o Museu Solar Monjardim tem um programa de divulgação de seus acervos junto às escolas de Ensino Fundamental? Você acha que seria necessário um trabalho de divulgação por parte do museu?

**Pesquisador:** Seus alunos de escolas Ensino Fundamental receberam preparo prévio para visitar o Museu Solar Monjardim?

**Martinho Guilherme Soares:** Bom, esse é um aspecto essencial, embora o termo varie, por exemplo, aqui na Secretaria do Estado de Educação, como professores da SEDU, a gente costuma falar sobre visita técnica pedagógica, a depender do órgão, da instituição que você está atuando pode acontecer de falar de uma visita técnica, então, a nomenclatura varia, mas no final das contas acaba sendo a mesma coisa né, e ai é essencial e dependente do nome que se dê para essa atividade, atividade externa ao espaço escolar que a tende a conciliar a visita a um conteúdo previamente trabalhado na sala de aula e, sobretudo, informações sobre aquele espaço, né, por exemplo: como que se deu a construção daquilo que um dia, no caso do MSM, foi uma chacará, então, interessante trazer essas concepções previamente ali para os estudantes, até porque dessa maneira você consegue tornar a visita mais frutífera mesmo né, ai então, o aluno consegue de fato associar aquilo que ele está vendo ali, àquilo que foi trabalhado na sala de aula.

**Pesquisador:** Você considera importante, e necessário, que as turmas de Ensino Fundamental voltem ao Museu Solar Monjardim para uma segunda ou terceira visita?

**Martinho Guilherme Soares:** Olha eu, de fato, nunca havia me atentado para esse aspecto de como é interessante ou como seria, na verdade, interessante retornar ao MSM, por que eu não havia me atentado? Penso que, porque é organizar esse tipo de atividade no interior das escolas demanda um esforço e um esforço que não é só do professor, mas da equipe de coordenação, da direção, é da equipe de alunos com necessidades educacionais especiais, então, é todo um movimento que você tem que fazer para além de outras atividades e que acaba dificultando esse retorno, então, assim, é interessante sim, muito interessante, seria produtivo até para gente fazer uma comparação em termos de períodos históricos, né, então por exemplo: eu posso

trabalhar o Brasil colônia, eu posso trabalhar o Brasil republicano, tudo nesse espaço né? Chamando a atenção do estudante para algumas permanências e rupturas que a gente consegue observar ali no MSM, então, seria de fato interessante e frutífero retornar. Agora, é preciso conciliar isso com a viabilidade dentro das escolas né, muitas vezes, eu por exemplo, sou um professor que gosto de fazer viagem técnica, visitas técnico pedagógica, e aí eu tento diversificar ao máximo, até porque os conteúdos variam no curso letivo, então, por exemplo, na última ocasião eu estive com os meninos em Santa Teresa, para falar com eles exatamente sobre o processo de ocupação italiana aqui no nosso Estado, então, de fato, seria produtivo fazer, aí, um segundo ou terceiro momento.

**Pesquisador:** Nas suas visitas ao Museu Solar Monjardim, seus alunos tiveram oportunidade para fazer perguntas e tirar dúvidas? Se sim, quais são as perguntas e curiosidades mais frequentes?

**Martinho Guilherme Soares:** Olha eu, eu recordo assim, um pouco vagamente, mas o que é muito interessante quando se trata do público do Ensino Fundamental, e aí pensar o público do Ensino Fundamental do público regular né, a gente também tem a educação de jovens e adultos dentro do Ensino Fundamental, mas o que é muito interessante e acaba sendo recorrente é a dificuldade que o estudante tem de compreender, porque hoje está o MSM que é um museu hoje, está dentro de um bairro, o bairro Santa Cecília, aqui em Vitória e aí o menino não compreende – “ora, mas, isso aqui era uma fazenda no meio da cidade?” - Então a dificuldade dele, a curiosidade dele é de entender como existia uma fazenda, uma chacará alí, naquilo que hoje ele está vendo que é urbano, então para ele é difícil entender isso – “mas como?” - Então, as curiosidades geralmente giram em torno disso. Com isso vem a nossa intervenção né, no sentido de reconstruir – “olha, nós estamos falando de uma fazenda, que era originalmente jesuítica, essa construção aqui é do Século XVIII” – aí a gente vai fazendo as intervenções, mas por que? É muito comum que o estudante tenha dificuldade de nessa percepção de que é possível conciliar, então, a permanência histórica com a transformação, e aí entra de fato o papel, a importância dessas visitas, é essa potência que é voltar ao passado por meio do cultura material.

**Pesquisador:** Você poderia detalhar um pouco as curiosidades, ou algumas experiências, quer positivas ou negativas, das visitas de seus alunos de Ensino Fundamental ao Museu Solar Monjardim?

**Martinho Guilherme Soares:** Olha, se não me falha a memória, o MSM é vinculado ao Instituto Brasileiro de Museus, o Ibram né? E aí, o que eu sempre observo nesse tipo de situação em que eu levo estudante para uma visita é a falta de articulação institucional mesmo, né? Porque o menino fica muito curioso com o espaço, com as questões que cercam alí, por exemplo a mobília, eles prestam muita atenção: - “nossa existe ainda, professor, até hoje?” Mas, tem um aspecto, assim, negativo que é essa falta de articulação, primeiro o Ibram não divulga existência do MSM aonde devia divulgar, quer seja prioritariamente as escolas públicas, esse é um aspecto. Segundo é, quando você tenta fazer esse movimento de levar o estudante, falta na maioria das prefeituras, uma disposição, mesmo, da esfera administrativa no sentido de locar um ônibus por exemplo, né, no sentido de providenciar alimentação para os estudantes, então acaba que o professor assume todas as funções, para além de fazer a função

de estudar o que ele vai trabalhar com o estudante, né, de fazer o seu plano de ensino, o seu plano de aula, ele tem que assumir várias funções administrativas, quantas e quantas vezes eu faço isso até hoje, eu tenho que pegar o contato do motorista, orçar, além de escrever o projeto, de pedir autorização, escrever o bilhete para os pais, então, são questões que vão dificultando o nosso trabalho e mais que dificultar vai em larga medida desanimando de fazer esse tipo de visitas, porque os entraves acabam sendo mais fortes do que o incentivo para esse tipo de atividade. Um outro aspecto, uma área tão grande como a do MSM, poderia haver, por exemplo, uma imersão gastronômica, seria interessante, muito providencial, muito proveitosa para o estudante. Então, por exemplo, o estudante poderia degustar um alimento típico do Século XIX, por exemplo: um melado, é uma oportunidade que eu tenho para trabalhar com ele uma série de elementos sobre o aspecto culinário. Então, eu acho que isso sim, deixa a desejar.

**Pesquisador:** Você gostaria de ter um material didático sobre as possibilidades da Educação no Museu Solar Monjardim? Tem alguma sugestão de temas, organização e desenvolvimento de atividades que atendam aos professores de escolas de Ensino Fundamental, auxiliando-os nas aulas?

**Martinho Guilherme Soares:** Bom, eu acredito que considerando né, um pouco desse cenário que eu tentei sintetizar aqui, de como é que é organizar esse tipo de atividade, esse tipo de visita ao MSM, eu acredito que a elaboração de um material didático, sobretudo, para as questões ali relacionadas sobre o que o professor pode explorar em específico, ora, nós estamos falando de uma construção do Século XIX, o que que a gente tem em termos de História do Brasil no Século XIX, sobretudo quando a gente pensa nessas famílias mais abastardas, então seria algo nesse sentido já pensando, é sobretudo, a atenção para a República né, porque no momento em que a gente costuma trabalhar com estudantes, sobretudo, do nono ano, como que se deu a articulação do barões do café, é sobretudo, no estado de São Paulo, para o golpe republicano, então acredito que um material nesse sentido permitiria que o estudante compreendesse melhor como que de fato esse contexto histórico do Brasil do Século XIX acabou desenrolando, acredito que seria aí, interessante para o nosso trabalho enquanto professor.